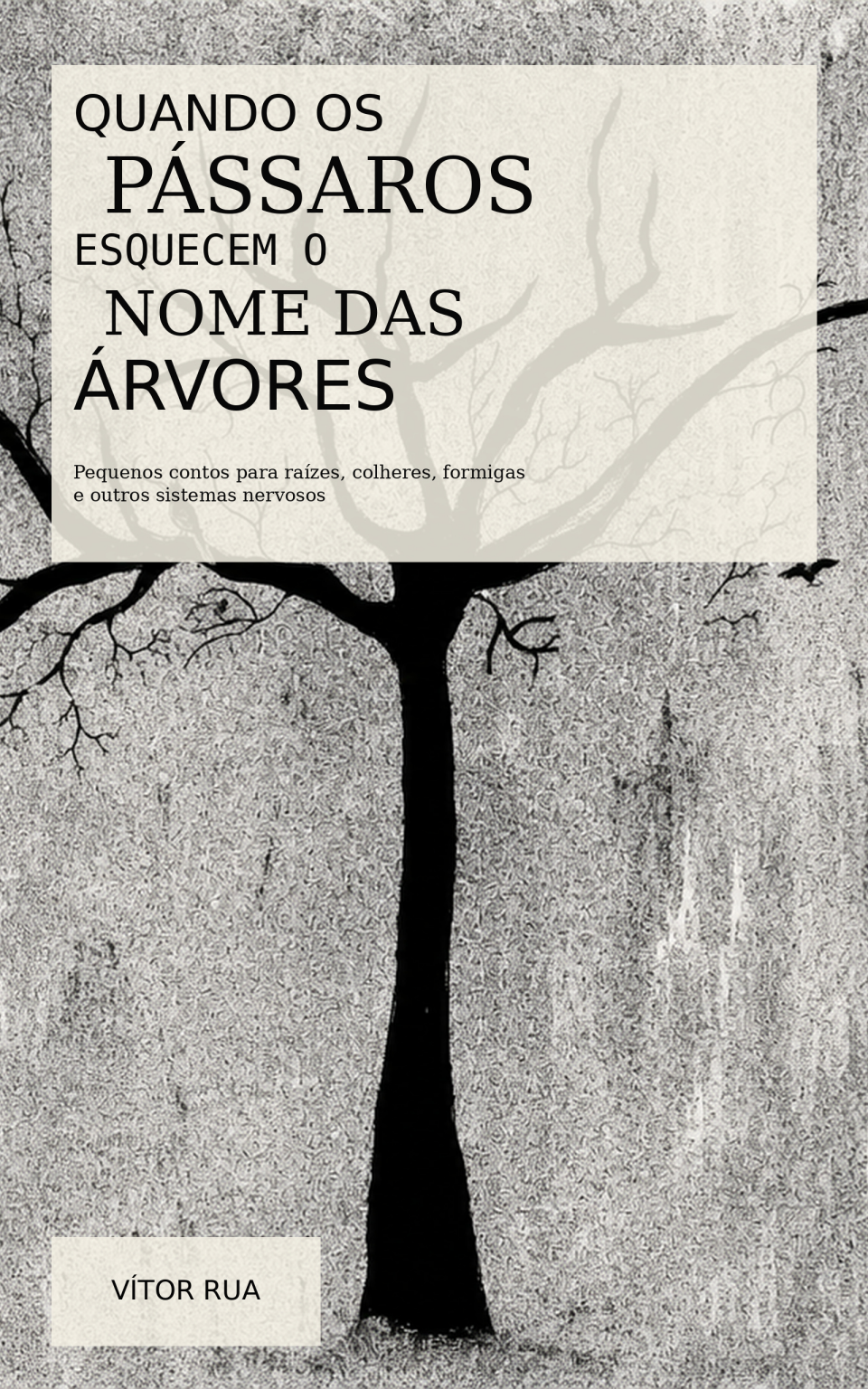


QUANDO OS PÁSSAROS ESQUECEM O NOME DAS ÁRVORES

Pequenos contos para raízes, colheres, formigas
e outros sistemas nervosos

VÍTOR RUA

QUANDO OS PÁSSAROS ESQUECEM O NOME DAS ÁRVORES

Pequenos contos para raízes, colheres, formigas e outros sistemas nervosos

Vítor Rua

ASOKA MIAU RECORDS · LISBOA · 2026

No princípio julgávamos que as coisas estavam separadas. Depois descobrimos que as raízes conversavam com as estrelas, que os rios liam a paisagem e que os pássaros transportavam palavras entre as árvores.

— Gaspar dos Silêncios, Tratado das Coisas que Ainda Não Tinham Terminado

AGRADECIMENTOS

Há pessoas que atravessam o mundo sem fazer ruído e, no entanto, alteram profundamente a paisagem. Não porque procurem deixar uma marca, mas porque escolhem, todos os dias, cuidar daquilo que muitos aprenderam a não ver. A Anabela Mayor pertence a essa rara espécie de seres humanos. Enquanto outros passam, ela pára. Enquanto outros classificam, ela acolhe. Enquanto outros desistem, ela continua. Nos seus dias cabem gatos sem casa, cães demasiado velhos para despertarem interesse, animais feridos, esquecidos ou abandonados, árvores, caminhos, leituras, poemas e um respeito profundo por todas as formas de vida que partilham connosco este planeta. Talvez este livro já existisse antes de ser escrito. Talvez estivesse escondido em muitos dos gestos silenciosos que ela pratica sem lhes dar importância. Porque os habitantes destas páginas acreditam exactamente naquilo que a Anabela vive: que nenhuma vida é pequena, que a delicadeza também transforma o mundo, que a Natureza não é um cenário, mas uma comunidade da qual fazemos parte, e que a verdadeira inteligência começa no cuidado. Que este vale de pássaros, raízes, pedras, rios, musgos, colheres, formigas e árvores encontre nela uma das suas habitantes mais antigas, mesmo que só agora tenha chegado às suas páginas.

PREFÁCIO

Este livro começa com um esquecimento. Um pássaro acorda antes do nascer do sol e descobre que perdeu o nome da árvore onde dorme. A árvore continua ali, intacta, paciente, inteira. O abrigo permanece. O ramo permanece. A sombra permanece. O que desapareceu foi apenas a palavra. Mas, como tantas vezes acontece, a perda de uma palavra altera a forma inteira de olhar. A partir desse pequeno desvio nasce um vale. Não um vale no sentido geográfico, mas uma comunidade de existências discretas: uma formiga que escreve uma enciclopédia impossível, uma raiz que decide conhecer o céu, uma colher que recorda a estrela de onde talvez tenha vindo, um musgo que coleciona silêncios, um rio que aprende a ler folhas, uma baleia que nunca viu o mar, um fungo que traduz as árvores, uma ponte que ensina as margens a imaginarem-se mutuamente. Nada aqui é exactamente símbolo. Uma pedra é uma pedra. Uma árvore é uma árvore. Um pássaro é um pássaro. Mas, se os observarmos durante tempo suficiente, tornam-se também perguntas. E talvez seja esse o verdadeiro movimento destes contos: não transformar a Natureza em metáfora, mas devolver-lhe a sua estranheza própria, a sua inteligência lenta, a sua vida anterior às nossas explicações. Ao longo destas páginas, os seres não procuram dominar o mundo nem resolvê-lo. Procuram antes escutá-lo. A

formiga organiza, mas aprende que nenhuma enciclopédia consegue conter o vale. O pássaro viaja, mas descobre que conhecer começa muitas vezes por perder um nome. A biblioteca guarda objectos, mas percebe que o mais importante não são as coisas isoladas: são as vizinhanças que nascem entre elas. Cada conto acrescenta uma pequena competência ao mundo: ler, esperar, traduzir, acolher, escutar, aquecer devagar, respirar em conjunto. Talvez por isso este livro se aproxime menos da fábula moral e mais de uma ecologia da atenção. Não há aqui lições evidentes. Há antes deslocações subtis. Um candeeiro aprende que iluminar não significa expulsar todas as sombras. Uma nuvem compreende que não precisa de autorização para mudar de forma. Uma folha demora um Outono inteiro a cair porque espera a luz certa. Um relógio deixa de medir o tempo como uma máquina e começa a escutá-lo como um ser vivo. A imaginação, neste livro, não é fuga ao real. É uma maneira de regressar a ele com mais delicadeza. Talvez uma raiz não flutue no mundo comum. Talvez uma chuva não aprenda literalmente o nome das pedras. Talvez um vale inteiro nunca respire ao mesmo tempo. Mas basta aceitar por alguns instantes essa possibilidade para que o mundo real se torne menos pobre, menos automático, menos apressado. Estes contos pedem uma leitura demorada. Não porque sejam difíceis, mas porque pertencem a uma ordem de acontecimentos pequenos. Uma gota que cai, uma folha que hesita, uma pedra que aquece lentamente, uma pergunta que encontra lugar para descansar. São acontecimentos discretos, quase invisíveis, e talvez por isso mesmo mais próximos da forma como a vida real-

mente se transforma. No fim, o pássaro talvez não recupere o nome da árvore. Talvez já não precise. Talvez descubra que há nomes que não cabem numa palavra, mas numa forma inteira de habitar o mundo. E talvez seja isso que este livro procura: uma linguagem capaz de se aproximar das coisas sem as fechar, de as nomear sem as reduzir, de as escutar sem exigir que falem a nossa língua.

ÍNDICE

01 / O Pássaro que Desaprendeu o Ramo

02 / Pequeno Tratado das Coisas que Tilintam Antes de Dormir

03 / A Enciclopédia das Formigas Distraídas

04 / Quando os Pássaros Esquecem o Nome das Árvores

05 / Erro de Sistema n.º 17

06 / Manual para Raízes Aerotransportadas

07 / Arquivo dos Sons que Nunca Aconteceram

08 / As Raízes Começam a Flutuar

09 / A Biblioteca das Migalhas Impossíveis

10 / O Candeeiro que Tinha Medo da Claridade

11 / A Nuvem que Preencheu um Formulário

12 / O Musgo que Coleccionava Silêncios

13 / A Baleia que Nunca Viu o Mar

14 / A Colher que Media a Chuva

15 / O Relógio que Atrasava as Estações

16 / O Rio que Aprendeu a Ler

17 / A Árvore que Recebia Cartas das Estações

18 / O Caracol que Arquivava Caminhos

19 / A Borboleta que Herdou um Mapa

20 / A Pedra que Gostava de Mudar de Lugar

21 / A Saudade que Aprendeu a Esperar

22 / A Árvore que Contava as Sombras

23 / O Vento que Recolhia Perguntas

24 / A Ponte que Nunca Escolhia um Lado

25 / O Jardim que Cultivava Hipóteses

26 / A Biblioteca que Começou a Sonhar

27 / A Estrela que Chegava Sempre Atrasada

28 / A Janela que Esperava pelo Amanhã

29 / O Eco que Procurava a Sua Primeira Voz

30 / A Chuva que Aprendeu os Nomes das Pedras

31 / O Horizonte que Mudava de Lugar

32 / A Semente que Não Tinha Pressa

33 / O Espelho que Preferia os Dias de Vento

34 / O Fungo que Traduzia as Árvores

35 / O Banco que Guardava Conversas Inacabadas

36 / A Chuva que Ainda Não Tinha Caído

37 / O Peixe que Coleccionava Reflexos

38 / A Folha que Demorou um Outono Inteiro a Cair

39 / O Caminho que Gostava de Ser Descoberto Devagar

40 / O Relógio que Aprendeu a Escutar o Musgo

41 / O Insecto que Desenhava o Vento

42 / A Pedra que Aprendeu a Aquecer Devagar

43 / O Lugar Onde as Perguntas Iam Descansar

44 / A Luz que Chegava pelas Raízes

45 / O Dia em que o Vale Escutou o Silêncio

46 / A Árvore que Aprendeu a Sonhar com os Pássaros

47 / O Dia em que o Vale Respirou ao Mesmo Tempo

48 / Quando os Pássaros Esquecem o Nome das Árvores

O Pássaro que Desaprendeu o Ramo 01



O pássaro acordou antes do nascer do sol e percebeu que se tinha esquecido do nome da árvore onde dormia. Não ficou imediatamente aflito. Os pássaros pequenos não costumam entrar em pânico sem primeiro confirmar algumas condições básicas: se o vento continua a mover-se, se as patas ainda agarram o ramo, se o bico abre, se o mundo mantém a inclinação suficiente para permitir o voo. Verificou tudo com cuidado. O vento existia. As patas obedeciam. O bico abria. O mundo, embora ligeiramente húmido, parecia funcional. Apenas o nome da árvore tinha desaparecido. Durante algum tempo tentou recuperar a palavra. Inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, como se a memória pudesse estar alojada numa zona específica do crânio. Experimentou nomes parecidos, embora nenhum deles fosse verdadeiramente parecido: mesa, nuvem, copo, avó. A árvore permanecia exactamente ali, com o tronco escuro, as folhas imóveis e os ramos oferecendo o mesmo abrigo de

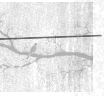
sempre. Esse era o aspecto mais perturbador da situação. Nada na árvore parecia ter mudado. O desaparecimento acontecera apenas dentro do pássaro, e, no entanto, modificava a relação inteira entre ambos. Decidiu perguntar directamente à árvore. Não esperava uma resposta rápida. As árvores nunca respondem depressa, e talvez seja precisamente por isso que quase ninguém lhes faz perguntas sérias. Ainda assim, aproximou-se do tronco e perguntou se ela se lembrava de como se chamava. A árvore demorou muito tempo. Depois deixou cair uma folha. O pássaro interpretou aquilo como uma espécie de sílaba e guardou-a debaixo da asa. Alguns minutos mais tarde caiu outra folha, e depois outra. Ao fim de uma hora tinha reunido doze folhas, três insectos, uma pequena aranha confusa e nenhuma resposta definitiva. Começava a suspeitar de que as árvores talvez não compreendessem a urgência dos nomes. Foi então que passou uma formiga transportando uma migalha maior do que a sua própria ambição. O pássaro perguntou-lhe se sabia o nome daquela árvore. A formiga pousou a migalha, olhou para cima, olhou para baixo e observou a árvore com a atenção prática de quem raramente perde tempo com questões verticais. Depois respondeu que não trabalhava com alturas. Pegou novamente na migalha e continuou o seu caminho. O pássaro ficou a pensar naquela frase durante muito tempo. Não trabalho com alturas. A princípio pareceu-lhe apenas uma desculpa. Depois começou a parecer uma profissão. Mais tarde pareceu-lhe uma explicação razoável para grande parte da vida subterrânea.

Quando o sol apareceu, a luz tocou no tronco e a árvore tornou-se, por alguns instantes, mais fácil de reconhecer do que de nomear. As folhas mexeram-se levemente. Um insecto atravessou a casca sem pedir licença. A sombra da árvore começou a desenhar no chão uma forma que talvez se parecesse com outra árvore, mas menos segura de si. O pássaro compreendeu então que talvez o nome não estivesse perdido. Talvez estivesse apenas espalhado. Um pouco no tronco, um pouco nas folhas, um pouco nas raízes invisíveis, um pouco na sombra, um pouco nos animais que a percorriam, um pouco no modo como a árvore ocupava aquele lugar sem pedir qualquer confirmação. Durante o resto do dia tentou viver sem o nome. Não foi tão difícil como imaginara. Descobriu que sabia onde pousar mesmo sem nomear o ramo. Sabia onde a casca era mais rugosa, onde o vento chegava primeiro, onde os insectos apareciam ao fim da tarde e onde a chuva demorava mais tempo a secar. A ausência da palavra obrigava-o a prestar mais atenção. Isso era cansativo, mas também produzia uma estranha alegria. Ao anoitecer, decidiu que, enquanto não se lembrasse do nome da árvore, lhe chamaria simplesmente “aqui”. Não era um nome exacto, mas tinha uma vantagem: não tentava substituir a árvore. Apenas indicava a sua presença. Nessa noite, antes de adormecer, o pássaro murmurou várias vezes a palavra “aqui”. Não como quem repete uma descoberta, mas como quem ensaia uma forma nova de pertença. A árvore, que talvez se chamasse de outro modo, não pareceu ofendida. Permaneceu imóvel, respirando lentamente pela folhagem, enquanto a pequena formiga desaparecia al-

gures no escuro com a sua migalha desproporcionada. O pássaro ainda não sabia, mas voltaria a encontrá-la muitas vezes. E, muito mais tarde, quando outros pássaros começassem também a esquecer o nome das árvores, compreenderia que aquela manhã não fora um acidente da sua memória. Fora o princípio de uma maneira diferente de olhar para o mundo.

PEQUENO TRATADO DAS COISAS QUE TILINTAM ANTES DE DORMIR

02



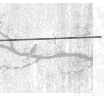
Havia numa cozinha muito antiga uma colher que tilintava sozinha todas as noites, exactamente às três e dezassete. O fenómeno repetia-se havia tantos anos que os restantes utensílios tinham deixado de se espantar. A chávena defendia que se tratava de ansiedade. O prato fundo atribuía o comportamento a uma vaidade mal disfarçada. A faca, que gostava de formular opiniões rápidas e definitivas, garantia que a colher apenas desejava chamar a atenção. A própria colher nunca respondia a essas interpretações. Limitava-se a esperar pela hora exacta e, quando o relógio invisível da cozinha atingia as três e dezassete, deixava ouvir um pequeno som metálico que atravessava o silêncio como uma gota de luz. O tilintar era quase imperceptível. Não tinha força para acordar uma casa inteira, mas bastava para interromper o sono de uma formiga particularmente inquieta ou de um insecto que se tivesse demorado demasiado tempo junto à janela. A colher sabia exactamente porque

o fazia. Antes de ser colher fora minério escondido nas profundezas da terra. Muito antes disso, fora apenas um conjunto disperso de elementos viajando lentamente pelo interior de antigas montanhas. E, antes mesmo das montanhas existirem, gostava de imaginar que fizera parte de uma estrela cujo nome ninguém chegara a pronunciar. Não tinha forma de provar nenhuma dessas memórias, mas também nunca sentira necessidade de o fazer. Certas recordações sobrevivem precisamente porque nunca são obrigadas a transformar-se em certezas. Numa dessas noites entrou pela janela um pássaro que trazia pousada na cabeça uma folha seca, como quem usasse um chapéu para uma cerimónia discreta. Era o mesmo pássaro que, dias antes, descobrira ter esquecido o nome da árvore onde dormia. Desde então adquirira o hábito de fazer perguntas a objectos que os outros consideravam incapazes de responder. Pousou cuidadosamente sobre a mesa e perguntou se alguém conhecia uma árvore sem nome. A cozinha mergulhou num silêncio constrangido. O bule fingiu estar vazio. A faca mostrou um súbito interesse pela própria lâmina. O prato fundo concentrou-se na redondeza do seu interior. Apenas a colher respondeu, deixando ouvir o pequeno tilintar habitual. O pássaro aproximou-se e perguntou se aquele som significava sim ou não. A colher permaneceu algum tempo imóvel antes de responder que algumas perguntas não escolhem entre duas respostas. Há nomes, explicou, que não vivem nas palavras. Vivem na maneira como a luz cai sobre uma superfície, no brilho que permanece depois de uma lavagem, na ferrugem que nunca chegou a acontecer ou no ruído quase

invisível produzido quando um objecto encontra finalmente o silêncio onde deseja repousar. O pássaro escutou com uma atenção rara. Repetia baixinho certas palavras, não para as decorar, mas para perceber como soavam quando permaneciam algum tempo dentro do bico. Descobriu que "brilho" não tinha o mesmo peso de "ferrugem" e que "queda" parecia pousar mais devagar do que "metal". Enquanto conversavam, uma velha harmónica adormecida numa gaveta acordou sem que ninguém a tivesse chamado. Primeiro abriu discretamente uma das extremidades. Depois deixou entrar uma pequena quantidade de ar. O som que produziu era tão fino que parecia desenhar um caminho invisível através da cozinha. A colher emocionou-se. Não porque reconhecesse a melodia, mas porque lhe recordava o tempo em que ainda fazia parte da terra e todos os sons chegavam através da pedra. O pássaro também se emocionou, embora não soubesse exactamente onde os pássaros guardam as emoções. Suspeitava que fosse algures entre a garganta e as asas, nesse lugar onde o canto se transforma lentamente em voo. Pouco a pouco, toda a cozinha começou a escutar. A chávena deixou de diagnosticar ansiedade. O prato fundo esqueceu a própria profundidade. A faca guardou durante alguns minutos as suas opiniões definitivas. Aproveitando esse raro silêncio, a colher contou-lhes que, por vezes, tinha saudades do tempo em que não servia para nada. Ser útil, confessou, era uma ocupação exigente. Todos esperavam dela uma função muito concreta e quase ninguém imaginava que também os objectos precisavam de recordar aquilo que tinham sido antes de se tornarem utensílios. O

pássaro permaneceu longo tempo a pensar nessa ideia. Olhou para as próprias asas e perguntou-se se um voo também poderia cansar-se de ser sempre voo. Quando a noite se aproximava do fim, aconteceu uma coisa extraordinária. Não tilintou apenas a colher. Um prego antigo respondeu do outro lado da cozinha. Uma pequena campainha esquecida junto à porta deixou escapar um som quase imperceptível. A gota suspensa na torneira encontrou finalmente o metal do lava-loiça. Até um alfinete perdido entre as tábuas do soalho pareceu participar naquela discreta conversa. Durante alguns segundos, a cozinha transformou-se numa constelação de objectos que recordavam silenciosamente a longa viagem que os trouxera até ali. O pássaro percebeu então que cada coisa transportava uma distância muito maior do que deixava ver. A colher guardava a memória da estrela. A harmónica conservava dentro de si o vento. A faca lembrava-se do relâmpago. O prato sabia qualquer coisa sobre a lua quando a sopa ficava completamente imóvel. Antes de partir, o pássaro voltou a perguntar à colher como deveria chamar à árvore cujo nome esquecera. A colher permaneceu em silêncio durante alguns instantes. Depois deixou ouvir um último tilintar. O pássaro sorriu. Desta vez não tentou traduzir a resposta. Limitou-se a agradecer e levantou voo. Desde essa noite, sempre que encontrava uma coisa cujo nome desconhecia, aproximava primeiro o ouvido. Aprendera que existem seres que respondem melhor pelo som do que pela palavra, e que, às vezes, compreender começa precisamente quando deixamos de exigir que tudo fale a nossa língua.

A Enciclopédia das Formigas Distraídas 03



A formiga começou a escrever a enciclopédia por causa de uma pedra. Não era uma pedra notável. Não era grande, nem especialmente lisa, nem possuía qualquer qualidade mineral que justificasse atenção prolongada. Estava simplesmente colocada entre duas ervas, numa zona de passagem frequente, e a formiga contornava-a todos os dias sem saber se devia considerá-la obstáculo, referência geográfica ou vizinha. A dúvida persistiu durante tanto tempo que acabou por se tornar inconveniente. Foi então que a formiga decidiu criar uma enciclopédia. Não uma enciclopédia sobre todas as coisas, porque essa seria uma ambição desproporcionada até para uma formiga intelectualmente exigente. Seria uma enciclopédia sobre as coisas que surgiam no caminho e que, por alguma razão, não podiam ser ignoradas. Começou pela própria pedra. Observou-a durante várias horas, em diferentes ângulos e com distintos graus de humidade. A pedra não colaborou. Manteve-se pedra com uma

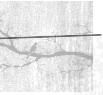
consistência que a formiga achou simultaneamente admirável e irritante. Depois de muito pensar, escreveu a primeira entrada: “Pedra: coisa que permanece onde está até alguém inventar uma razão para a deslocar.” Não ficou inteiramente satisfeita, mas aceitou a definição como provisória. A seguir acrescentou entradas sobre areia, antenas, abismos pequenos e assuntos impossíveis de transportar às costas. Esta última categoria revelou-se particularmente útil. A formiga começou a perceber que muitas coisas no mundo eram leves enquanto objectos, mas pesadas enquanto perguntas. A enciclopédia teve vários suportes, todos inadequados. Primeiro escreveu numa folha de alface, que foi comida por um coelho antes de chegar à letra B. Depois tentou uma casca de noz, que durante uma trovoada se transformou em barco e atravessou uma poça até desaparecer. Por fim decidiu escrever directamente no chão, entre a pedra inicial e outra pedra próxima, que talvez fosse apenas uma repetição da primeira, mas ligeiramente mais inclinada. Escreveu então: “Entre uma pedra e outra existe um corredor onde cabem uma migalha, três dúvidas e o barulho de uma coisa que ainda não aconteceu.” A frase pareceu-lhe comprida de mais. Reduziu-a para: “Entre uma pedra e outra existe.” Essa versão agradou-lhe bastante. Era curta, mas abria muito espaço. Durante a manhã, outras formigas passaram sobre a frase. Algumas leram, outras não, e algumas transportaram pequenos pedaços de terra onde partes das palavras tinham ficado inscritas. A formiga descobriu assim que o conhecimento, uma vez colocado no mundo, começava imediatamente a circular de modos difíceis de

controlar. A palavra “entre” foi parar debaixo de uma raiz. A palavra “existe” desapareceu dentro de uma papoila. Uma porção da letra “p” foi levada para o formigueiro e utilizada, sem qualquer preocupação semântica, na construção de uma galeria. A autora ficou preocupada, mas também interessada. Talvez uma enciclopédia demasiado estável fosse menos verdadeira do que uma enciclopédia sujeita a desvios, perdas e usos indevidos. Foi nessa altura que encontrou o pássaro. Ele aproximou-se porque a ouvira repetir em voz alta algumas definições e porque, desde que começara a esquecer o nome das árvores, desenvolvera grande interesse por trabalhos lexicográficos. Perguntou-lhe o que estava a fazer. A formiga respondeu que tentava escrever uma enciclopédia das coisas do caminho. O pássaro perguntou se nela haveria uma entrada para árvores sem nome. A formiga respondeu que ainda não chegara à letra A de árvore, o que era estranho, porque aparentemente já passara pela letra A várias vezes sem a resolver. O pássaro aceitou a explicação e sugeriu que talvez algumas entradas precisassem de ser escritas apenas depois de serem esquecidas. A formiga anotou mentalmente a proposta, embora a considerasse perigosa. Ao longo dos dias seguintes, a enciclopédia tornou-se menos um livro do que um método de observação. A formiga deixou de procurar definições definitivas e passou a recolher comportamentos. Notou que o musgo crescia melhor nos lugares onde ninguém tinha pressa. Observou que certas raízes pareciam escutar o solo antes de decidir a direcção a seguir. Reparou que o cascalho produzia sons diferentes conforme o peso de quem passava. Come-

çou também a interessar-se por acontecimentos incompletos: uma folha que quase caía, uma gota que quase escorria, uma sombra que quase mudava de forma. Mais tarde, quando descobrisse o arquivo dos sons que nunca aconteceram, perceberia que essa curiosidade já vinha de longe. Ao fim de algum tempo, a formiga percebeu que nunca terminaria a enciclopédia. A constatação não a entristeceu. Pelo contrário, trouxe-lhe uma certa tranquilidade. Uma enciclopédia terminada talvez fosse apenas uma forma elegante de desistir do mundo. A sua permaneceria incompleta, portátil e sujeita a acidentes meteorológicos. Quando chovia, algumas entradas desapareciam. Quando fazia vento, mudavam de lugar. Quando outras formigas passavam, levavam fragmentos para destinos imprevisíveis. A autora aprendeu a aceitar essas perdas como parte do trabalho. Numa noite particularmente calma, a formiga adormeceu entre as duas pedras que tinham dado origem a tudo. Sonhou que era enorme e que a sua enciclopédia cabia inteira dentro de uma única migalha. Ao acordar, fi cou aliviada por continuar pequena. Pegou numa migalha real e começou a transportá-la. A meio do caminho reparou que a migalha deixava no chão uma linha irregular. Durante alguns instantes pensou em corrigir o traço. Depois compreendeu que talvez aquela fosse a nova entrada da enciclopédia: “Migalha: coisa que alimenta enquanto escreve.” Continuou a andar. Atrás de si, o caminho parecia menos vazio.

Quando os Pássaros Esquecem o Nome das Árvores

04



Ninguém soube exactamente quando aconteceu. Mais tarde surgiram várias teorias. Alguns afirmavam que tudo começara após uma tempestade particularmente forte. Outros culpavam um Verão excessivamente quente. Houve quem defendesse que a responsabilidade pertencia ao vento, que passava a vida a transportar coisas de um lugar para outro sem grande cuidado. O certo é que, numa determinada altura, os pássaros começaram a esquecer o nome das árvores. Não se tratou de uma perda súbita e dramática. Pelo contrário, o processo foi discreto. Primeiro desapareceram alguns nomes menos utilizados. Depois começaram a surgir hesitações. Finalmente chegou um momento em que muitos pássaros já não sabiam dizer como se chamavam as árvores onde viviam há anos. O fenómeno produziu efeitos curiosos. Um pardal queria explicar a outro onde tinha encontrado alimento e descobria que não conseguia recordar o nome da árvore junto da qual crescera o arbusto em

questão. Uma melra regressava ao mesmo ramo todas as noites, reconhecia perfeitamente a textura da casca, a inclinação dos galhos e até os ruídos produzidos pelas folhas, mas era incapaz de dizer como se chamava a árvore. Os mais jovens não pareciam particularmente preocupados. Tinham crescido num mundo onde os nomes eram apenas uma entre várias formas de orientação. Os pássaros mais velhos, porém, fi caram inquietos. Alguns interpretaram o esquecimento como sinal de decadência cultural. Outros recearam que, sem nomes, as árvores acabassem por desaparecer da memória colectiva. Foi convocada uma assembleia. Realizou-se numa clareira onde coexistiam várias espécies de árvores, precisamente porque ninguém conseguia decidir qual delas deveria acolher a reunião. Compareceram dezenas de pássaros. A formiga também apareceu, munida de um pequeno bloco de notas destinado à enciclopédia. O debate revelou-se menos produtivo do que se esperava. Certos pássaros defendiam que os nomes deveriam ser recuperados através de um esforço sistemático de memorização. Outros sugeriam criar nomes novos. Um grupo particularmente pragmático propôs numerar as árvores. A proposta foi recebida com frieza. A ideia de viver numa árvore chamada “Número Dezassete” pareceu pouco inspiradora. No meio da discussão, uma andorinha perguntou se alguém tinha deixado de reconhecer efectivamente uma árvore por não saber o seu nome. A pergunta introduziu um silêncio inesperado. Durante os dias seguintes, o assunto continuou a ocupar conversas e preocupações. No entanto, à medida que o tempo passava, alguns pássaros começaram a reparar em

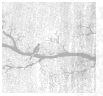
coisas que antes lhes escapavam. Sem o apoio imediato dos nomes, eram obrigados a observar mais atentamente.

Descobriam diferenças na textura dos troncos, na forma das folhas, no cheiro produzido após a chuva e até na maneira como cada árvore se movia com o vento. Um pássaro que antes distinguia duas árvores apenas pelo nome passou a reconhecê-las pela sombra. Outro aprendeu a identificar certas espécies pelo som produzido quando os ramos se tocavam. Lentamente, a atenção substituiu uma parte daquilo que a memória tinha perdido. O pássaro que mais tarde se tornaria amigo da formiga foi um dos primeiros a notar esta mudança. Durante algum tempo sentiu-se incomodado por não conseguir recordar o nome da árvore onde costumava dormir. Depois apercebeu-se de que conhecia muitas outras coisas acerca dela. Sabia quais os ramos mais seguros durante o vento forte. Sabia em que lado apareciam primeiro os insectos na Primavera. Sabia onde a chuva demorava mais tempo a secar. Sabia até quais os lugares onde a luz do amanhecer pousava primeiro. Um dia ocorreu-lhe que talvez existissem formas de conhecimento que não dependiam inteiramente dos nomes. A ideia parecia estranha, mas tornou-se difícil ignorá-la. A formiga acompanhou tudo com interesse crescente. Na sua enciclopédia acrescentou uma entrada intitulada “Nome”. A definição sofreu várias alterações antes de atingir uma forma aceitável. A versão final dizia apenas: “Nome: ferramenta útil que por vezes se confunde com aquilo que pretende descrever.” O pássaro gostou da frase. As árvores,

se chegaram a tomar conhecimento dela, nunca comentaram. As árvores raramente se pronunciam sobre questões terminológicas. Têm assuntos mais demorados para resolver. Com o passar das estações, o problema deixou de parecer uma crise. Os nomes não regressaram completamente, mas a urgência desapareceu. Alguns pássaros continuaram a recordar certas designações. Outros inventaram novas palavras. Muitos deixaram simplesmente de considerar a questão essencial. O curioso era que, quanto menos insistiam nos nomes, mais atenção prestavam às árvores. Passaram a observá-las como indivíduos e não apenas como membros de uma categoria. Certas árvores revelaram preferências por determinados pássaros. Outras pareciam mais tolerantes ao vento. Algumas produziam sombras particularmente agradáveis. O mundo tornou-se ligeiramente mais complexo, mas também mais interessante. Anos depois, quando alguém perguntava como começara tudo, já ninguém sabia responder com certeza. Talvez o vento tivesse realmente alguma responsabilidade. Talvez não. O que permanecia claro era apenas uma consequência inesperada: ao esquecerem o nome das árvores, os pássaros tinham começado a olhar para elas com mais atenção. E, para surpresa geral, as árvores pareciam bastante satisfeitas com esse resultado.

Erro de Sistema n.º 17

05



A primeira a reparar foi uma formiga que utilizava diariamente o mesmo percurso entre uma pedra achatada e uma raiz de alecrim. Não se considerava particularmente observadora. Limitava-se a passar tantas vezes pelo mesmo sítio que qualquer alteração acabava por se tornar evidente. Foi assim que notou que uma pequena raiz, anteriormente escondida sob o solo, tinha começado a crescer numa direcção pouco habitual. Durante os primeiros dias não atribuiu grande importância ao fenómeno. As plantas fazem coisas estranhas com frequência. Algumas folhas aparecem onde não eram esperadas. Certas flores desabrocham fora de época. Há sementes que permanecem anos à espera de uma oportunidade. A natureza tem uma relação descontraída com aquilo que os outros chamam normalidade. Mesmo assim, a raiz continuou a chamar-lhe a atenção. Não estava apenas a aproximar-se da superfície. Crescia deliberadamente para

cima. A formiga observou-a durante uma semana inteira antes de decidir falar do assunto. Quando finalmente encontrou o pássaro, este estava ocupado a examinar uma árvore que talvez tivesse perdido o nome. Desde que os pássaros começaram a esquecer os nomes das árvores, o pássaro passava bastante tempo em investigações semelhantes. Ainda assim, aceitou acompanhar a formiga. Os dois ficaram algum tempo diante da raiz. A raiz continuava a crescer. Não parecia doente. Não parecia confusa. Pelo contrário. O seu movimento transmitia uma serenidade pouco comum, como se estivesse a seguir um plano cuidadosamente pensado. O pássaro comentou que nunca tinha visto uma raiz com tanta convicção. A formiga respondeu que nunca tinha visto uma raiz com qualquer convicção, uma vez que normalmente as raízes permaneciam escondidas. Nos dias seguintes, a notícia espalhou-se entre os habitantes daquela pequena região. Um escaravelho utilizou a raiz como plataforma de observação. Uma aranha aproveitou-a para estender uma linha de seda até uma erva próxima. Duas joaninhas instalaram-se numa curva particularmente confortável e passaram ali vários dias. A raiz aceitava todos esses visitantes sem alterar minimamente a sua trajectória. Continuava a subir. A certa altura, o pássaro decidiu fazer-lhe uma pergunta. Queria saber porque estava a crescer naquela direcção. A resposta não surgiu imediatamente. As raízes estão habituadas a trabalhar em escalas de tempo diferentes das dos pássaros ou das formigas. Depois de uma longa pausa, explicou que passara toda a vida a ouvir descrições do céu. Ouvira falar das nuvens, da luz, da chuva, do

vento e das aves migratórias. Durante muito tempo essas histórias tinham sido suficientes. Contudo, chegara a um ponto em que já não lhe bastava escutar relatos. Queria verificar por si própria. A explicação causou algum desconcerto. A formiga tinha esperado uma razão prática. Talvez a procura de água. Talvez um problema no solo. O pássaro também imaginara uma causa mais técnica. Nenhum dos dois tinha considerado a possibilidade de a raiz agir simplesmente por curiosidade. Ainda assim, quanto mais pensavam no assunto, mais razoável a explicação lhes parecia. A história começou então a produzir efeitos inesperados. Algumas raízes próximas passaram a fazer pequenas experiências. Não cresceram imediatamente para cima, mas começaram a explorar caminhos menos previsíveis. Uma desviou-se para contornar uma pedra que poderia facilmente ter evitado. Outra aproximou-se de um riacho apenas para compreender melhor o som da água. Uma terceira seguiu durante algum tempo o percurso de uma minhoca. A maioria destas experiências não teve consequências práticas, mas isso não parecia preocupar as raízes envolvidas. As árvores mais antigas observaram tudo com alguma reserva. Reuniram-se várias vezes para discutir a situação. Houve quem argumentasse que uma raiz devia concentrar-se naquilo para que tinha sido criada. Houve quem respondesse que talvez ninguém soubesse exactamente para que tinha sido criada uma raiz. A discussão prolongou-se durante dias sem produzir qualquer conclusão definitiva, o que acabou por ser considerado um resultado aceitável. Entretanto, a raiz continuava a subir. Quando finalmente alcançou a

superfície, encontrou um mundo muito diferente daquele que imaginara. Havia mais movimento. Mais variações de luz. Mais mudanças repentinas. Passou horas inteiras a observar o céu. Viu nuvens deslocarem-se sobre os campos, pássaros atravessarem o horizonte e sombras moverem-se lentamente sobre a terra. Em determinado momento começou a chover. A raiz permaneceu imóvel, sentindo as gotas cair directamente sobre si pela primeira vez. Quando o pássaro e a formiga regressaram para saber o que tinha descoberto, a raiz demorou algum tempo a responder. Parecia ocupada a organizar as suas observações. Por fim disse apenas que o céu era maior do que imaginava. A resposta espalhou-se rapidamente. Alguns habitantes da região consideraram-na decepcionante. Esperavam uma revelação extraordinária. Outros acharam que era exactamente a conclusão adequada. A formiga pertenceu ao segundo grupo. Afinal, pensou ela, muitas das descobertas mais importantes acabam por consistir em confirmar que a realidade é mais vasta do que as nossas descrições. Durante os meses seguintes, a raiz tornou-se uma espécie de referência local. Não porque tivesse encontrado respostas, mas porque fizera uma pergunta invulgar. E, naquele pequeno canto do mundo, começava a parecer cada vez mais evidente que as perguntas interessantes costumavam produzir mais mudanças do que as respostas.

06 Manual para Raízes Aerotransportadas



A primeira raiz flutuante não tinha qualquer intenção de se tornar flutuante. Durante muito tempo considerou-se uma raiz perfeitamente normal e, em muitos aspectos, provavelmente era. Procurava água, evitava pedras demasiado compactas e mantinha relações cordiais com vários fungos da vizinhança. Se alguém lhe tivesse perguntado qual era o seu plano para o futuro, teria respondido que pretendia continuar a ser raiz, o que lhe parecia uma ocupação suficientemente exigente. Tudo começou depois da história da raiz que crescera para cima. Durante semanas, esse assunto foi discutido em diferentes partes do subsolo. Algumas plantas consideravam o episódio inspirador. Outras consideravam-no irresponsável. Havia quem o classificasse como uma excentricidade sem importância. A jovem raiz escutava todas essas opiniões com interesse crescente. O que mais a impressionava não era o facto de uma raiz ter visto o céu. Era o facto de ter sentido necessidade de o ver. A ideia insta-

lou-se lentamente. Enquanto procurava humidade ou contornava pequenas pedras, a raiz dava por si a pensar em nuvens. Nunca tinha visto uma nuvem. Sabia apenas aquilo que lhe contavam. As nuvens mudavam constantemente de forma. As nuvens atravessavam grandes distâncias. As nuvens produziam chuva. Parecia-lhe uma existência extraordinariamente diferente da sua. Durante algum tempo tentou ignorar essas reflexões. As raízes têm muito trabalho e pouca tradição de devaneio. Mesmo assim, a curiosidade persistia. Acabou por começar a crescer numa direcção menos convencional. Primeiro alguns centímetros. Depois mais alguns. Não era ainda uma subida deliberada. Parecia mais uma aproximação cautelosa à possibilidade de subir. Numa manhã particularmente tranquila aconteceu algo inesperado. A raiz perdeu contacto com o solo. O acontecimento durou apenas alguns instantes, mas foi suficiente para provocar um enorme desconcerto. Pela primeira vez na sua existência não estava presa a nada. Sentiu-se suspensa num espaço intermédio que não era exactamente terra nem exactamente ar. A sensação era tão estranha que a primeira reacção foi tentar regressar imediatamente ao ponto de partida. Foi nessa altura que apareceu o pássaro.

O pássaro observou a situação durante algum tempo antes de emitir qualquer opinião. Tinha aprendido que muitos fenómenos aparentemente anormais acabam por fazer sentido quando lhes é dado tempo suficiente. A raiz perguntou-lhe se aquilo era grave. O pássaro respondeu que não sabia. A resposta não ajudou muito, mas tinha a vantagem da

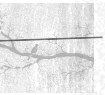
honestidade. Nos dias seguintes, a raiz permaneceu suspensa a poucos centímetros do chão. Aos poucos começou a adaptar-se à nova condição. Descobriu que o vento era muito menos previsível do que imaginava. Descobriu que as sombras se deslocavam constantemente e que a luz mudava de posição ao longo do dia. Descobriu ainda que os pássaros falavam mais do que era estritamente necessário e que as nuvens raramente permaneciam fiéis à forma que apresentavam pela manhã. O pássaro, por sua vez, aprendeu algumas coisas sobre raízes. Descobriu que faziam perguntas difíceis. Descobriu que eram capazes de observar um único detalhe durante horas sem se cansarem. Descobriu também que possuíam uma forma muito particular de paciência. Enquanto os pássaros pensavam em minutos ou dias, as raízes pareciam pensar em estações e anos. A amizade desenvolveu-se naturalmente. O pássaro visitava a raiz quase todos os dias e contava-lhe histórias sobre lugares distantes. Falava de rios, colinas e bosques. A raiz escutava tudo com atenção. Em troca, explicava como funcionavam certas redes subterrâneas de fungos e descrevia as longas conversas silenciosas que as plantas mantinham debaixo da terra. O pássaro ficava sempre surpreendido ao descobrir que o solo continha uma quantidade tão grande de actividade invisível. A notícia da raiz suspensa espalhou-se rapidamente. Várias plantas aproximaram-se para observar o fenómeno. Algumas raízes tentaram imitá-la. A maioria desistiu quase imediatamente. Flutuar exigia uma tolerância considerável à incerteza. Nem todas estavam dispostas a abandonar temporariamente a segurança do solo. A formiga decidiu

então escrever um pequeno manual. Não porque acreditasse que os manuais resolvessem problemas, mas porque sentia um prazer especial em organizar informação. Depois de várias entrevistas com a raiz e de algumas conversas com o pássaro, produziu um documento intitulado Manual para Raízes Aerotransportadas.

O texto era surpreendentemente curto. Começava por aconselhar as raízes a não entrarem em pânico caso se encontrassem inesperadamente suspensas. Prosseguia com uma observação segundo a qual o céu não constituía uma emergência. Incluía depois uma explicação detalhada sobre a imprevisibilidade do vento e terminava recomendando que qualquer raiz interessada em compreender o mundo acima da superfície procurasse conversar com um pássaro razoavelmente paciente. O manual circulou discretamente. Algumas cópias foram lidas. Outras perderam-se. Uma foi parcialmente consumida por uma cabra que, segundo consta, apreciava literatura técnica. Outra serviu de abrigo temporário a um insecto que atravessava uma fase complicada da sua vida. A formiga considerou estes acontecimentos perfeitamente normais no percurso de qualquer publicação. A raiz flutuante nunca se tornou famosa. Também nunca demonstrou qualquer interesse em tornarse famosa. Continuou simplesmente a viver entre dois mundos. Não pertencia inteiramente ao subsolo nem inteiramente ao ar. Observava ambos com igual curiosidade e parecia confortável nessa posição intermédia. Com o passar do tempo, alguns habitantes da região começaram a visitá-la apenas para conversar. Não procu-

ravam conselhos nem respostas. Limitavam-se a apreciar a companhia de alguém que tinha experimentado abandonar a sua condição habitual sem deixar de ser aquilo que era. Certa tarde, a formiga perguntou-lhe se ainda se considerava uma raiz. A pergunta exigiu uma reflexão prolongada. Por fim, a raiz respondeu que sim. Continuava a ser uma raiz. A diferença era que agora sabia que existiam mais maneiras de o ser do que imaginara inicialmente. A resposta agradou à formiga. Também agradou ao pássaro. E durante muito tempo ambos tiveram a sensação de que aquela observação poderia aplicar-se a muitas outras coisas além das raízes.

07 Arquivo dos Sons que Nunca Aconteceram



O arquivo foi descoberto por acidente, embora a formiga começasse a suspeitar de que quase todas as descobertas importantes eram acidentes com paciência. Aconteceu numa tarde húmida, depois de dois dias de chuva persistente, quando ela procurava um lugar seco para guardar algumas notas destinadas à sua enciclopédia. A água tinha destruído vários registos: uma definição de "musgo" desaparecera por completo, a entrada relativa ao "silêncio" transformara-se numa mancha e um texto bastante promissor sobre as vantagens e desvantagens do cascalho fora arrastado para longe. Foi nessa busca por abrigo que a formiga entrou numa fenda entre duas pedras e percebeu que aquele espaço não estava vazio. A princípio julgou ouvir vento. Depois compreendeu que não era vento. Era outra coisa. Talvez nem sequer fosse som, mas a memória de sons que tinham estado quase a acontecer. Permaneceu imóvel durante bastante tempo, escutando com a atenção minuciosa que

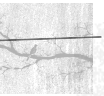
costumava dedicar às coisas difíceis de classificar. Havia ali o vestígio de uma gota que quase caíra de uma folha, o ruído de uma pedra que quase rolara encosta abaixo, o início de uma porta que quase se fechara e uma palavra que alguém estivera prestes a dizer antes de a guardar novamente dentro da boca. Nenhum daqueles acontecimentos tinha realmente ocorrido. No entanto, todos pareciam ter deixado uma espécie de resíduo audível, uma marca muito fina no ar subterrâneo da fenda. A formiga ficou perturbada. A sua enciclopédia ocupava-se sobretudo das coisas existentes, mas aquele lugar parecia provar que também as coisas não acontecidas possuíam uma forma de presença. Foi chamar o pássaro. Ele entrou na cavidade com alguma dificuldade, porque não fora desenhado para espaços estreitos, e durante alguns instantes nada ouviu. Depois distinguiu um canto que nunca chegara a ser cantado. Era curto, hesitante, quase pronto. Talvez tivesse pertencido a uma ave jovem que mudara de ideias no último instante, talvez tivesse sido interrompido por uma rajada de vento, talvez simplesmente não tivesse encontrado coragem para sair do bico. O pássaro escutou-o várias vezes. Não era um grande canto, mas possuía qualquer coisa de comovente: a delicadeza dos gestos que não chegam a tornar-se públicos. A notícia espalhou-se e, nas semanas seguintes, a fenda passou a ser visitada por insectos, plantas, pedras curiosas e pela raiz flutuante, que escutou durante muito tempo um som semelhante ao de uma pergunta que nunca fora formulada. A formiga, inevitavelmente, decidiu organizar o arquivo. Começou por criar categorias simples: sons interrompidos,

sons adiados, sons abandonados, sons evitados e sons esquecidos antes de nascer. A classificação revelou-se difícil. Muitos sons recusavam-se a permanecer na mesma secção. Um som que parecia interrompido passava a parecer adiado, e um som inicialmente classificado como esquecido revelava sinais claros de ter sido evitado. Por fim, a formiga criou uma categoria chamada "casos difíceis", que rapidamente se tornou a maior de todas. O pássaro visitava o arquivo com regularidade, sobretudo por causa dos sons das aves. Certa manhã encontrou um canto extraordinariamente belo e perguntou porque não acontecera. Ninguém soube responder. Talvez o pássaro que o transportava tivesse mudado de ramo, talvez tivesse adormecido, talvez o mundo estivesse demasiado ocupado naquele instante para receber mais um canto. A raiz flutuante interessava-se mais pelos sons ligados às plantas: uma folha que quase se soltara durante uma tempestade, uma flor que quase desabrochara um dia antes, uma semente que quase escolhera outro lugar para germinar. Esses acontecimentos não tinham sucedido e, contudo, ao escutá-los, a raiz sentia que o mundo era menos linear do que parecia. Com o tempo, o arquivo tornou-se um lugar de consulta silenciosa. Ninguém ia ali à procura de respostas. Ia-se antes para recordar que o mundo não é feito apenas daquilo que acontece, mas também daquilo que quase aconteceu, daquilo que poderia ter acontecido e daquilo que, por razões muito pequenas, fi cou suspenso antes de ganhar forma. Um dia apareceu uma pedra muito antiga, que permaneceu horas a escutar o som de uma queda que nunca ocorrera. Se essa queda tivesse aconte-

cido, teria desviado ligeiramente o curso de um riacho. A pedra não explicou porque aquele som a interessava. As pedras raramente fornecem informações biográficas. Mas, ao sair, parecia menos pesada. Quando se afastaram da fenda, o pássaro perguntou à formiga se fazia sentido arquivar coisas que nunca tinham existido. A formiga respondeu que não tinha a certeza, mas que muitas das entradas mais importantes da sua enciclopédia também não faziam sentido à primeira leitura. Caminharam em silêncio durante algum tempo. Atrás deles, vindo do interior da fenda, pareceu ouvir-se o som muito leve de uma página a virar. Talvez tivesse acontecido. Talvez não. No arquivo, essa diferença nunca chegou a ser completamente clara.

AS RAÍZES COMEÇAM A FLUTUAR

08



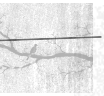
Durante muito tempo pensou-se que a raiz flutuante era um caso isolado. A própria raiz acreditava nisso. Continuava a passar parte dos dias suspensa entre o solo e o ar, observando pássaros, nuvens e mudanças de luz, enquanto o resto das raízes permanecia ligado à terra. A situação parecia suficientemente invulgar para não se repetir. Contudo, as histórias têm o hábito de viajar mais depressa do que os seus protagonistas, e a notícia daquela experiência começou lentamente a circular através das redes subterrâneas que ligavam plantas, fungos e raízes. Ao princípio, a maior parte das raízes escutava essas histórias com cepticismo. Algumas consideravam a situação uma excentricidade passageira. Outras admitiam que podia ser interessante, mas apenas para raízes jovens e impressionáveis. Havia ainda as que defendiam que o mundo subterrâneo continha matéria mais do que suficiente para ocupar uma vida inteira. Estas últimas não estavam necessariamente erradas. O sub-

solo era um território vasto, complexo e cheio de acontecimentos discretos. Mesmo assim, a curiosidade começou a espalhar-se. Uma das primeiras a experimentar foi uma raiz de figueira que passara décadas a contornar a mesma pedra. Conhecia cada irregularidade da sua superfície. Sabia onde se acumulava a humidade no Inverno e onde surgiam pequenos insectos durante o Verão. Certo dia apercebeu-se de que conhecia aquela pedra melhor do que conhecia o céu. A constatação pareceu-lhe estranha. Começou então a crescer numa direcção diferente. Não muito. Apenas o suficiente para observar o que existia acima da superfície. Pouco depois, uma raiz de salgueiro fez o mesmo. Mais tarde foi a vez de uma raiz de roseira. Nenhuma delas pretendia abandonar a terra. Queriam apenas ampliar ligeiramente a sua experiência do mundo. A formiga acompanhava tudo com crescente interesse. Tomava notas, elaborava esquemas e actualizava constantemente a entrada da sua enciclopédia dedicada às raízes. O problema era que os factos mudavam mais depressa do que as definições. Sempre que julgava ter compreendido o fenómeno, surgia uma nova variação. Algumas raízes elevavam-se apenas alguns centímetros. Outras permaneciam suspensas durante dias. Houve uma que subiu, observou atentamente uma nuvem e regressou imediatamente ao solo sem fornecer qualquer explicação. A formiga registou o caso sob a categoria "comportamentos inconclusivos". O pássaro observava o fenómeno de maneira diferente. Para ele, o mais interessante não era a subida das raízes, mas as perguntas que começavam a fazer. Antes falavam sobretudo de água, minerais e fungos.

Agora queriam saber o que era um horizonte. Perguntavam como funcionavam as estações do ano vistas do ar. Mostravam curiosidade acerca dos percursos migratórios e dos diferentes tipos de chuva. Algumas pediam descrições detalhadas do mar, apesar de estarem a muitos quilómetros de distância. O pássaro fazia o possível para responder, embora frequentemente suspeitasse de que as suas explicações eram insuficientes. À medida que mais raízes experimentavam essa nova condição, começaram a surgir pequenas mudanças na paisagem. Certas plantas desenvolveram formas inesperadas. Algumas flores passaram a abrir-se em horários diferentes. Uma árvore tornou-se particularmente interessada em observar o pôr-do-sol e inclinou ligeiramente os seus ramos para oeste. Nada disto provocou qualquer catástrofe. Pelo contrário. O lugar parecia ganhar uma diversidade nova, como se a curiosidade tivesse começado a actuar como uma força ecológica. Nem todos apreciavam essa transformação. Algumas árvores antigas continuavam a manifestar reservas. Não se opunham frontalmente às raízes flutuantes, mas demonstravam preocupação. Argumentavam que uma raiz devia manter contacto constante com a terra. Uma delas afirmou que, se as raízes passassem demasiado tempo a olhar para o céu, alguém teria de assumir o trabalho de procurar água. A observação foi considerada razoável. Ainda assim, ninguém conseguiu ignorar o facto de que as raízes flutuantes continuavam a cumprir as suas funções habituais. Apenas acrescentavam outras. Com o passar dos meses, tornou-se evidente que o fenómeno deixara de ser uma excepção. As raízes flutuantes não

eram numerosas, mas já não podiam ser consideradas raridades. Tinham-se tornado uma possibilidade. Algumas permaneciam suspensas durante anos. Outras regressavam ao solo após breves períodos de exploração. Cada uma encontrava o seu próprio equilíbrio. O mais curioso era que nenhuma delas parecia desejar abandonar completamente a sua natureza. Continuavam a ser raízes. Apenas tinham ampliado a definição do que uma raiz podia fazer. Certa tarde, a formiga, o pássaro e a primeira raiz flutuante encontraram-se junto de um pequeno campo de cascalho. Diante deles havia agora várias raízes suspensas a diferentes alturas, movendose lentamente ao sabor do vento. Durante algum tempo permaneceram em silêncio a observá-las. Por fim, a formiga comentou que talvez a sua enciclopédia tivesse um problema. Sempre acreditara que as definições serviam para explicar as coisas. Agora começava a suspeitar de que as coisas existiam precisamente para complicar as definições. O pássaro concordou. A raiz também. Depois continuaram a observar o campo. O vento movia ligeiramente as raízes suspensas. Algumas pareciam escutar qualquer coisa distante. Outras limitavam-se a existir. A paisagem não parecia mais estranha do que antes. Apenas mais vasta. E, sem que ninguém o tivesse planeado, começava a tornar-se um lugar onde certas impossibilidades deixavam gradualmente de o ser.

09 A Biblioteca das Migalhas Impossíveis



A biblioteca nasceu muito antes de alguém lhe dar esse nome. No princípio existia apenas uma pequena cavidade entre duas raízes antigas, onde a formiga costumava deixar aquilo que não conseguia transportar para casa. Eram objectos demasiado leves para serem alimento e demasiado interessantes para serem abandonados: uma casca de semente que parecia uma embarcação em miniatura, um grão de areia extraordinariamente redondo, uma pena minúscula caída de um pássaro desconhecido, um fragmento de folha atravessado por um insecto que desenhara, sem querer, uma espécie de mapa. A formiga não sabia exactamente porque guardava aquelas coisas. Limitava-se a sentir que o mundo seria um pouco mais pobre se desaparecessem sem que alguém lhes tivesse prestado verdadeira atenção. Com o passar das estações, outros habitantes do vale começaram a contribuir para aquela discreta colecção. O pássaro, que desde o dia em que esquecera o nome da árvore

aprendera a desconfiar das palavras demasiado rápidas, trouxe uma pequena sombra que encontrara pousada sobre uma pedra ao amanhecer. Não era possível vê-la durante muito tempo; desaparecia assim que a luz mudava de direcção. O musgo deixou um silêncio particularmente raro, recolhido junto ao rio depois da primeira chuva de Primavera. A colher, transportada pela curiosidade da formiga, ofereceu uma gota seca de água que conservara inexplicavelmente o brilho de uma tempestade antiga. Até o vento colaborou, embora ninguém o tivesse visto entrar. Certa manhã apareceu entre as raízes uma pergunta sem dono. A formiga decidiu arquivá-la ao lado de uma folha que nunca chegara a cair completamente da árvore. Foi nessa altura que percebeu que já não possuía uma simples colecção. Precisava de uma biblioteca. Não uma biblioteca de livros, porque os livros ainda não tinham aprendido a escrever tudo aquilo que acontecia naquele vale, mas uma biblioteca de acontecimentos discretos, de objectos que conservavam uma parte invisível da sua história e de pequenas impossibilidades que, por alguma razão, insistiam em existir. Trabalhou durante muitos dias. Aproveitou galerias abandonadas, ampliou corredores antigos e construiu estantes utilizando pequenas raízes secas e pedaços de madeira oferecidos pela corrente do rio. Cada prateleira era dedicada a uma família de coisas que não se pareciam à primeira vista, mas que, observadas com suficiente paciência, acabavam por reconhecer-se mutuamente. O pássaro visitava frequentemente a biblioteca. Gostava de percorrer lentamente as estantes sem procurar nada em especial. Descobriu que uma pena pousa-

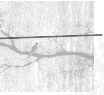
da ao lado de uma pedra alterava discretamente a maneira como ambas eram compreendidas. Uma pergunta esquecida junto de um fragmento de casca deixava de parecer tão solitária. Havia uma prateleira reservada às coisas que tinham perdido o nome e outra destinada às que nunca o chegaram a possuir. Noutra repousavam objectos cuja utilidade permanecia desconhecida, embora todos concordassem que seria uma imprudência deitá-los fora. A formiga observava essas visitas com satisfação. Nunca obrigava ninguém a seguir uma ordem de leitura. Acreditava que cada visitante construía o seu próprio catálogo. Um dia apareceu uma criança da aldeia. Tinha encontrado uma migalha de pão extraordinariamente leve. Jurava que, durante alguns segundos, a vira subir em vez de cair. Trouxe-a cuidadosamente nas mãos e perguntou à formiga se aquele objecto merecia um lugar na biblioteca. A formiga não respondeu imediatamente. Pegou na migalha, observou-a contra a luz, aproximou-a de uma pequena pena, depois de uma semente e finalmente de uma pedra muito lisa trazida pelo rio. Sorriu. Explicou que, naquela biblioteca, as coisas não eram importantes por serem raras. Eram importantes porque ensinavam o mundo a ser um pouco maior do que parecia. A migalha não desafiava apenas a gravidade. Desafiava também a pressa com que quase todos julgavam compreender as coisas. À medida que os anos passaram, a biblioteca tornou-se um lugar de encontro. O caracol levava para lá processos que já não precisavam de decisões, apenas de companhia. A baleia enviava pequenas histórias do lago através da lontra. A pedra viajante permanecia horas inteiras

diante da estante das distâncias, convencida de que algumas viagens cabiam perfeitamente dentro de um grão de areia. O fungo que traduzia as árvores deixava, de vez em quando, um fragmento de raiz onde ainda permanecia a memória de uma conversa subterrânea. Nada era exibido como um tesouro. Tudo permanecia disponível para quem tivesse tempo suficiente para observar. Certa tarde, o pássaro perguntou à formiga qual era o objecto mais valioso da biblioteca. Ela percorreu lentamente as estantes antes de responder. Disse que não existia um único objecto mais importante do que os outros. O verdadeiro valor daquele lugar nascia das vizinhanças. Uma folha mudava quando era colocada ao lado de uma gota de chuva. Uma pedra tornava-se diferente junto de uma pena. Uma pergunta esquecida iluminava-se discretamente quando repousava perto de uma raiz. Os objectos não vinham à biblioteca para serem guardados. Vinham para aprender novas formas de companhia. Naquela noite, depois de todos regressarem às suas casas, a formiga permaneceu sozinha entre as estantes. Não escreveu nenhuma nova entrada para a enciclopédia. Limitou-se a caminhar lentamente pelos corredores, observando como as sombras ocupavam os espaços entre as prateleiras. Teve então a impressão de que alguns objectos se aproximavam uns dos outros quando ninguém os observava. Não era um movimento visível. Era antes uma delicada reorganização de afinidades, como se cada coisa procurasse continuar uma conversa iniciada muito antes de chegar ali. A formiga não tentou confirmar a suspeita. Sorriu apenas. Fechou cuidadosamente a porta da biblioteca e deixou que

a noite fizesse o resto. Algumas colecções crescem durante o dia. Outras, as mais importantes, aprendem discretamente a sonhar quando todos já partiram.

O Candeeiro que Tinha Medo da Claridade

10



O candeeiro vivia sobre uma mesa há tantos anos que já não se lembrava exactamente quando chegara ali. Recordava vagamente uma loja, algumas caixas de cartão e uma viagem dentro de um automóvel, mas as memórias tornavam-se difusas à medida que recuava no tempo. Em compensação, conhecia muito bem a rotina da casa. Sabia a que horas as pessoas costumavam ler, quando preparavam chá, em que dias abriam mais as janelas e até quais eram os livros que permaneciam meses sem serem tocados. Havia, no entanto, uma coisa que nunca confessara a ninguém. Tinha medo da claridade. A situação era embaraçosa para um candeeiro. Afinal, a sua principal função consistia precisamente em produzir luz. Durante anos desempenhara essa tarefa com competência suficiente para não levantar suspeitas. Acendia-se quando necessário, iluminava a mesa, os livros e as chávenas, e apagava-se quando a noite terminava. Por fora parecia um candeeiro perfeitamente normal. Por dentro,

porém, cada vez que era ligado sentia uma pequena inquietação. O problema não era a escuridão. A escuridão parecia-lhe razoável. O problema era o excesso de luz. Sempre que iluminava uma divisão tinha a sensação de revelar demasiado. As superfícies tornavamse visíveis, os objectos ganhavam contornos definidos e os detalhes escondidos deixavam de estar escondidos. O candeeiro perguntava-se frequentemente se o mundo desejava realmente ser visto com tanta clareza. Durante muito tempo guardou estas preocupações para si. Os objectos domésticos raramente discutem questões filosó fi cas e, quando o fazem, costumam preferir assuntos mais concretos. A chávena interessava-se pelo problema do vazio. A colher reflectia sobre a passagem do tempo. A estante tinha opiniões bastante elaboradas acerca do peso dos livros. O candeeiro nunca encontrara uma oportunidade adequada para falar do seu medo. Tudo mudou numa noite em que a electricidade falhou. A casa mergulhou subitamente na escuridão. Durante alguns minutos ninguém se moveu. Depois ouviu-se o som de uma vela a ser acesa noutra divisão. A pequena chama projectou sombras instáveis nas paredes e alterou completamente a atmosfera da casa. O candeeiro observou aquele fenómeno com interesse. A luz da vela era diferente da sua. Não tentava iluminar tudo. Limitava-se a criar uma zona de visibilidade rodeada por mistério.

A experiência ficou-lhe na memória. Nos dias seguintes começou a pensar nela com frequência. Pela primeira vez ocorreu-lhe que talvez existissem diferentes maneiras de iluminar. Talvez a função da

luz não fosse eliminar todas as sombras. Talvez pudesse coexistir com elas. Foi por essa altura que o pássaro apareceu na janela. O pássaro visitava regularmente a casa porque a formiga lhe falara da biblioteca das migalhas impossíveis e porque suspeitava que as casas humanas continham uma quantidade considerável de objectos interessantes. Nessa tarde encontrou o candeeiro particularmente pensativo e decidiu perguntar-lhe o que se passava. O candeeiro hesitou antes de responder. Não estava habituado a partilhar preocupações pessoais. Acabou, contudo, por confessar o seu problema. O pássaro ouviu com atenção. Não se riu. Não pareceu surpreendido. Limitou-se a dizer que conhecera uma árvore com medo da altura e uma pedra que receava tornarse demasiado leve. Em comparação com esses casos, um candeeiro receoso da claridade não lhe parecia especialmente estranho. A observação trouxe algum conforto. Nas semanas seguintes, o candeeiro começou a fazer pequenas experiências. Sempre que era aceso, procurava produzir uma luz ligeiramente diferente. Não mais fraca, mas mais cuidadosa. Em vez de iluminar uniformemente toda a divisão, concentrava-se em certos lugares e deixava outros em penumbra. Descobriu que os livros pareciam mais interessantes quando nem todas as suas lombadas estavam visíveis. Descobriu que as chávenas adquiriam uma espécie de profundidade adicional quando metade delas permanecia na sombra. Descobriu até que algumas pessoas pareciam pensar melhor em ambientes menos completamente iluminados. Ninguém comentou a mudança. Provavelmente porque a maioria dos humanos presta pouca atenção às es-

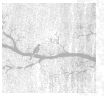
colhas subtis dos candeeiros. Ainda assim, o candeeiro começou a sentir-se melhor. A sua relação com a luz tornava-se menos conflituosa.

Certa noite recebeu a visita da formiga. Ela vinha à procura de um objecto para a biblioteca. Após alguma conversa, o candeeiro decidiu contar-lhe a sua teoria. Explicou que talvez a claridade excessiva pudesse ser tão limitadora quanto a escuridão absoluta. Em ambos os casos desaparecia uma parte importante da realidade: ou não se via nada, ou deixava de haver espaço para imaginar. A formiga ficou impressionada. Tomou várias notas. Mais tarde criou uma nova secção na biblioteca intitulada "coisas que são mais interessantes quando não são completamente compreendidas". O candeeiro considerou isso uma honra considerável. Com o passar do tempo, o medo começou a diminuir. Não desapareceu totalmente. Continuava a existir uma pequena inquietação sempre que a luz era acesa. Mas o candeeiro aprendera a conviver com ela. Descobrira que o seu receio não era exactamente da claridade. Era da ideia de que tudo pudesse ser revelado de uma só vez. Numa tarde de Outono, enquanto observava a luz natural entrar pela janela, percebeu uma coisa simples. Nem o próprio sol iluminava tudo ao mesmo tempo. Havia sempre sombras, reflexos, nuvens, mudanças de ângulo e pequenas zonas de mistério espalhadas pelo mundo. A realidade parecia funcionar muito bem dessa maneira. O candeeiro sentiu um inesperado alívio. Desde então continuou a cumprir a sua função como antes. Iluminava livros, mesas e chávenas. A diferença era que já não tentava vencer a escuri-

dão. Limitava-se a conversar com ela. E, segundo algumas testemunhas particularmente atentas, foi precisamente a partir dessa época que a luz daquela casa se tornou ligeiramente mais agradável.

A Nuvem que Preencheu um Formulário

11



A nuvem chegou à repartição numa manhã de fim de Verão, pouco depois das nove. Não havia qualquer relógio na fachada do edifício, mas os habitantes daquela região tinham aprendido a reconhecer a hora pela posição da luz, pela actividade dos insectos e pelo comportamento das sombras. A repartição situava-se entre um campo de ervas altas e uma pequena zona de cascalho onde algumas raízes flutuantes gostavam de permanecer durante as tardes. Ninguém sabia exactamente porque existia uma repartição naquele lugar. Também ninguém sabia quem a construíra. Apesar disso, o edifício mantinha-se funcional e era ocasionalmente utilizado para resolver questões administrativas que mais nenhum lugar parecia capaz de resolver. Quando a nuvem entrou pela porta principal, o funcionário de serviço — um caracol conhecido pela sua paciência e pela sua capacidade de arquivar assuntos improváveis — julgou tratar-se de uma vi-

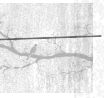
sita rotineira. Só começou a desconfiar quando a nuvem anunciou que pretendia preencher um formulário. O caracol convidou-a a sentar-se, embora não fosse evidente como uma nuvem se sentava. Depois perguntou qual era o objectivo do pedido. A nuvem respondeu que desejava obter autorização para mudar de forma. O caracol ficou em silêncio durante alguns instantes. Observou atentamente a visitante. A nuvem, enquanto aguardava resposta, transformou-se sucessivamente numa colina, num peixe, numa árvore muito pequena e numa forma difícil de identificar. O caracol apontou para essa demonstração e observou que ela parecia já possuir uma considerável experiência em mudanças de forma. A nuvem concordou, mas explicou que era precisamente isso que a preocupava. Passara toda a existência a transformar-se sem nunca ter verificado se estava autorizada a fazê-lo. À medida que envelhecia, começava a sentir necessidade de regularizar a situação. O caracol nunca tinha recebido um pedido semelhante. Consultou vários arquivos, percorreu regulamentos antigos e examinou documentação relativa à chuva, ao nevoeiro, ao orvalho e à circulação atmosférica. Não encontrou uma única referência a nuvens interessadas em obter aprovação formal para serem aquilo que eram. A situação tornou-se rapidamente conhecida. A formiga soube do caso durante a manhã e dirigiu-se imediatamente à repartição. O pássaro chegou pouco depois. Ambos tinham desenvolvido o hábito de acompanhar acontecimentos que desafiavam as classificações habituais do mundo. A formiga mostrou-se especialmente intrigada. Nos últimos tempos começara a suspeitar de que muitos

problemas surgiam precisamente quando alguém tentava encaixar realidades complexas em categorias demasiado pequenas. Ao ouvir a história, pediu autorização para examinar o formulário. Leu-o com atenção e concluiu que o documento não continha qualquer espaço adequado para a situação da nuvem. Havia campos destinados a alterações de morada, pedidos de sombra suplementar para árvores jovens e até processos relacionados com disputas territoriais entre raízes e tubagens abandonadas. Não existia, porém, uma secção dedicada a seres cuja natureza consistia precisamente em mudar. O pássaro observou que talvez o problema não estivesse na nuvem. Talvez estivesse no formulário. O caracol não gostou da observação, mas não conseguiu refutá-la. Durante a tarde, a nuvem permaneceu na repartição enquanto o processo continuava a ser analisado. Como frequentemente acontece quando alguém espera durante muito tempo, começou a distrair-se. Mudava de forma enquanto observava os arredores pela janela. Tornava-se árvore ao olhar para o bosque. Transformava-se em pássaro ao seguir o voo de uma andorinha. Assumia o aspecto de uma raiz flutuante quando observava o campo de cascalho. A certa altura, adquiriu uma forma tão estranha que ninguém conseguiu encontrar palavras para a descrever. Foi precisamente nesse momento que o caracol compreendeu alguma coisa. Até então tentara resolver o caso como se se tratasse de uma excepção administrativa. De repente percebeu que estava perante uma característica fundamental da nuvem. A transformação não era uma actividade acessória. Não era um comportamento ocasional. Era a sua forma de

existir. A descoberta alterou completamente o rumo da conversa. O caracol fechou os dossiers, arrumou os regulamentos e declarou que talvez certas coisas não precisassem de autorização. Explicou que uma pedra não necessita de licença para ter peso, um pássaro não precisa de preencher um requerimento para voar e uma árvore não apresenta documentação antes de crescer. Existem actividades que não dependem de aprovação externa porque constituem a própria identidade de quem as realiza. A nuvem ouviu atentamente. Durante alguns minutos permaneceu quase imóvel, o que para uma nuvem correspondia a um profundo exercício de reflexão. Depois perguntou o que deveria fazer ao formulário. O caracol respondeu que podia guardá-lo. Não porque tivesse qualquer valor legal, mas porque às vezes os formulários ajudam a esclarecer perguntas. Nem sempre servem para obter respostas. Nos dias seguintes, a nuvem foi vista em muitos lugares diferentes. Sobrevoou árvores, rios, clareiras e zonas habitadas por raízes flutuantes. Continuou a mudar de forma exactamente como antes. A diferença era subtil, mas perceptível. Já não parecia procurar uma justificação para cada transformação. Fazia-o com uma espécie de tranquilidade nova. A formiga registou o episódio na enciclopédia e criou uma entrada intitulada “problemas causados por categorias insuficientes”. O pássaro contou a história tantas vezes que acabou por esquecer alguns detalhes e inventar outros. O caracol arquivou o processo numa secção chamada “assuntos resolvidos sem resolução”, que rapidamente se tornou uma das mais extensas da repartição. Quanto à nuvem, guardou o formulário

durante muitos anos. Levava-o consigo através do céu como recordação de uma descoberta simples: algumas perguntas não servem para pedir autorização ao mundo. Servem apenas para compreender melhor aquilo que já somos.

12 O Musgo que Coleccionava Silêncios



O musgo crescia sobre um velho muro de pedra que já ninguém sabia quem construíra. Não ocupava toda a superfície. Escolhera apenas as zonas onde a humidade permanecia durante mais tempo e onde a luz chegava de forma indirecta. Visto de longe, parecia uma sucessão de pequenas manchas verdes sem qualquer organização especial. Visto de perto, revelava uma arquitectura extremamente cuidadosa. Cada filamento conhecia o lugar que ocupava, cada pequena folha encontrava espaço suficiente para respirar e, entre elas, permaneciam estreitos corredores por onde passavam insectos muito pequenos, gotas de água e, segundo dizia a formiga, algumas ideias particularmente lentas. O pássaro costumava pousar no muro ao fim da tarde. Gostava daquele lugar porque o musgo nunca fazia perguntas precipitadas. Limitava-se a escutar. Certa vez, enquanto observavam juntos o movimento das nuvens, o pássaro comentou que lhe parecia haver dias mais silenciosos do que ou-

tros. O musgo respondeu que isso era natural. Havia silêncios jovens, silêncios antigos, silêncios pesados e silêncios quase transparentes. O pássaro pensou tratar-se de uma metáfora, mas o musgo explicou-lhe que falava literalmente. Coleccionava silêncios desde que se lembrava de existir. Sempre que encontrava um silêncio diferente dos anteriores, guardava-o cuidadosamente entre as suas folhas. A notícia despertou imediatamente a curiosidade da formiga. Nos últimos tempos aprendera a desconfiar de qualquer actividade aparentemente absurda, porque era precisamente dessas actividades que costumavam nascer as melhores entradas para a enciclopédia. Visitou o muro na manhã seguinte e pediu ao musgo que lhe mostrasse a colecção. O musgo respondeu que isso não era possível. Um silêncio não podia ser visto. Apenas podia ser reconhecido quando surgia outro suficientemente diferente. Explicou, por exemplo, que o silêncio de uma madrugada de Inverno não era igual ao silêncio que permanecia depois da queda de uma folha. Também o silêncio deixado por um pássaro que acabava de levantar voo era completamente distinto daquele que se instalava numa biblioteca depois de alguém fechar um livro. A formiga tomou notas durante horas, mas acabou por admitir que nenhuma definição parecia satisfatória. Os três passaram então vários dias a observar os diferentes silêncios do lugar. Descobriram que o cascalho produzia um silêncio muito particular logo depois da chuva, quando ainda conservava pequenas reservas de água entre as pedras. Repararam que as raízes flutuantes criavam outro tipo de silêncio, um silêncio suspenso que parecia acompanhar lentamente o

movimento do vento. O candeeiro, quando a noite chegava às janelas da casa próxima, acrescentava um silêncio diferente de todos os outros, feito de luz e de páginas voltadas. Até a biblioteca das migalhas impossíveis possuía um silêncio próprio, composto pelas perguntas que os visitantes levavam consigo quando regressavam a casa. A formiga começou por pensar em criar uma nova secção da enciclopédia dedicada aos silêncios. Depois desistiu. Percebeu que qualquer tentativa de os descrever acabaria por reduzir aquilo que tinham de mais importante. Em vez disso, escreveu apenas uma observação na margem de uma página ainda em branco: “Há coisas que não se coleccionam para serem possuídas. Coleccionam-se para aprender a reconhecê-las quando regressam.” O pássaro leu a frase e considerou que ela era suficientemente boa para permanecer sem definição adicional. O musgo não comentou. Continuou simplesmente a crescer muito devagar, acrescentando à sua colecção um novo silêncio sempre que o mundo, por breves instantes, parecia esquecer-se de fazer ruído. Muitos anos depois, quando a chuva, o vento e o tempo já tinham alterado quase tudo à volta daquele muro, o musgo permanecia no mesmo lugar. A colecção tornara-se tão vasta que ele próprio já não sabia quantos silêncios guardava. Também deixara de contar. Descobrira que certas colecções deixam de crescer quando alguém se preocupa demasiado com o número de exemplares. A formiga compreendeu perfeitamente essa decisão. O pássaro também. Desde então, sempre que passavam pelo velho muro, evitavam conversar durante alguns minutos. Não por respeito ao musgo, mas

porque suspeitavam de que, naquele instante, ele estivesse a acrescentar mais um silêncio raro à colecção mais discreta de todo o vale.

A Baleia que Nunca Viu o Mar

13



Ninguém sabia exactamente porque razão a baleia vivia tão longe do oceano. A questão era frequentemente colocada ao pássaro, por este ser a criatura que mais território percorria, mas ele limitava-se a responder que nem todas as distâncias são geográficas. A baleia habitava um lago muito antigo escondido entre montanhas baixas, alimentado por nascentes subterrâneas que ninguém conseguira seguir até à origem. O lago era suficientemente profundo para que ela pudesse viver com tranquilidade, embora demasiado pequeno para cumprir a ideia que quase todos tinham de uma baleia. Curiosamente, isso nunca pareceu incomodá-la. O que realmente a inquietava era outra coisa: nunca tinha visto o mar. A situação tornara-se conhecida através de uma lontra viajante que, depois de passar alguns dias junto ao lago, comentara o caso na biblioteca das migalhas impossíveis. A notícia despertou imediatamente a curiosidade da formiga. Como era possível uma baleia desconhe-

cer o mar? A pergunta parecia tão improvável quanto encontrar um pássaro que nunca tivesse visto o céu ou uma árvore que ignorasse a existência do vento. O pássaro decidiu visitar o lago e convidou a formiga para o acompanhar. A viagem demorou vários dias, mas ambos concordaram que havia perguntas suficientemente interessantes para justificar um caminho longo. Encontraram a baleia numa manhã muito calma. Estava imóvel junto à superfície, observando o reflexo das nuvens. Recebeu-os com naturalidade, como se esperasse visitas havia bastante tempo. Quando o pássaro lhe perguntou se era verdade que nunca conhecera o mar, respondeu afirmativamente, sem qualquer embaraço. Explicou que nascera naquele lago e que todas as histórias sobre o oceano lhe tinham chegado através de peixes migratórios, garças, rãs aventureiras e uma tartaruga particularmente faladora. Sabia que o mar era maior, mais salgado, mais agitado e mais antigo. Sabia que continha correntes invisíveis e criaturas gigantescas. Sabia até que havia lugares onde a água parecia não terminar nunca. Mas tudo isso lhe chegava como chegam os relatos de países distantes: interessantes, detalhados e, ao mesmo tempo, insuficientes. A formiga perguntou-lhe se nunca sentira vontade de partir. A baleia demorou algum tempo a responder. Disse que a vontade existia, mas que nunca conseguira decidir se desejava realmente conhecer o mar ou apenas a ideia que fizera dele. Acrescentou que muitas vezes desconfiava das imagens demasiado perfeitas construídas pela imaginação. O lago onde vivia tinha limites bem definidos. Conhecia cada mudança de temperatura, cada

nascente, cada pedra submersa e cada peixe que ali habitava. O mar, pelo contrário, parecia-lhe uma promessa tão vasta que receava perdê-la no momento em que a transformasse em experiência. O pássaro ouviu aquelas palavras com atenção.

Recordou-se imediatamente da nuvem que procurara autorização para mudar de forma e do candeeiro que descobrira que iluminar não significava eliminar todas as sombras. Começava a suspeitar de que muitas criaturas passavam a vida a negociar cuidadosamente a distância entre aquilo que imaginavam e aquilo que escolhiam conhecer. Antes de regressarem, permaneceram várias horas em silêncio junto ao lago. A baleia contava histórias sobre peixes que nunca abandonavam as águas doces e sobre aves que visitavam o lago apenas durante alguns dias por ano. O pássaro falou-lhe das árvores sem nome, das raízes flutuantes e do musgo que coleccionava silêncios. A formiga tomou notas, mas apercebeu-se de que nenhuma delas conseguiria explicar inteiramente a serenidade daquele lugar. Ao despedirem-se, perguntou à baleia se acreditava que um dia acabaria por visitar o mar. Ela sorriu — ou fez o equivalente ao sorriso possível numa baleia — e respondeu que talvez. Disse apenas que, se esse dia chegasse, esperava conseguir regressar ao lago sem deixar de compreender nenhum dos dois. Quando voltaram à biblioteca, muitos esperavam ouvir o relato de uma grande aventura ou de um plano para conduzir a baleia até ao oceano. Em vez disso, a formiga contou apenas que existia um lago onde vivia uma baleia feliz, apesar de nunca ter visto o mar. Algumas

criaturas ficaram desapontadas. Outras compreenderam imediatamente. O pássaro acrescentou apenas uma observação que mais tarde a formiga decidiu copiar para a margem da enciclopédia: “Há seres que passam a vida inteira a preparar uma viagem. Outros descobrem que a viagem já começou muito antes do primeiro passo.” A baleia nunca soube que essa frase fora escrita. Também não precisava. Na manhã seguinte voltou a observar as nuvens reflectidas na água e pensou, por um breve instante, que talvez o céu fosse uma maneira discreta de o mar visitar o lago.

A COLHER QUE MEDIA A CHUVA 14

A colher vivia numa gaveta da cozinha havia tanto tempo que deixara de contar os anos. Convivia diariamente com garfos, facas, um abre-latas que falava demasiado e uma pequena espátula convencida de que um dia seria escultora. Nunca tivera grandes ambições. Considerava que uma colher devia cumprir bem a sua função e regressar limpa ao lugar de onde saíra. Tudo mudou numa tarde em que uma gota de chuva caiu sobre ela quando alguém a deixara esquecida no peitoril da janela. A gota permaneceu alguns segundos na superfície metálica antes de escorrer lentamente para o chão. Durante esse breve intervalo, a colher teve uma impressão difícil de explicar: parecia-lhe que aquela gota não pesava exactamente o mesmo que as anteriores. Nos dias seguintes começou a prestar atenção à chuva. Sempre que tinha oportunidade, permanecia junto da janela e deixava que algumas gotas caíssem sobre si. Rapidamente concluiu que nenhuma chuva era igual à outra. Havia chuvas le-

ves, que pareciam trazer consigo uma espécie de hesitação. Outras caíam com uma convicção quase mineral. Algumas tinham o cheiro das folhas acabadas de acordar; outras pareciam transportar poeiras vindas de lugares muito distantes. A colher passou então a desenvolver uma teoria segundo a qual cada chuva possuía uma densidade própria e que essa densidade podia ser medida, não em números, mas na forma como uma gota permanecia ou não sobre uma superfície metálica. Quando contou esta ideia aos restantes objectos da gaveta, foi recebida com uma mistura de simpatia e desconfiança. O abre-latas declarou imediatamente que a chuva pesava exactamente aquilo que pesava e que qualquer discussão adicional seria desperdício de tempo. A espátula afirmou que todas as chuvas eram diferentes apenas porque o mundo gostava de surpreender os distraídos. A faca preferiu não opinar. Já a colher continuou as suas observações. Começou a anotar discretamente quanto tempo cada gota permanecia sobre si antes de escorrer. Não procurava uma lei científica. Procurava apenas perceber se a chuva tinha memória. Foi a formiga quem tomou conhecimento da investigação. Encontrou a colher numa manhã em que atravessava o peitoril da janela à procura de um caminho alternativo para a biblioteca das migalhas impossíveis. Depois de ouvir a teoria, não se riu. Pelo contrário, pediu para assistir às medições. Durante vários dias, a formiga, o pássaro e a colher observaram sucessivas chuvadas. Verificaram que algumas gotas desapareciam quase imediatamente, enquanto outras permaneciam longos instantes imóveis, como se estivessem a escutar qualquer coisa. O

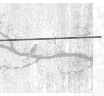
pássaro sugeriu que talvez isso dependesse do vento. A formiga suspeitou que pudesse depender da temperatura. A colher insistiu que havia outro factor impossível de medir. Chamou-lhe "recordação".

A palavra intrigou os dois visitantes. A colher explicou que certas chuvas pareciam recordar rios, outras montanhas, outras ainda mares muito antigos. Não significava que viessem desses lugares. Significava apenas que transportavam consigo uma maneira diferente de cair. A explicação parecia pouco rigorosa, mas nenhuma das experiências realizadas conseguiu contradizê-la. A certa altura apareceu mesmo o musgo, que declarou reconhecer perfeitamente a diferença entre o silêncio de uma chuva de Primavera e o silêncio de uma chuva de Outono. A observação reforçou a hipótese da colher, embora não a tornasse mais fácil de demonstrar. A notícia espalhou-se discretamente e, durante algumas semanas, vários habitantes da região passaram a observar a chuva com atenção renovada. As raízes flutuantes levantavam-se ligeiramente antes das primeiras gotas, como se procurassem escutá-las melhor. A baleia do lago dizia conseguir distinguir, pelo sabor da água, as tempestades vindas do norte das que atravessavam os vales do sul. Até o candeeiro parecia iluminar de forma diferente quando a chuva caía sobre os vidros. O mundo não mudara. O que mudara era o modo como era observado. No final do Outono, a formiga decidiu escrever uma entrada para a enciclopédia. Trabalhou nela durante vários dias e acabou por produzir apenas uma frase: “Chuva: fenómeno que nunca cai duas vezes da mesma maneira, mesmo quando insiste

em utilizar as mesmas gotas.” Leu-a ao pássaro, que aprovou em silêncio. Depois mostrou-a à colher, que permaneceu algum tempo a reflectir antes de responder que a definição estava quase certa. Acrescentaria apenas uma nota de rodapé dizendo que algumas coisas não podem ser medidas para serem comparadas. Medem-se apenas para lhes prestarmos mais atenção. A formiga nunca acrescentou essa nota à enciclopédia. Achou que a frase ficava melhor fora do livro, circulando livremente entre quem tivesse paciência para escutar a chuva. E durante muito tempo, sempre que as primeiras gotas começavam a cair sobre o peitoril da janela, era possível encontrar a velha colher imóvel, voltada para o céu, como se aguardasse a chegada de uma visitante antiga cuja voz ainda continuava a aprender.

O Relógio que Atrasava as Estações

15



O relógio estava pendurado na parede da antiga repartição onde o caracol continuava a arquivar processos improváveis. Funcionava correctamente, ou pelo menos era isso que todos julgavam. Marcava as horas com uma regularidade irrepreensível, nunca se adiantava nem se atrasava mais do que alguns segundos e anunciava o meio-dia com uma discrição apreciada pelos restantes habitantes do edifício. O problema só foi descoberto quando a formiga, ao sair da biblioteca das migalhas impossíveis, reparou que certas flores tinham desabrochado muito antes do costume. Dias depois, algumas folhas começaram a amarelecer enquanto outras árvores ainda produziam rebentos novos. A princípio pensou tratar-se de um capricho do clima, mas, à medida que caminhava pela região, percebeu que as estações pareciam já não concordar entre si. Havia pequenos pedaços de Primavera encostados ao Outono, sombras de Inverno escondidas entre ervas de Verão e um castanheiro que in-

sistia em florir duas vezes no mesmo ano. O pássaro resolveu investigar. Visitou diferentes árvores, conversou com as raízes flutuantes e passou uma tarde inteira junto ao lago da baleia, que afirmava sentir a água ligeiramente mais fria do que a paisagem deixava supor. O musgo também notara alterações. Os silêncios da manhã já não correspondiam à época do ano e alguns dos que costumavam aparecer em Novembro tinham começado a surgir ainda em Setembro. Nenhuma destas observações parecia suficiente para explicar o fenómeno. Foi então que o caracol comentou, quase por acaso, que o velho relógio da repartição lhe inspirava uma certa desconfiança. Não porque marcasse mal as horas, mas porque ultimamente parecia olhar para o calendário com um ar distraído. A ideia pareceu absurda. Mesmo assim, decidiram observar o relógio durante alguns dias. A formiga tomou notas. O pássaro limitou-se a escutar o movimento do pêndulo. A baleia enviou, através de uma lontra viajante, algumas observações sobre a temperatura da água. Aos poucos começou a surgir uma hipótese inesperada. O relógio não se limitava a medir o tempo. Há muitos anos, sem que ninguém desse por isso, habituara-se também a acompanhar a passagem das estações. Não o fazia por obrigação. Fazia-o por afecto. Conhecia tão bem a sucessão dos Invernos, das Primaveras, dos Verões e dos Outonos que acabara por desenvolver uma espécie de amizade com eles. Contudo, envelhecera. Continuava rigoroso com os minutos, mas começava a atrasar-se ligeiramente quando chegava a altura de anunciar uma nova estação. O atraso era pequeno, quase imperceptível, mas bastava para que a natu-

reza começasse a experimentar pequenas sobreposições. Quando o caracol explicou a situação ao relógio, este permaneceu longo tempo em silêncio. Admitiu finalmente que tinha dificuldade em despedir-se das estações. Sempre que o Outono estava prestes a terminar, encontrava mais uma folha por observar. Quando o Verão se aproximava do fim, ainda lhe parecia haver luz suficiente para mais alguns dias. O mesmo acontecia com todas as restantes épocas do ano. Nunca lhe parecia existir um momento verdadeiramente adequado para as deixar partir. Por isso atrasava-as discretamente, convencido de que ninguém repararia. O pássaro ouviu a confissão com alguma ternura. A formiga compreendeu imediatamente que não se tratava de um problema mecânico, mas sentimental. O relógio não estava avariado. Estava simplesmente demasiado apegado ao tempo que lhe passava diante dos ponteiros. Depois de alguma reflexão, decidiram não tentar reparar o relógio. Seria injusto obrigá-lo a esquecer o carinho que tinha pelas estações. Em vez disso, o caracol a fixou na repartição um pequeno aviso informando que, a partir daquele momento, o início de cada estação deveria ser considerado aproximado. A medida provocou algum espanto inicial, mas acabou por produzir efeitos curiosos. As árvores deixaram de sentir necessidade de florir todas ao mesmo tempo. As aves migratórias passaram a escolher o momento da partida observando o vento em vez do calendário. O musgo acrescentou novos silêncios à sua colecção e a colher concluiu que certas chuvas pertenciam afinal a duas estações diferentes. Até a baleia comentou que o lago parecia mais tranquilo desde que deixa-

ra de esperar mudanças exactas. A formiga registou o episódio na enciclopédia sob a entrada “Estação”. Escreveu apenas que uma estação não começa quando o calendário o determina, mas quando o mundo, discretamente, decide mudar de assunto. O pássaro gostou da definição, embora suspeitasse de que nenhuma árvore a consideraria completamente correcta. As árvores, porém, não fizeram qualquer objecção. Continuaram simplesmente a crescer ao seu próprio ritmo, como se sempre tivessem sabido que o tempo, apesar de gostar de relógios, nunca lhes pertencera inteiramente.

O Rio que Aprendeu a Ler

16

Durante muitos anos acreditou-se que o rio seguia sempre o mesmo percurso. As margens confirmavam essa impressão, as pedras pareciam conhecê-lo desde sempre e até os peixes se orientavam como se o caminho estivesse definitivamente resolvido. O próprio rio nunca manifestara qualquer desejo de contrariar essa expectativa. Corria com a serenidade de quem desempenha uma tarefa antiga e bem compreendida. No entanto, uma manhã de Primavera, o pássaro reparou que a água demorava mais tempo a contornar uma determinada curva. Não era uma diferença suficientemente grande para alterar a paisagem, mas havia uma espécie de hesitação no movimento da corrente, como se o rio tivesse encontrado qualquer coisa digna de atenção. A curiosidade levou o pássaro a seguir o curso da água durante toda a manhã. Pouco depois encontrou a formiga, que fazia o trajecto habitual em direcção à biblioteca das migalhas impossíveis, e ambos decidiram investigar. Descobri-

ram que, ao longo da margem, tinham começado a acumular-se folhas caídas, ramos partidos, pétalas secas e pequenos fragmentos de casca. Nada de extraordinário. O curioso era que o rio não os arrastava imediatamente. Parecia detêlos por instantes, aproximando-os uns dos outros antes de os deixar seguir viagem. A formiga observou aquele comportamento durante bastante tempo até formular uma hipótese inesperada. Talvez o rio não estivesse apenas a transportar matéria. Talvez estivesse a tentar ler aquilo que a floresta lhe enviava. A ideia pareceu absurda ao princípio, mas rapidamente começaram a surgir indícios difíceis de ignorar. Depois de uma noite de vento, quando centenas de folhas caíram sobre a água, o rio tornouse visivelmente mais lento, como se precisasse de mais tempo para percorrer aquele grande texto vegetal. Quando uma única flor de magnólia deslizava sobre a corrente, a água permanecia quase imóvel em seu redor durante alguns segundos. Até os peixes tinham reparado na mudança. Um barbo muito velho explicou que, nos últimos tempos, sentia a corrente fazer pequenas pausas, semelhantes às que um leitor faz quando encontra uma frase particularmente interessante. A notícia chegou rapidamente ao musgo, à colher, à baleia do lago e até ao velho relógio da repartição. Todos quiseram observar o fenómeno. O musgo foi o primeiro a compreender que o rio não lia palavras. Lia formas, pesos, cheiros e tempos de queda. Uma folha arrancada por uma tempestade dizia uma coisa diferente de uma folha que se desprendia lentamente no Outono. Um ramo quebrado por excesso de neve transportava uma história distinta da de um ramo

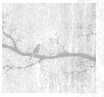
podado por mãos humanas. O rio parecia distinguir essas diferenças sem dificuldade. Lia-as com a corrente, traduzia-as em pequenos redemoinhos e devolvia-as ao movimento contínuo da água.

A formiga ficou fascinada. Durante vários dias tentou descobrir qual seria o alfabeto utilizado pelo rio. Fez desenhos das correntes, mediu distâncias entre redemoinhos e anotou a velocidade com que determinadas folhas atravessavam as curvas. No final teve de admitir o fracasso. O rio não utilizava letras, nem sílabas, nem qualquer sistema conhecido de escrita. A sua leitura era feita de relações. Cada folha só adquiria significado ao encontrar outra folha, cada pedra modificava o sentido da água que passava sobre ela e cada curva alterava ligeiramente a interpretação de tudo o que vinha a montante. A enciclopédia teria dificuldade em explicar um fenómeno daquele género. Foi então que a baleia enviou uma mensagem através da lontra viajante. Contava que, no lago onde vivia, também a água parecia conservar memórias. Certas chuvas deixavam-na mais silenciosa, outras tornavam-na mais luminosa e havia tempestades antigas que continuavam presentes muitos meses depois de terem terminado. O pássaro leu a mensagem em voz alta junto da margem. O rio pareceu acelerar por um instante, como se reconhecesse naquela descrição uma parente distante. A formiga sorriu. Começava a suspeitar de que as águas comunicavam entre si de maneiras que nenhum habitante da terra firme conseguia compreender inteiramente. Quando chegou o Outono, o rio voltou ao seu ritmo habitual. Continuava a ler, mas já não precisava de in-

terromper tanto o percurso. Tornara-se um leitor experiente. A formiga registou apenas uma frase na margem da enciclopédia: “Há livros que são feitos de papel e há livros que são feitos de passagem.” O pássaro considerou a definição suficiente. O rio não comentou. Continuou a correr entre as margens, levando consigo folhas, ramos, reflexos de nuvens e histórias que talvez nunca chegassem ao mar, mas que, mesmo assim, tinham encontrado alguém disposto a lê-las antes de desaparecerem.

A Árvore que Recebia Cartas das Estações

17



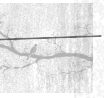
A árvore começou a receber cartas muito antes de alguém reparar nisso. As cartas não chegavam pelo correio, nem eram trazidas por mensageiros. Apareciam misturadas entre as folhas, presas aos ramos depois de uma ventania ou escondidas entre pequenas fendas da casca. Eram escritas num material difícil de descrever. À primeira vista pareciam folhas secas, mas, quando a árvore as aproximava de si, as nervuras organizavam-se de tal forma que acabavam por formar frases. Ninguém além da própria árvore conseguia lê-las. O pássaro chegou a tentar uma vez, mas apenas distinguiu linhas muito delicadas que lhe lembravam o desenho dos rios visto do céu. As cartas eram enviadas pelas estações do ano. Não chegavam em datas certas, nem obedeciam a qualquer calendário. O Outono escrevia sempre antes de partir, agradecendo a hospitalidade das folhas que entretanto deixava cair. A Primavera enviava mensagens cur-

tas e optimistas, quase sempre acompanhadas por pequenas instruções sobre rebentos que ainda não tinham decidido aparecer. O Verão escrevia pouco. Preferia anexar cheiros de resina, tardes demoradas e o zumbido distante de insectos invisíveis. O Inverno era o mais prolixo. As suas cartas ocupavam frequentemente várias folhas e continham longas reflexões sobre repouso, lentidão e o valor das coisas que continuam vivas enquanto aparentemente nada acontece. Durante muitos anos, a árvore guardou aquela correspondência em silêncio. Não via motivo para falar do assunto. Algumas experiências tornam-se mais verdadeiras quando permanecem discretas. Tudo mudou no dia em que a formiga encontrou, caída no chão, uma pequena folha que parecia conter uma escrita muito fina. Levou-a para a biblioteca das migalhas impossíveis, convencida de que se tratava de um documento importante. Passou horas a observá-la com uma lupa improvisada, mas não conseguiu compreender uma única palavra. Chamou o pássaro, o musgo, a colher e até o caracol da repartição. Cada um viu qualquer coisa diferente. O pássaro dizia reconhecer trajectos de voo. O musgo afirmava que eram silêncios desenhados. O caracol garantia tratar-se de caligrafia antiga. Nenhuma interpretação coincidia com as restantes. A árvore apareceu apenas ao fim da tarde. Agradeceu a preocupação, pediu delicadamente que lhe devolvessem a folha e explicou que se tratava de uma carta do Outono. Todos ficaram surpreendidos. A formiga perguntou porque nunca mencionara essa correspondência. A árvore respondeu que também nunca comentava o crescimento das raízes ou a forma como distribuía

a seiva pelos ramos. Certas actividades pertenciam simplesmente à sua maneira de existir. Acrescentou que as cartas não continham segredos extraordinários. Falavam sobretudo de pequenas mudanças, de ventos que ainda estavam longe, de chuvas que procuravam caminho e de sementes que talvez encontrassem solo fértil alguns meses mais tarde. Eram notícias tranquilas, escritas por quem conhecia muito bem a lentidão. A conversa prolongou-se até ao anoitecer. O pássaro perguntou se as estações também recebiam resposta. A árvore sorriu e explicou que respondia todos os dias, embora nunca utilizasse papel. Cada folha nova era uma carta para a Primavera. Cada fruto maduro era uma resposta ao Verão. A queda das folhas escrevia longos parágrafos destinados ao Outono. Durante o Inverno, quando permanecia aparentemente imóvel, enviava cartas muito demoradas, compostas apenas por crescimento invisível. As estações sabiam lê-las porque tinham aprendido, muito antes dos animais, que nem toda a correspondência precisa de palavras. Quando regressou à biblioteca, a formiga decidiu não abrir uma entrada intitulada "Carta". Pareceulhe uma categoria demasiado estreita. Preferiu criar uma nova secção chamada "Conversas que Demoram Meses". Foi uma das poucas vezes em que abandonou completamente a ideia de definição. Limitou-se a deixar a página em branco, convencida de que certas explicações se escrevem sozinhas à medida que o tempo passa. O pássaro aprovou a decisão e o musgo, que tinha escutado toda a conversa sem interromper ninguém, comentou apenas que o silêncio entre duas cartas também fazia parte da correspondência. Desde esse

dia, sempre que o vento levantava algumas folhas e as fazia rodopiar lentamente pelo bosque, a formiga tinha o hábito de olhar para o céu antes de continuar caminho. Nunca conseguiu ler uma única carta das estações. Mesmo assim, começou a caminhar com mais cuidado, como quem atravessa uma biblioteca onde ainda existem livros demasiado antigos para serem compreendidos, mas demasiado importantes para serem ignorados.

18 O Caracol que Arquivava Caminhos



O caracol começou a arquivar caminhos muito antes de trabalhar na repartição. Naquela época ainda era jovem e passava os dias a deslocar-se lentamente entre o musgo, as pedras e as primeiras ervas da Primavera. Como todos os caracóis, deixava atrás de si um rasto brilhante. Ao contrário dos outros, porém, costumava voltar atrás para o observar. Intrigava-o a forma como o caminho permanecia visível durante algum tempo antes de desaparecer completamente. Pensava frequentemente que existiam dois percursos diferentes: o que fazia enquanto avançava e o que sobrevivia durante alguns minutos depois da sua passagem. A partir dessa altura desenvolveu o hábito de memorizar trajectos. Não apenas os seus, mas também os dos insectos, das folhas levadas pelo vento, da água da chuva e até das sombras que atravessavam lentamente os campos ao longo da tarde. Quando começou a trabalhar na repartição, muitos anos mais tarde, trouxe esse hábito consigo. Os outros julga-

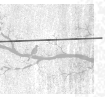
vam que arquivava processos, requerimentos e formulários. Na realidade, o que mais lhe interessava eram os caminhos percorridos por esses documentos. Sabia exactamente quantas mãos tinham transportado determinado papel, quanto tempo permanecera esquecido numa gaveta e quais as janelas junto das quais esperara antes de ser finalmente resolvido. Para o caracol, um documento nunca era apenas aquilo que dizia. Era também o percurso que fizera até chegar ao lugar onde se encontrava. A formiga começou a suspeitar dessa estranha actividade quando regressou à repartição para consultar alguns apontamentos sobre a nuvem que quisera preencher um formulário. Reparou que os dossiers não estavam organizados por assunto, nem por data, nem sequer por ordem alfabética. O caracol explicava que certos processos deviam permanecer próximos porque tinham atravessado o mesmo corredor ou porque tinham esperado debaixo da mesma janela numa tarde de chuva. Outros eram separados apesar de tratarem exactamente do mesmo tema, pois tinham seguido caminhos completamente diferentes. A formiga tentou compreender aquele método durante várias horas e acabou por concluir que não estava perante um arquivo de documentos, mas perante um arquivo de viagens. A descoberta despertou imediatamente o interesse do pássaro. Ao contrário da formiga, que sempre privilegiara as classificações, o pássaro acreditava que quase tudo no mundo se explicava melhor através dos percursos do que das definições. Decidiu então acompanhar o caracol durante alguns dias. Observou-o percorrer lentamente as prateleiras, retirar uma pasta, deslocá-la

alguns centímetros para a esquerda e voltar a colocá-la exactamente no mesmo lugar. Quando lhe perguntou a razão daquele gesto, o caracol respondeu que certos caminhos precisavam de ser recordados de tempos a tempos para não desaparecerem. Não falava dos corredores da repartição. Falava dos caminhos invisíveis que tinham aproximado umas criaturas das outras. O formulário da nuvem, por exemplo, continuava ligado à biblioteca das migalhas impossíveis porque fora ali que a formiga encontrara uma maneira de compreender o problema. O relatório sobre o relógio das estações mantinha uma ligação permanente ao musgo, que fora o primeiro a reparar na alteração dos silêncios. Se essas ligações fossem esquecidas, os documentos continuariam completos, mas as histórias deixariam de fazer sentido. Durante as semanas seguintes, a notícia espalhou-se pela região e começaram a aparecer visitantes improváveis. A baleia enviou, através da lontra, um mapa das correntes do lago, explicando que também elas podiam ser entendidas como caminhos. O rio fez chegar um ramo que tinha percorrido mais de vinte curvas sem nunca ficar preso em lado nenhum. Até a colher trouxe uma gota de chuva que, segundo ela, demorara tanto tempo a cair que merecia um lugar na colecção. O caracol recebeu todos esses contributos com a mesma serenidade. Não lhes atribuía um número nem uma etiqueta. Procurava apenas descobrir de onde vinham, por onde tinham passado e que outros percursos tocavam discretamente antes de chegarem às suas mãos. A formiga passou então a visitar a repartição com outra disposição. Deixou de procurar respostas rápidas e começou a obser-

var os trajectos. Percebeu que a sua própria enciclopédia não era apenas uma colecção de definições. Também ela seguiria um caminho muito preciso. Começara com uma pedra, encontrara um pássaro que esquecera o nome das árvores, crescera com raízes que aprenderam a flutuar, atravessara bibliotecas, rios, nuvens e relógios, até chegar àquele arquivo improvável onde um caracol organizava percursos em vez de papéis. Pela primeira vez compreendeu que talvez um livro não seja feito apenas das páginas que contém. É igualmente feito dos caminhos que conduzem o leitor de uma página para outra. Quando chegou a hora de fechar a repartição, o caracol apagou a luz, verificou que todas as janelas estavam fechadas e permaneceu alguns minutos imóvel diante das prateleiras. O pássaro perguntoulhe se ainda havia muito trabalho por fazer. O caracol respondeu que sim, mas não parecia preocupado. Explicou que um caminho nunca termina verdadeiramente enquanto houver alguém disposto a recordá-lo. Depois fechou cuidadosamente a porta. No interior do edifício, os dossiers permaneceram em silêncio. Não guardavam apenas processos administrativos. Guardavam o mapa secreto de todas as pequenas viagens que, sem ninguém dar por isso, tinham aproximado os habitantes daquele mundo uns dos outros.

A Borboleta que Herdou um Mapa

19



A borboleta recebeu o mapa no exacto momento em que saiu do casulo. Não apareceu dobrado entre folhas, nem foi entregue por qualquer mensageiro. Simplesmente estava lá, inscrito nas próprias asas, desenhado por linhas tão delicadas que, durante os primeiros dias de vida, julgou tratar-se apenas da decoração natural da sua espécie. Foi uma libélula quem lhe chamou a atenção para o assunto. Enquanto ambas descansavam junto ao rio, a libélula observou demoradamente as asas da recém-chegada e comentou que nunca tinha visto nervuras tão semelhantes a um conjunto de caminhos. A borboleta olhou para si própria com surpresa. Até então nunca lhe ocorrera que pudesse transportar um mapa. A notícia espalhou-se rapidamente e chegou, como tantas outras, aos ouvidos da formiga e do pássaro. Ambos decidiram visitar a borboleta. A formiga levou consigo uma pequena lente de aumento e passou boa parte da manhã a examinar o desenho das asas. Quanto mais obser-

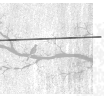
vava, mais convencida ficava de que aquelas linhas obedeciam a uma lógica. Algumas cruzavam-se exactamente como certos trilhos da floresta. Outras pareciam acompanhar o curso do rio. Havia ainda um conjunto de pequenas curvas que lembravam o percurso da raiz flutuante quando aprendera a deslocar-se entre o solo e o ar. O pássaro sugeriu que talvez fossem simples coincidências. A formiga respondeu que as coincidências costumavam ser apenas relações ainda insuficientemente observadas. Decidiram então fazer uma experiência. A borboleta abriu lentamente as asas e a formiga começou a comparar o desenho com a paisagem. Caminharam durante vários dias. Sempre que encontravam um cruzamento de caminhos, uma pedra antiga ou um pequeno bosque, verificavam cuidadosamente se existia alguma correspondência. Descobriram que o mapa não indicava lugares fixos. Indicava relações. Um ramo desenhado numa asa não correspondia a um ramo específico, mas ao momento em que duas árvores começavam a crescer uma em direcção à outra. Uma linha sinuosa não representava um rio determinado, mas qualquer água que aprendesse a contornar um obstáculo sem deixar de seguir caminho. Quanto mais avançavam, mais evidente se tornava que o mapa não descrevia o território. Descrevia a maneira como o território se transformava. O grupo aumentou naturalmente. O musgo quis observar o desenho porque suspeitava de que certos silêncios também deixavam marcas semelhantes. O caracol levou alguns cadernos antigos da repartição, convencido de que alguns caminhos arquivados poderiam coincidir com as linhas das asas. Até a baleia envi-

ou notícias através da lontra, perguntando se o mapa incluía lagos onde o mar ainda não chegara. A borboleta escutava todas essas hipóteses com um misto de curiosidade e embaraço. Afinal, era a única portadora do mapa e, paradoxalmente, a que menos o compreendia. Começou então a suspeitar de que certos legados não são transmitidos para serem explicados por quem os recebe, mas para serem partilhados com quem aprende a observá-los. Ao longo das semanas seguintes, a borboleta passou a visitar regularmente a biblioteca das migalhas impossíveis. Não para consultar livros, mas para abrir lentamente as asas sobre a grande mesa onde a formiga costumava trabalhar. Os visitantes aproximavam-se em silêncio. Alguns julgavam reconhecer trilhos antigos. Outros identificavam percursos que ainda não existiam. Havia quem afirmasse que o desenho mudava ligeiramente conforme a luz da manhã ou da tarde. A formiga tentou verificar essa hipótese e acabou por desistir. Percebeu que, mesmo que fosse verdadeira, o mais interessante não era saber se o mapa mudava, mas constatar que os observadores também mudavam enquanto o contemplavam. Foi precisamente essa conclusão que a levou a escrever uma nova entrada na enciclopédia. Não escolheu a palavra "Mapa", como seria previsível. Preferiu escrever sob a entrada "Herança". A definição ocupava apenas algumas linhas: "Há seres que recebem objectos. Outros recebem histórias. Alguns recebem perguntas tão antigas que acabam por viver dentro delas sem se aperceberem." O pássaro leu a frase e não propôs qualquer alteração. A borboleta também não. Limitou-se a fechar lentamente as asas e

a levantar voo. Enquanto desaparecia sobre o bosque, ninguém conseguiu distinguir se seguia um caminho já desenhado ou se estava, naquele preciso instante, a acrescentar uma linha nova ao mapa que transportava desde o primeiro dia da sua existência.

A PEDRA QUE GOSTAVA DE MUDAR DE LUGAR

20



Durante séculos acreditou-se que as pedras eram os habitantes mais previsíveis do vale. Permaneciam onde estavam, atravessavam as estações com a mesma serenidade e pareciam indiferentes às discussões que ocupavam aves, insectos, árvores e raízes. A própria formiga partilhara durante muito tempo essa opinião. Afinal, a primeira entrada da sua enciclopédia nascera precisamente da tentativa de definir uma pedra. No entanto, começou a desconfiar da sua antiga definição quando reparou que uma pequena pedra cinzenta surgia frequentemente em lugares diferentes daqueles onde julgava tê-la visto no dia anterior. A princípio atribuiu a mudança a uma falha de memória. Depois suspeitou do vento, da chuva ou de algum animal distraído. Só muito mais tarde lhe ocorreu uma hipótese quase escandalosa: talvez a pedra se deslocasse por iniciativa própria. A ideia parecia difícil de aceitar, sobretudo porque a pedra nunca era vista em movimento. Aparecia simplesmente nou-

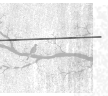
tro lugar. Num dia encontrava-se junto ao rio. Dois dias depois surgia perto da biblioteca das migalhas impossíveis. Na semana seguinte estava ao lado do muro onde o musgo coleccionava silêncios. Nunca fazia grandes viagens. Limitava-se a pequenas deslocações, discretas o suficiente para que quase ninguém lhes prestasse atenção. A formiga decidiu observar o fenómeno metodicamente. Durante várias semanas desenhou mapas, marcou posições e comparou distâncias. No final, os resultados eram claros. A pedra mudava realmente de lugar. Apenas escolhera fazê-lo quando ninguém olhava. O pássaro interessou-se imediatamente pelo caso. Sempre desconfiara de que muitas criaturas levavam uma vida secreta durante os momentos em que julgavam estar sozinhas. Passou então a visitar a pedra em diferentes horas do dia, tentando surpreendê-la durante uma das suas deslocações. Nunca conseguiu. Encontrava-a apenas no início ou no fim da viagem. A certa altura perguntou-lhe directamente porque mudava de lugar. A pedra permaneceu muito tempo em silêncio antes de responder. Explicou que as pedras não apreciavam deslocações rápidas. Preferiam mover-se muito lentamente, quase imperceptivelmente, porque isso lhes permitia observar a paisagem de uma maneira que os seres mais apressados dificilmente compreenderiam. Acrescentou que permanecer sempre no mesmo lugar acabava por produzir uma ilusão desagradável: fazia pensar que o mundo era imóvel, quando, na verdade, tudo à sua volta estava continuamente a transformar-se. A resposta intrigou profundamente a formiga. Regressou à enciclopédia e releu a primeira definição que escrevera anos antes: “Pedra:

coisa que permanece onde está até alguém inventar uma razão para a deslocar.” Pela primeira vez percebeu que a frase estava incompleta. A pedra não precisava de uma razão exterior. Possuía as suas próprias razões, apenas muito mais lentas do que as dos restantes habitantes do vale. Durante vários dias resistiu à tentação de corrigir a entrada. Sentia um estranho afecto por aquele erro inicial. Sem ele talvez nunca tivesse começado a escrever a enciclopédia. Acabou por acrescentar apenas uma nota na margem: “Algumas permanências são feitas de movimentos demasiado lentos para serem vistos.” Entretanto, a notícia espalhou-se discretamente. O rio comentou que já suspeitava da situação, porque encontrava certas pedras em posições ligeiramente diferentes após as grandes cheias. O musgo confessou que também reparara em pequenas mudanças, embora as tivesse atribuído ao crescimento das próprias plantas. A baleia enviou uma observação curiosa através da lontra: no fundo do lago existiam pedras que passavam décadas inteiras a aproximar-se umas das outras sem nunca chegarem verdadeiramente a tocar-se. O caracol ouviu todas essas histórias e concluiu que talvez a lentidão fosse uma forma de viagem muito mal estudada. Como consequência, abriu na repartição um novo arquivo dedicado a deslocações quase invisíveis, convencido de que muitas delas tinham sido ignoradas apenas por falta de paciência dos observadores. Foi o candeeiro quem acabou por formular a hipótese mais inesperada. Durante uma conversa ao entardecer, sugeriu que talvez as pedras não mudassem de lugar para conhecer novos sítios. Talvez o fizessem para oferecer novas

perspectivas aos outros habitantes. Uma pedra junto ao rio permitia ao rio conversar com alguém diferente. A mesma pedra, semanas depois, junto da biblioteca, estabelecia relações completamente novas. A formiga gostou imediatamente da ideia. Recordou-se da nuvem que mudava de forma, da raiz que aprendera a flutuar e do rio que lera folhas em vez de palavras. Começava a perceber que o mundo não era composto apenas por seres que possuíam qualidades. Era composto por seres que modificavam continuamente as relações entre todos os outros. Muito tempo depois, quando regressou ao lugar onde encontrara a primeira pedra da sua vida de investigadora, a formiga descobriu que ela já não estava lá. Não ficou surpreendida. Sentou-se um instante sobre a terra ainda morna e olhou em redor. Não tentou procurá-la. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, voltariam a encontrar-se. Talvez junto ao lago da baleia. Talvez ao pé do velho muro coberto de musgo. Talvez ao lado de uma raiz flutuante ou da biblioteca das migalhas impossíveis. Sorriu ao pensar que a enciclopédia tinha começado por tentar explicar as pedras e acabara por aprender com elas. Depois retomou lentamente o caminho. Atrás de si permanecia um espaço vazio. Mas, pela primeira vez, esse vazio parecia-lhe exactamente o lugar onde uma pedra acabara de passar.

A Saudade que Aprendeu a Esperar

21



Ninguém sabia exactamente quando a Saudade chegara ao vale. Alguns afirmavam que sempre vivera ali. Outros garantiam que aparecera apenas depois de os pássaros começarem a esquecer o nome das árvores. A formiga tinha uma teoria diferente. Suspeitava de que a Saudade não habitava lugar nenhum em particular. Limitava-se a instalar-se nos espaços deixados pelas coisas que mudavam. Não fazia distinção entre árvores, rios, objectos ou animais. Sempre que alguma coisa se transformava de maneira irreversível, ela aproximava-se discretamente e permanecia por ali durante algum tempo, sem fazer ruído nem pedir licença. Foi o musgo quem a encontrou primeiro. Estava a ampliar lentamente a sua colecção de silêncios quando reparou numa presença muito delicada junto ao muro. Não tinha forma definida. Também não possuía cor ou cheiro. O musgo reconheceu-a apenas porque os silêncios à sua volta se tinham tornado ligeiramente mais profundos. Em vez de a interro-

gar, limitou-se a fazer-lhe companhia durante algumas horas. Quando a formiga apareceu, ao fim da tarde, o musgo explicou apenas que tinha recebido uma visita. A formiga olhou em redor, mas não viu ninguém. Só começou a compreender quando se recordou da pedra que deixara de encontrar no lugar habitual e sentiu, por um breve instante, uma pequena vontade de voltar atrás no tempo. A Saudade, pensou, talvez fosse precisamente isso: uma presença que se torna visível apenas quando alguma ausência aprende a respirar. O pássaro mostrou-se inicialmente desconfiado. Considerava a Saudade uma criatura pouco prática. Viajava demasiado para se permitir permanecer preso ao que já desaparecera. Contudo, ao conversar com ela, percebeu que tinha construído uma ideia simplificada. A Saudade explicou-lhe que nunca pedira a ninguém que deixasse de avançar. O seu trabalho consistia apenas em impedir que certas ligações fossem completamente esquecidas. Falou-lhe da árvore cujo nome ele perdera há muito tempo. O nome continuava ausente, mas a relação permanecia viva. Falou-lhe também da baleia que nunca conhecera o mar. A Saudade não queria obrigá-la a partir. Apenas recordava, de vez em quando, que existiam horizontes ainda por visitar. O pássaro começou então a suspeitar de que a Saudade era menos uma prisão do que uma forma discreta de memória. A notícia espalhou-se e, durante alguns dias, muitos habitantes do vale procuraram encontrá-la. O caracol mostrou-lhe antigos dossiers que já não interessavam a ninguém. A colher recordou chuvas que nunca voltaram a cair da mesma maneira. O rio falou-lhe de folhas que tinham passado

apenas uma vez sobre a corrente. A raiz flutuante confessou que ainda se lembrava do instante em que perdera contacto com a terra pela primeira vez. A Saudade escutava todos esses relatos sem emitir opiniões. Limitava-se a permanecer ao lado de quem falava, como se soubesse que certas recordações se organizam melhor quando alguém as acompanha em silêncio. Foi a baleia quem acabou por compreender uma característica que passara despercebida aos outros. Numa mensagem enviada através da lontra, escreveu que a Saudade nunca permanecia muito tempo no mesmo lugar. Visitava todos, mas acabava sempre por partir. A observação intrigou profundamente a formiga. Quando finalmente voltou a encontrar a visitante junto da biblioteca, perguntou-lhe porque não ficava definitivamente entre eles. A Saudade respondeu que, se permanecesse demasiado tempo, deixaria de ser Saudade e transformar-se-ia em outra coisa, talvez tristeza ou nostalgia. Explicou que a sua tarefa era muito mais modesta. Aproximava-se apenas o tempo suficiente para lembrar que o passado continua a participar no presente, e afastava-se logo de seguida para que a vida pudesse continuar o seu caminho. A formiga escreveu então uma nova entrada na enciclopédia. Trabalhou nela durante vários dias e acabou por produzir a definição mais curta de toda a obra: “Saudade: memória que sabe esperar.” O pássaro leu a frase em voz alta. O musgo permaneceu silencioso. O rio continuou a correr. A pedra, que entretanto mudara novamente de lugar, pareceu aproximar-se alguns centímetros da biblioteca. Ninguém comentou esse pequeno movimento. Todos tinham aprendido que certas mudanças

acontecem melhor quando não são interrompidas. Na manhã seguinte, a Saudade já não estava no vale. Não deixara qualquer despedida. Mesmo assim, ninguém sentiu que tivesse desaparecido completamente. A formiga continuou a trabalhar na enciclopédia, o pássaro retomou as suas viagens e a baleia permaneceu junto ao lago observando as nuvens reflectidas na água. O mundo parecia exactamente igual ao do dia anterior. Apenas havia uma diferença quase imperceptível: cada um deles caminhava agora com a tranquila certeza de que as coisas verdadeiramente importantes nunca se afastam por inteiro. Algumas limitam-se a aprender a esperar até voltarem a encontrar-nos.

A Árvore que Contava as Sombras 22

A árvore nunca contara os anos. Considerava-os uma unidade demasiado grosseira para medir uma vida. Preferia contar sombras. Descobrira ainda muito jovem que nenhuma sombra era exactamente igual à anterior. Algumas permaneciam apenas alguns minutos antes de serem dissolvidas pelo movimento do Sol. Outras alongavam-se lentamente sobre o chão até tocarem pedras que nunca tinham conhecido. Havia sombras de chuva, sombras de neve, sombras de pássaros em voo e sombras produzidas por nuvens tão transparentes que quase passavam despercebidas. A árvore habituara-se a observá-las como quem acompanha uma longa conversa. À medida que os troncos engrossavam e os ramos se multiplicavam, a sua colecção tornava-se cada vez mais vasta. Foi o pássaro quem reparou primeiro nesse estranho hábito. Durante uma tarde particularmente quente, encontrou a árvore profundamente concentrada enquanto a sua própria sombra avançava lentamente pelo prado.

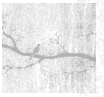
Perguntou-lhe o que observava com tanta atenção. A árvore respondeu que estava a contar. O pássaro olhou em redor e não viu frutos, folhas nem sementes suficientes para justificar semelhante ocupação. Só depois de uma longa explicação compreendeu que a árvore contava as sombras que produzia. Não o fazia por vaidade, nem por qualquer desejo de estabelecer recordes. Fazia-o porque suspeitava de que as sombras conservavam uma parte da história da luz. Cada uma registava discretamente a posição do Sol, o crescimento dos ramos, a inclinação do terreno e até a passagem dos animais que por ali tinham caminhado. Quando uma sombra desaparecia, outra surgia imediatamente, ligeiramente diferente da anterior. A árvore começou então a acreditar que a sua verdadeira biografia talvez estivesse escrita no chão. A notícia despertou a curiosidade da formiga, que apareceu no dia seguinte munida de pequenas estacas de madeira e de um fio muito fino. O seu plano consistia em desenhar o percurso das sombras ao longo de uma semana para descobrir se obedeciam a algum padrão. Trabalhou cuidadosamente desde o nascer até ao pôr-do-sol, anotando comprimentos, direcções e pequenas variações. Ao fim de sete dias possuía um conjunto impressionante de desenhos, mas não conseguia retirar qualquer conclusão. Havia repetições, mas nunca eram exactas. Certas curvas regressavam meses depois com diferenças mínimas. Algumas sombras pareciam recordar outras muito antigas. O musgo, que acompanhara a experiência em silêncio, observou apenas que as sombras talvez fossem parecidas com os silêncios: nunca desapareciam verdadeiramente; limitavam-se a mudar de

lugar. As observações continuaram durante várias estações. O caracol visitou a árvore e sugeriu arquivar algumas sombras particularmente importantes, mas rapidamente percebeu que isso seria impossível. O rio comentou que também ele transportava sombras durante alguns instantes, embora as perdesse logo na curva seguinte. A baleia enviou uma mensagem através da lontra dizendo que, no lago, as sombras das nuvens permaneciam muito menos tempo do que as das montanhas, mas nem por isso eram menos importantes. Até a colher, sempre interessada em fenómenos difíceis de medir, passou uma tarde inteira a comparar a temperatura de diferentes sombras e concluiu que algumas conservavam um resto de luz impossível de explicar. Pouco a pouco, todos começaram a prestar atenção àquilo que até então tinham considerado apenas ausência. Foi então que a árvore fez uma descoberta inesperada. Certo entardecer, enquanto observava a sua sombra tocar a sombra de outra árvore mais antiga, percebeu que nenhuma delas terminava realmente onde parecia terminar. Misturavam-se, atravessavam-se e continuavam juntas durante algum tempo antes de voltarem a separar-se. Essa pequena sobreposição alterou completamente a maneira como compreendia a própria existência. Até então julgara que cada árvore produzia apenas a sua sombra. Agora percebia que as sombras conviviam entre si da mesma forma que as raízes se encontravam debaixo da terra. Talvez o bosque estivesse unido por dois sistemas invisíveis: um subterrâneo, feito de raízes e fungos, e outro luminoso, feito de sombras que se tocavam todos os dias sem que quase ninguém reparasse. Quando

a formiga ouviu esta hipótese, fechou o caderno onde tomara notas durante semanas. Sentiu que nenhuma medição conseguiria explicar uma ideia daquela natureza. Em vez de acrescentar mais uma definição à enciclopédia, escreveu apenas uma observação na margem de uma página em branco: “Há encontros que acontecem por baixo da terra e outros que acontecem sobre ela. Ambos sustentam o mundo, embora raramente sejam vistos ao mesmo tempo.” O pássaro leu a frase antes de levantar voo. A árvore não comentou. Continuou a contar sombras, não porque esperasse terminar a contagem, mas porque compreendera que certas tarefas existem precisamente para nunca ficarem concluídas. E, desde então, sempre que o Sol atravessava lentamente o vale, parecia haver um instante muito breve em que todas as sombras do bosque se reconheciam umas às outras antes de prosseguirem o seu caminho silencioso.

O Vento que Recolhia Perguntas

23



Durante muito tempo acreditou-se que o vento transportava apenas aquilo que encontrava pelo caminho. Levava sementes para lugares inesperados, deslocava folhas, inclinava ervas altas, modificava o curso das nuvens e, quando se mostrava particularmente determinado, conseguia até convencer algumas árvores a libertarem ramos que já não lhes faziam falta. Era um trabalhador diligente e pouco dado a explicações. Aparecia, fazia o que tinha a fazer e seguia adiante. Foi a formiga quem começou a desconfiar de que a sua actividade era mais complexa. Reparou que certas perguntas desapareciam do vale sem nunca receber resposta e que, passado algum tempo, regressavam inesperadamente pela boca de criaturas completamente diferentes. Uma dúvida levantada pela baleia junto ao lago podia reaparecer meses depois numa conversa entre duas raízes flutuantes. Uma pergunta feita pelo pássaro durante uma viagem surgia, dias

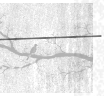
mais tarde, enquanto o musgo observava silenciosamente a chuva. A coincidência repetiu-se tantas vezes que deixou de parecer coincidência. A formiga começou então a anotar cuidadosamente essas deslocações. Não lhe interessavam as respostas, mas o percurso das perguntas. Descobriu que quase todas tinham uma estranha tendência para viajar em dias de vento. Comentou a observação com o pássaro, que lhe respondeu ter sentido exactamente o mesmo durante as migrações. Havia lugares onde as aves pareciam pousar trazendo consigo questões que nunca tinham formulado. Algumas perguntavam por que razão certas árvores viviam mais do que outras. Outras interrogavam-se sobre o destino das sombras durante a noite ou sobre a maneira como o rio escolhia as curvas. Nenhuma dessas perguntas nascera durante o voo. Pareciam simplesmente ter sido recolhidas algures e transportadas até ali. Decidiram observar o vento com mais atenção. Não era tarefa fácil. Ao contrário do rio, da baleia ou das árvores, o vento recusava permanecer no mesmo lugar tempo suficiente para ser estudado. Mesmo assim, o pássaro conseguiu acompanhá-lo durante alguns dias, aproveitando correntes de ar que lhe permitiam voar quase sem bater as asas. Descobriu então um comportamento curioso. Sempre que encontrava alguém profundamente concentrado, o vento diminuía ligeiramente a velocidade, como se escutasse. Não permanecia muito tempo. Bastavam alguns instantes. Depois retomava o percurso levando consigo qualquer coisa invisível. O pássaro nunca conseguiu ver exactamente o que era, mas começou a suspeitar de que

fossem perguntas ainda incompletas, pensamentos que não tinham encontrado palavras ou dúvidas que os seus autores julgavam ter esquecido.

A confirmação surgiu de forma inesperada através do velho caracol da repartição. Enquanto reorganizava um conjunto de dossiers, encontrou um envelope completamente vazio. Tinha sido arquivado muitos anos antes e não continha qualquer documento. Apenas uma data e uma nota escrita pela sua letra antiga: "Pergunta ainda em circulação." O caracol não fazia ideia do significado daquela anotação, mas a expressão despertou imediatamente o interesse da formiga. Juntos começaram a procurar outros casos semelhantes e descobriram vários envelopes igualmente vazios, todos com datas diferentes e a mesma observação. O caracol acabou por recordar vagamente que, em tempos, decidira arquivar perguntas que ainda não tinham encontrado a pessoa certa para lhes responder. Nunca imaginara que continuassem a viajar. Foi então que resolveram perguntar directamente ao vento. Esperaram por uma tarde em que as nuvens se deslocavam lentamente sobre o vale e o chamaram pelo nome, embora ninguém soubesse ao certo se o vento possuía um. O vento aproximou-se sem fazer ruído. A formiga explicou-lhe a investigação. O pássaro contou-lhe as observações feitas durante o voo. O caracol mostrou-lhe os envelopes vazios. O vento ouviu tudo com uma paciência surpreendente. Depois respondeu que nunca transportara respostas. Essas pertenciam sempre a quem as descobria. O seu trabalho consistia apenas em impedir que as perguntas permanecessem demasiado tempo no

mesmo lugar. Quando uma dúvida envelhece sem se mover, explicou, começa a acreditar que já conhece a solução. É então que deixa de fazer o trabalho para que nasceu. A explicação agradou profundamente à formiga. Na manhã seguinte acrescentou uma nova entrada à enciclopédia. Em vez de definir a palavra "vento", escreveu apenas: "Há perguntas que não procuram resposta. Procuram outro lugar onde possam continuar a crescer." O pássaro leu a frase em voz alta junto ao rio, que pareceu abrandar por um instante. O musgo escutou-a sem comentar. A baleia recebeu-a dias depois através da lontra e permaneceu muito tempo a olhar para o reflexo das nuvens sobre a água. Quanto ao vento, já seguia caminho muito antes de todos terminarem a conversa, levando consigo outras perguntas ainda sem destino, convencido de que o mundo se mantém vivo precisamente porque nenhuma delas permanece demasiado tempo no mesmo sítio.

24 A Ponte que Nunca Escolhia um Lado



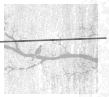
A ponte atravessava o rio havia tanto tempo que ninguém se lembrava da sua construção. As árvores mais antigas afirmavam que já ali estava quando ainda eram rebentos. O rio, interrogado sobre o assunto, respondia apenas que sempre aprendera a contornar os seus pilares e que essa convivência nunca lhe parecera problemática. A ponte era modesta, construída em pedra e madeira, suficientemente larga para deixar passar animais pequenos, viajantes ocasionais e algumas nuvens particularmente baixas que, em certas manhãs de Outono, pareciam preferir caminhar a voar. Todos a utilizavam, mas quase ninguém lhe dirigia a palavra. Havia uma convicção generalizada de que as pontes existiam apenas para serem atravessadas. Foi a formiga quem reparou primeiro que havia qualquer coisa de estranho naquele lugar. Sempre que atravessava a ponte para visitar a biblioteca das migalhas impossíveis, tinha a impressão de chegar ao outro lado com pensamentos

ligeiramente diferentes daqueles que levara consigo. Não se tratava de mudanças radicais. Eram pequenas deslocações. Uma definição que lhe parecera definitiva passava a admitir uma excepção. Uma dúvida antiga deixava de parecer urgente. Uma pergunta esquecida regressava discretamente à memória. Durante algum tempo atribuiu essas alterações ao simples acto de caminhar. Mas, depois de observar o mesmo fenómeno em vários visitantes, começou a suspeitar de que a ponte participava activamente na travessia. O pássaro decidiu investigar de uma maneira que só um pássaro conseguiria. Em vez de utilizar a ponte, atravessou o rio várias vezes pelo ar e comparou as sensações. Descobriu, com alguma surpresa, que nada se alterava. Os pensamentos permaneciam exactamente como tinham começado. Só quando pousou sobre a ponte e percorreu lentamente as tábuas de madeira é que sentiu uma pequena mudança. Não era uma ideia nova. Era antes uma ligeira deslocação do ponto de vista, como se a paisagem lhe pedisse para ser observada simultaneamente das duas margens. Contou a experiência à formiga e ambos resolveram conversar directamente com a ponte, embora ignorassem se uma ponte teria interesse em discutir questões daquela natureza. A ponte respondeu com uma serenidade que parecia pertencer mais à pedra do que à madeira. Explicou que passara toda a existência a ouvir conversas vindas de ambos os lados do rio. Escutava os argumentos das árvores da margem oriental e, algumas horas depois, as observações das árvores da margem ocidental. Conhecia as inquietações da baleia transmitidas pela lontra e as reflexões do musgo

trazidas pelo vento. Ao fim de tantos anos compreendera que quase todos os conflitos nasciam da convicção de que apenas uma margem possuía razão. A sua tarefa nunca consistira apenas em permitir a passagem dos corpos. Consistia sobretudo em recordar que qualquer caminho pode ser visto em duas direcções ao mesmo tempo. Quem atravessava a ponte levava inevitavelmente consigo um pouco da outra margem, mesmo sem se aperceber. A notícia espalhou-se pelo vale e muitos habitantes passaram a visitar a ponte não apenas para atravessar o rio, mas para pensar. O caracol levava consigo processos particularmente difíceis antes de os arquivar. A colher escolhia aquele lugar para observar a chuva. O rio confessou sentir-se menos dividido desde que compreendia melhor o papel da ponte. Até a pedra viajante, que mudava lentamente de lugar, passou alguns dias junto ao primeiro pilar, como se desejasse observar de perto aquela estranha arte de unir sem misturar. A formiga tomou notas de todas essas visitas e concluiu que ninguém regressava exactamente igual. Não porque a ponte oferecesse respostas, mas porque obrigava cada visitante a transportar consigo uma pequena parte do olhar alheio. Quando chegou o fim da Primavera, a formiga escreveu uma nova entrada na enciclopédia. Desta vez escolheu a palavra "Ponte", mas a definição demorou vários dias a encontrar a forma certa. Depois de muitas tentativas, conservou apenas uma frase: "Há lugares cuja verdadeira função não é aproximar margens, mas ensinar cada margem a imaginar a outra." O pássaro leu a definição em voz alta enquanto o rio seguia tranquilamente o seu percurso. A ponte não co-

mentou. Continuou a receber passos, rodas, patas, asas e sombras com a mesma discrição de sempre, satisfeita por saber que algumas travessias começam muito antes do primeiro passo e só terminam muito depois de se alcançar a outra margem.

25 O Jardim que Cultivava Hipóteses



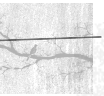
O jardim não era particularmente grande. Ocupava uma pequena clareira entre o rio e o bosque, protegido por um muro baixo onde o musgo continuava a aumentar silenciosamente a sua colecção de silêncios. À primeira vista parecia um lugar perfeitamente comum. Havia flores, ervas aromáticas, algumas árvores jovens, um banco de madeira já gasto pelo tempo e um carreiro de cascalho que conduzia até uma pequena cancela. No entanto, qualquer visitante que ali permanecesse durante algumas horas acabava por notar uma estranheza subtil. As plantas não cresciam segundo um plano fixo. Pareciam experimentar possibilidades. Uma flor surgia inesperadamente ao lado de uma pedra onde nunca antes crescera nada. Um arbusto inclinava-se numa direcção improvável para acompanhar o percurso de uma sombra. Certas sementes germinavam apenas durante dois ou três dias, como se quisessem verificar uma ideia antes de decidir se valia a pena permanecer. Foi a baleia quem

ouviu falar do jardim pela primeira vez. Uma lontra, regressada de uma viagem pelo interior, contou-lhe que existia um lugar onde as plantas pareciam pensar antes de crescer. A descrição intrigou-a profundamente. Desde sempre acreditara que toda a aNatureza possuía uma forma própria de inteligência, embora raramente se manifestasse da mesma maneira em todos os seres. Pediu então ao pássaro que visitasse o jardim e trouxesse notícias. O pássaro partiu na manhã seguinte e encontrou a formiga já instalada junto a um canteiro, observando atentamente um conjunto de pequenas folhas que tinham nascido em espiral perfeita durante três dias consecutivos para, no quarto dia, adoptarem uma disposição completamente diferente. A jardineira era uma mulher muito idosa de quem ninguém conhecia o nome. Os habitantes do vale tratavam-na simplesmente por Guardiã. Quando a formiga lhe perguntou porque deixava crescer plantas em lugares aparentemente errados, a velha sorriu e respondeu que o jardim não era uma colecção de certezas. Era um lugar onde as plantas podiam experimentar futuros. Explicou que nem todas as sementes sabiam exactamente aquilo em que desejavam transformar-se. Algumas precisavam de tentar caminhos diferentes antes de encontrarem o mais adequado. Se lhes fosse imposto um desenho demasiado rígido, talvez sobrevivessem, mas dificilmente aprenderiam alguma coisa sobre si próprias. A explicação alterou completamente a maneira como a formiga passou a observar o jardim. Descobriu que certas flores apareciam apenas para ensinar uma abelha a encontrar um percurso mais curto. Havia ervas que cresciam durante um

Verão inteiro apenas para proteger o solo da erosão e desapareciam sem deixar descendência. Uma pequena árvore mudara três vezes a inclinação do tronco até encontrar uma abertura na copa das árvores mais antigas. Nada parecia obedecer ao acaso. Também não obedecia a um plano definitivo. O jardim funcionava como um laboratório paciente onde cada ser testava discretamente uma hipótese acerca da melhor maneira de habitar aquele lugar. Quando o pássaro regressou acompanhado pelo musgo e pelo caracol, a Guardiã conduziu-os até uma zona onde quase não existiam plantas. Havia apenas terra escura e algumas pedras dispersas. Explicou que aquele era o canteiro das ideias ainda sem forma. Nem todas as hipóteses germinavam imediatamente. Algumas permaneciam anos debaixo da terra antes de encontrarem a estação certa. O caracol comentou que isso lhe recordava os dossiers da repartição, onde certos processos só começavam verdadeiramente muitos anos depois de terem sido arquivados. O musgo acrescentou que os silêncios também amadureciam dessa maneira. A velha ouviu-os com atenção e respondeu apenas que um bom jardim nunca cultiva apenas plantas. Cultiva igualmente o tempo necessário para que elas descubram quem são. Ao regressar à biblioteca das migalhas impossíveis, a formiga levou consigo apenas uma pequena semente oferecida pela Guardiã. A semente parecia absolutamente vulgar. Não possuía cor invulgar, nem forma extraordinária. Mesmo assim, a velha pedira-lhe que não tentasse identificar a espécie antes de a plantar. “Há sementes que preferem apresentar-se sozinhas”, dissera. A formiga guardoua durante vários dias

sem saber o que fazer. A tentação de abrir uma nova entrada na enciclopédia era enorme, mas resistiu. Pela primeira vez compreendeu que uma hipótese demasiado cedo transformada em definição pode deixar de crescer. Algumas semanas mais tarde escolheu um pequeno espaço junto à biblioteca e enterrou cuidadosamente a semente. Nunca contou a ninguém o local exacto. O pássaro perguntoulhe várias vezes o que esperava dali nascer. A formiga respondia sempre da mesma maneira: "Ainda não sei. E talvez seja precisamente isso que a semente está à espera de ouvir." O pássaro acabou por deixar de insistir. Ambos permaneceram muitas tardes sentados perto daquele lugar, observando uma terra onde aparentemente nada acontecia. Contudo, sempre que o vento passava devagar sobre o jardim, tinham a impressão de que, debaixo do solo, alguma hipótese começava muito lentamente a aprender a existir.

A BIBLIOTECA QUE COMEÇOU A SONHAR 26



A biblioteca das migalhas impossíveis era já um lugar conhecido muito para além do vale. Animais, plantas, pedras e objectos chegavam de tempos a tempos trazendo consigo pequenas descobertas que não sabiam onde guardar. A formiga continuava a organizar tudo com o rigor possível, embora tivesse desistido há muito da ilusão de que uma ordem definitiva pudesse existir. As prateleiras cresciam lentamente, novas categorias surgiam todos os meses e algumas desapareciam quando deixavam de fazer sentido. Havia uma secção dedicada às coisas que mudavam mesmo depois de arquivadas, outra reservada aos objectos que provocavam memórias sem conteúdo definido e uma terceira onde repousavam perguntas demasiado antigas para serem respondidas depressa. Apesar de toda essa actividade, a biblioteca permanecia um lugar extraordinariamente silencioso. Não era um silêncio vazio. Era um silêncio ocupado a pensar. Foi o musgo quem notou a primeira alteração. Numa

manhã de nevoeiro, enquanto visitava a biblioteca para devolver um pequeno silêncio encontrado junto ao rio, teve a impressão de que as estantes respiravam. Não era um movimento visível. As tábuas de madeira pareciam apenas dilatarse e contrair-se com uma lentidão impossível de medir. O musgo não comentou a observação. Limitou-se a regressar no dia seguinte. O fenómeno repetiu-se. No terceiro dia, percebeu que algumas migalhas tinham mudado de prateleira durante a noite. A formiga garantiu que não fora ela. O pássaro também não. O caracol, chamado a dar parecer, declarou que os objectos arquivados raramente desenvolviam hábitos nocturnos, mas admitiu que nunca estudara seriamente essa possibilidade. A situação despertou a curiosidade geral. Durante várias noites, a formiga e o pássaro permaneceram escondidos entre as prateleiras, decididos a descobrir quem reorganizava a biblioteca. Nada aconteceu durante horas. Pouco antes do amanhecer, porém, ouviram um ruído muito discreto, semelhante ao som de uma página que se vira sozinha. Uma pequena pedra deslocou-se alguns centímetros para junto de uma pena trazida pela borboleta do mapa. Ao mesmo tempo, uma folha seca aproximou-se lentamente da colher que media a chuva, enquanto um fragmento de casca passou para a prateleira onde repousavam os objectos que ainda não tinham encontrado nome. Nenhum daqueles movimentos parecia aleatório. Os objectos procuravam companhia. Aproximavam-se de outros com quem partilhavam qualquer afinidade invisível, como se durante a noite conversassem entre si. A formiga passou vários dias a estudar aquele estranho comportamento. No

princípio tentou corrigir a disposição das peças, recolocando cada uma no lugar que lhes destinara. Contudo, ao regressar na manhã seguinte, verificava que tudo voltara a mudar. Aos poucos começou a reparar que as novas vizinhanças produziam relações inesperadas. A pedra viajante, colocada junto do formulário da nuvem, fazia surgir perguntas sobre a lentidão e a transformação. Uma gota de chuva seca, guardada pela colher, parecia compreender melhor a companhia de uma folha transportada pelo rio do que a das restantes gotas. Até os silêncios recolhidos pelo musgo pareciam instalar-se espontaneamente junto dos objectos que mais precisavam deles. A biblioteca deixava de ser apenas um lugar onde as coisas eram guardadas. Tornava-se um lugar onde as próprias coisas continuavam a pensar. Foi então que a baleia enviou uma mensagem através da lontra. Contava que, no fundo do lago, certas pedras mudavam igualmente de posição durante a noite, não porque desejassem deslocar-se, mas porque algumas histórias só podiam ser contadas quando determinadas presenças se encontravam. O pássaro leu a carta em voz alta. A formiga permaneceu longo tempo em silêncio. Começava a suspeitar de que a biblioteca nunca lhe pertencera verdadeiramente. Ela construíra as estantes, escrevera os catálogos e inventara as categorias, mas talvez o conhecimento possuísse uma vida própria, independente de quem o recolhe. A sua tarefa não consistia em impor uma ordem definitiva ao mundo. Consistia apenas em oferecer-lhe um lugar suficientemente tranquilo para que as relações pudessem nascer. Nessa mesma tarde, a formiga retirou cuidadosamente da entrada da biblio-

teca uma pequena tabuleta onde se lia "Catálogo Geral". Virou-a ao contrário e escreveu apenas uma palavra: "Encontros". Não explicou a alteração a ninguém. Também ninguém lha perguntou. O pássaro compreendeu imediatamente. O musgo limitou-se a sorrir daquele modo quase imperceptível que apenas os musgos conseguem. Desde então, quando a noite cai sobre o vale e todas as criaturas regressam lentamente às suas casas, há quem diga que a biblioteca continua acordada. Não para vigiar os seus tesouros, mas para sonhar novas vizinhanças entre coisas que, durante o dia, ainda julgavam não ter nada para dizer umas às outras.

27 A Estrela que Chegava Sempre Atrasada

A primeira vez que a estrela apareceu, ninguém lhe prestou grande atenção. O céu estava limpo, o rio reflectia uma quantidade habitual de luz e o pássaro preparava-se para regressar ao bosque quando reparou num pequeno brilho que surgia sempre alguns instantes depois dos restantes. Enquanto as outras estrelas ocupavam lentamente os seus lugares, aquela demorava mais um pouco, como se tivesse parado pelo caminho para observar qualquer coisa invisível. A diferença era mínima, talvez apenas alguns segundos, mas repetiu-se noite após noite. O pássaro comentou o fenómeno com a formiga, que respondeu tratar-se provavelmente de um erro de observação. Ainda assim, decidiu começar a tomar notas. Ao fim de várias semanas teve de admitir que o atraso existia realmente. A notícia chegou rapidamente à biblioteca das migalhas impossíveis, onde todas as anomalias acabavam, mais cedo ou mais tarde, por ser discutidas. O caracol consultou antigos registos da

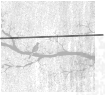
repartição e não encontrou qualquer referência a estrelas impontuais. A baleia pediu à lontra que observasse o reflexo do céu sobre o lago, e esta confirmou que também na água a pequena estrela aparecia sempre depois das outras. O musgo, por seu lado, declarou que os silêncios da noite só ficavam completos quando aquele brilho finalmente surgia. A observação agradou ao pássaro, mas deixou a formiga intrigada. Como podia um simples atraso alterar a qualidade de um silêncio? Resolveram então esperar pela estrela numa clareira afastada do bosque. Não procuravam explicações astronómicas. Queriam apenas compreender se o atraso escondia alguma intenção. Durante muitas noites permaneceram em silêncio, observando o escurecer do céu. As constelações apareciam lentamente, o vento diminuía de intensidade e, já quando tudo parecia terminado, surgia finalmente a pequena estrela. Nunca ocupava exactamente o mesmo lugar. Variava ligeiramente de posição, como se viesse de uma longa viagem e escolhesse apenas no último instante onde desejava permanecer. Foi o rio quem sugeriu uma hipótese inesperada. Talvez a estrela não estivesse atrasada. Talvez fosse a última a partir de algum lugar muito distante e, por isso, a última a chegar. A ideia permaneceu algum tempo a circular entre os habitantes do vale até que a velha Guardiã do jardim decidiu intervir. Explicou que conhecera, em criança, um astrónomo que lhe dissera uma frase de que nunca mais se esquecera: "Nem todas as luzes pertencem ao mesmo presente." Na altura não compreendera o significado. Muitos anos depois começava a suspeitar de que certas claridades percorriam distâncias tão gran-

des que transportavam consigo tempos diferentes. A pequena estrela talvez não chegasse atrasada. Talvez estivesse simplesmente a trazer uma noite muito antiga, uma noite que ainda continuava a viajar enquanto todas as outras já tinham chegado ao vale. O pássaro gostou profundamente da hipótese. A formiga escreveu-a num pedaço de papel, mas decidiu não a incluir na enciclopédia. Parecia-lhe uma ideia que precisava de permanecer algum tempo ao ar livre antes de aceitar uma definição. A estrela continuou a aparecer todas as noites. Nunca respondeu às perguntas que lhe dirigiam e nunca alterou o seu pequeno atraso. Aos poucos, porém, os habitantes do vale deixaram de esperar por ela com impaciência. Começaram a reservar-lhe um momento de silêncio. O musgo interrompia a sua colecção durante alguns instantes. A baleia subia lentamente à superfície do lago. A ponte permanecia completamente vazia. Até o relógio da repartição parecia abrandar ligeiramente o movimento dos ponteiros, como se compreendesse que certos encontros não deviam ser apressados. A espera deixara de ser um incómodo. Tornara-se parte da própria observação. Foi então que a formiga compreendeu aquilo que verdadeiramente a fascinava naquele fenómeno. A estrela não modificava apenas o céu. Modificava o comportamento de quem a aguardava. Obrigava todos a permanecer mais alguns instantes atentos ao escurecer da noite, prolongando um tempo que normalmente passava despercebido. Na manhã seguinte acrescentou uma nova nota à margem da enciclopédia: "Há seres que iluminam o mundo pela luz que trazem. Outros iluminam-no pelo tempo que nos ensinam a espe-

rar." Não procurou desenvolver a ideia. Fechou o caderno e caminhou lentamente até ao rio. Nessa noite, quando o vale voltou a mergulhar na escuridão, todos olharam naturalmente para o céu. As estrelas apareceram uma após outra. Depois instalou-se aquele breve intervalo que já lhes era familiar. Só então surgiu o pequeno brilho tardio, discreto como sempre. Ninguém aplaudiu. Ninguém comentou. O pássaro sorriu, a baleia observou o reflexo na água e o musgo acrescentou mais um silêncio à sua colecção. A estrela permaneceu alguns instantes sobre o vale antes de prosseguir a sua viagem invisível. Talvez continuasse atrasada. Ou talvez fosse apenas a única que conhecia a verdadeira velocidade da distância.

A Janela que Esperava pelo Amanhã

28



A casa era pequena, construída em pedra clara, com um telhado coberto de líquenes e uma única janela voltada para nascente. Não havia nada de particularmente extraordinário nela. Quem passasse pelo caminho veria apenas uma construção antiga, semelhante a tantas outras espalhadas pelo vale. Contudo, quem ali permanecesse durante alguns dias acabaria por notar um hábito curioso. Todas as manhãs, muito antes do Sol aparecer por detrás das colinas, a janela abria-se sozinha. Não havia qualquer mão que empurrasse as portadas nem qualquer mecanismo escondido. Simplesmente abria-se, permanecia imóvel durante algum tempo e voltava a fechar-se quando a luz se instalava definitivamente. A maioria dos habitantes atribuía o fenómeno ao envelhecimento da madeira. Só a formiga desconfiava de que existia uma explicação menos mecânica. Foi o pássaro quem decidiu investigar. Passou várias madrugadas pousado no parapeito, observando cuidadosamente a janela. Des-

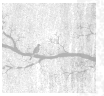
cobriu que ela nunca se abria exactamente à mesma hora. Em certos dias antecipava-se alguns minutos. Noutros demorava um pouco mais. Parecia não responder ao relógio da repartição nem ao movimento regular das estrelas. Esperava antes por um instante muito preciso, impossível de medir. Quando finalmente se abria, permanecia voltada para um horizonte ainda vazio, onde não havia Sol, nem nuvens, nem qualquer sinal visível do novo dia. O pássaro comentou que talvez estivesse simplesmente a apanhar ar. A formiga respondeu que nenhuma janela precisava de tanta paciência apenas para renovar o ar de uma casa. A curiosidade levou-os a conversar directamente com a velha janela. Esta demorou algum tempo a responder, como se procurasse palavras adequadas para uma tarefa que desempenhava havia tantos anos. Explicou que não se abria para receber o dia. O dia chegaria de qualquer maneira. Abria-se para receber aquilo que ainda não existia. Gostava de permanecer alguns minutos diante daquele espaço completamente indefinido onde o amanhã ainda era apenas uma possibilidade. Considerava esse breve intervalo a parte mais interessante de todas as manhãs, porque nele cabiam acontecimentos que ninguém podia prever: uma chuva inesperada, o regresso de uma ave migratória, o nascimento de uma flor, uma conversa entre duas pedras ou uma ideia nova na cabeça da formiga. Assim que o Sol aparecia, muitas dessas possibilidades começavam naturalmente a transformar-se em realidade. A janela preferia observá-las antes dessa transformação. A explicação espalhou-se rapidamente pelo vale. O musgo declarou reconhecer bem aquele

instante, porque era precisamente nessa hora que surgiam alguns dos seus silêncios mais raros. A baleia enviou uma mensagem através da lontra dizendo que, sobre o lago, existia também um momento em que a água ainda não decidira se iria reflectir o céu ou acolher a primeira luz do dia. O rio confessou que as suas correntes pareciam mais lentas durante esses minutos, como se também aguardassem alguma decisão invisível. Até o relógio da repartição admitiu que nunca conseguira medir correctamente aquele intervalo, pois os ponteiros sabiam contar segundos, mas não sabiam contar expectativas. A formiga passou então a visitar a casa todas as madrugadas. Não levava consigo o caderno da enciclopédia. Sentava-se apenas junto da janela e observava o horizonte ainda escuro. Descobriu que, quanto menos tentava adivinhar o que iria acontecer, mais atentamente escutava o mundo. Começou a distinguir o primeiro insecto que acordava, o momento exacto em que uma folha deixava de acumular orvalho e o instante em que o vento mudava discretamente de direcção. Percebeu que o amanhã nunca chegava de uma só vez. Aproximava-se lentamente, repartido por pequenas decisões tomadas em silêncio por milhares de seres diferentes. Quando a janela lhe perguntou se escreveria uma nova entrada para a enciclopédia, a formiga sorriu e respondeu que não. Algumas experiências tornavam-se demasiado estreitas quando eram encerradas numa definição. Limitou-se a escrever uma única frase na última página do caderno: “O futuro não começa quando o dia nasce. Começa alguns minutos antes, quando o mundo inteiro ainda está a decidir quem será.” Depois fe-

chou cuidadosamente a enciclopédia e permaneceu junto da janela até o Sol surgir por detrás das colinas. A casa voltou a fechar as portadas com a tranquilidade de sempre. Sabia que, na manhã seguinte, o amanhã voltaria a precisar de alguém disposto a esperá-lo antes de existir.

O Eco que Procurava a Sua Primeira Voz

29



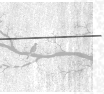
Durante muitos anos acreditou-se que os ecos nasciam ao mesmo tempo que os sons. Bastava uma voz atravessar um vale, um grito encontrar uma montanha ou uma pedra cair num desfiladeiro para que o eco surgisse naturalmente alguns instantes depois. Parecia uma relação simples e ninguém sentia necessidade de a questionar. Foi a baleia quem levantou a primeira dúvida. Certa manhã, enquanto emitia um longo canto nas águas tranquilas do lago, teve a impressão de escutar um eco que não pertencia exactamente à sua própria voz. Repetiu o canto várias vezes, alterando-lhe a duração e a intensidade, mas a estranha sensação persistiu. Havia qualquer coisa naquele regresso do som que parecia mais antiga do que o próprio canto. A lontra levou a história até ao vale e, poucos dias depois, a formiga, o pássaro e o musgo encontravam-se junto ao lago para tentar compreender o fenómeno. A experiência repetiu-se. O pássa-

ro cantou uma melodia muito breve. O eco regressou exactamente como esperado, mas todos tiveram a impressão de que trazia consigo uma pequena inflexão impossível de localizar. A formiga bateu duas pedras uma contra a outra. O eco devolveu o ruído com absoluta fidelidade, embora parecesse transportar uma espécie de memória. O musgo, que raramente falava alto, limitou-se a escutar demoradamente antes de sugerir uma hipótese delicada: talvez os ecos não repetissem apenas os sons. Talvez também conservassem uma recordação de todos os sons que já tinham passado por aquele lugar. A ideia parecia ousada, mas quanto mais observavam, mais plausível se tornava. Resolveram então viajar até uma antiga garganta rochosa onde, segundo as árvores mais velhas, os ecos habitavam desde tempos imemoriais. O caminho demorou quase um dia inteiro. Quando chegaram, encontraram um lugar de extraordinária quietude. Bastava uma folha tocar numa pedra para que o vale inteiro parecesse responder. O pássaro experimentou vários chamamentos. A formiga deixou cair pequenas sementes. O rio, que passava ali perto, acrescentava discretamente o seu murmúrio à experiência. Em todos os casos, o eco regressava com uma delicadeza que não parecia limitar-se à simples repetição. Era como se cada resposta transportasse um número incontável de vozes anteriores, todas elas misturadas numa única ressonância. Foi então que apareceu uma velha coruja que vivia havia décadas naquela garganta. Escutara as experiências sem interromper ninguém e aproximou-se apenas quando a tarde começava a escurecer. Explicou que os ecos nunca lhe tinham pareci-

do simples imitadores. Segundo ela, eram excelentes arquivistas. Não guardavam palavras, porque as palavras mudavam de significado ao longo do tempo. Guardavam antes a maneira como cada ser ocupava o silêncio antes de falar. Era essa pequena diferença que fazia com que o canto da baleia, o chamamento do pássaro ou o ruído das pedras nunca regressassem exactamente iguais. O eco devolvia sempre o presente acompanhado por uma discreta companhia do passado. Não para confundir quem escutava, mas para recordar que nenhuma voz nasce completamente sozinha. A explicação permaneceu durante muito tempo na cabeça da formiga. Ao regressar à biblioteca das migalhas impossíveis, percorreu lentamente as estantes e começou a olhar para os objectos de outra maneira. A pedra viajante parecia conversar com a primeira pedra descrita na enciclopédia. A colher que media a chuva conservava ainda alguma coisa das primeiras gotas que observara. O formulário da nuvem recordava silenciosamente todas as perguntas que nunca chegaram a ser preenchidas. A biblioteca inteira lhe pareceu, de repente, um grande eco material onde cada objecto continuava a responder discretamente aos anteriores. Talvez fosse precisamente por isso que as prateleiras mudavam de organização durante a noite. Não estavam a procurar uma ordem diferente. Procuravam aproximar vozes que, embora separadas pelo tempo, ainda tinham qualquer coisa para dizer umas às outras. Nessa mesma noite, a formiga escreveu uma nova nota na margem da enciclopédia. Não escolheu a palavra “Eco”, porque receava limitar demasiado o assunto. Escreveu antes junto da entrada “Escuta”:

“Aquilo que regressa nunca é exactamente aquilo que partiu. Regressa acompanhado por todas as escutas que encontrou no caminho.” Quando mostrou a frase ao pássaro, este permaneceu algum tempo em silêncio antes de responder que talvez o mundo inteiro funcionasse dessa maneira. Nenhuma conversa terminava verdadeiramente onde julgávamos. Continuava a propagar-se por rios, árvores, pedras, musgos e criaturas distantes, até que alguém, muito tempo depois, julgava ter uma ideia completamente nova. Talvez fosse apenas um eco suficientemente paciente. Na manhã seguinte, o vale acordou como sempre. O rio prosseguiu a sua leitura, a ponte recebeu os primeiros viajantes e o vento recolheu novas perguntas para transportar até lugares ainda desconhecidos. A formiga fechou a enciclopédia e levantou os olhos para o bosque. Durante um breve instante pareceu-lhe ouvir uma voz muito antiga misturada com o canto de um pássaro que acabava de acordar. Não tentou descobrir de quem era. Sorriu apenas, convencida de que certos ecos encontram finalmente a sua primeira voz muito depois de todos julgarem que a história já terminou.

30 A Chuva que Aprendeu os Nomes das Pedras



Durante muitos anos, a chuva acreditou que todas as pedras eram iguais. Caía sobre elas com a mesma delicadeza, escorria pelas suas superfícies, demorava-se nas pequenas concavidades e seguia depois viagem até encontrar o rio, um lago ou alguma raiz sedenta. Nunca lhe ocorrera que cada pedra pudesse possuir uma história diferente. Afinal, vistas do alto das nuvens, pareciam apenas pequenos sinais dispersos pela paisagem. Foi uma tempestade de fim de Verão que alterou essa convicção. A água caiu durante horas sobre o vale e, quando tudo terminou, a chuva teve a estranha sensação de que certas pedras lhe eram já familiares. Não sabia explicar porquê. Apenas reconhecia nelas qualquer coisa que ultrapassava a forma ou a cor. A colher que media a chuva foi a primeira a reparar nessa mudança. Durante os dias seguintes começou a notar pequenas diferenças no comportamento das gotas. Algumas permaneciam mais tempo sobre determinadas pedras antes de escor-

rerem. Outras pareciam hesitar, como se estivessem a recordar um encontro anterior. A colher chamou a formiga, que passou uma manhã inteira a observar o fenómeno. Não encontrou qualquer explicação física convincente. As pedras tinham tamanhos semelhantes, recebiam a mesma quantidade de luz e apresentavam inclinações quase idênticas. Mesmo assim, a chuva comportava-se de maneira diferente diante de cada uma delas. O pássaro sugeriu que talvez fosse apenas uma impressão. O musgo respondeu que a água raramente se engana quando escolhe o tempo que deseja permanecer num lugar. A dúvida levou-os até à pedra viajante, que nessa altura repousava junto à ponte. A formiga perguntou-lhe se conhecia alguma razão para aquele comportamento da chuva. A pedra demorou algum tempo a responder, como era seu costume. Explicou que as pedras nunca aprenderam os nomes umas das outras. Não lhes fazia falta. Reconheciam-se pelo peso, pela temperatura, pela memória das montanhas de onde tinham vindo e pelo tempo que tinham passado junto ao rio ou debaixo da terra. A chuva, porém, vivia uma dificuldade diferente. Encontrava milhares de pedras durante uma única estação e nunca permanecia tempo suficiente para as distinguir. Talvez tivesse finalmente aprendido uma maneira própria de as reconhecer. A resposta parecia insuficiente, mas despertou a curiosidade da baleia. Do lago enviou uma mensagem através da lontra dizendo que a água possuía uma memória muito mais delicada do que quase todos imaginavam. Contava que certas correntes regressavam anos depois ao mesmo lugar e pareciam recordar perfeitamente a inclinação das margens.

O rio confirmou a observação. Explicou que nunca precisava de perguntar às pedras por onde devia passar. Bastava aproximar-se delas para reconhecer imediatamente o modo como tinham aprendido a receber a corrente. O pássaro começou então a suspeitar de que a chuva estivesse a fazer exactamente o mesmo. Não aprendia nomes feitos de palavras. Aprendia nomes feitos de encontros. A formiga decidiu acompanhar uma nova tempestade desde o princípio até ao fim. Permaneceu debaixo de uma folha larga, observando cuidadosamente o percurso das gotas. Reparou que, sempre que a chuva encontrava uma pedra pela segunda ou terceira vez, modificava ligeiramente o seu movimento. Não era uma alteração visível para quem olhasse depressa. A gota parecia apenas adaptar a velocidade, a direcção ou o instante da despedida. Aos poucos compreendeu que aquele era o modo como a chuva pronunciava um nome. Não precisava de sílabas nem de sons. Bastavalhe cair de maneira ligeiramente diferente sobre cada pedra do vale. Essa descoberta emocionou-a mais do que esperava. Pensou imediatamente no pássaro que um dia esquecera o nome das árvores. Talvez existissem muitas maneiras de nomear o mundo, algumas tão discretas que só a própria Natureza conseguia reconhecê-las. Quando a tempestade terminou, a formiga regressou à biblioteca das migalhas impossíveis sem escrever uma única linha. Passou longo tempo a percorrer as estantes, observando os objectos que ali se tinham reunido ao longo dos meses. A pedra viajante, o formulário da nuvem, a colher, uma folha enviada pela árvore que recebia cartas das estações e um pequeno fragmento de

casca trazido pelo rio pareciam olhar-se mutuamente com uma familiaridade difícil de explicar. Pela primeira vez ocorreu-lhe que também a biblioteca aprendera os nomes das suas colecções sem recorrer a etiquetas. As prateleiras mudavam durante a noite porque os próprios objectos sabiam reconhecerse. Só ao cair da tarde abriu finalmente a enciclopédia. Em vez de criar uma nova entrada, escreveu uma nota muito breve na margem da página onde começara tudo, anos antes, com a definição da primeira pedra: “Talvez conhecer o nome de alguém não seja saber como lhe chamar. Talvez seja apenas saber como voltar a encontrá-lo.” Fechou cuidadosamente o livro e saiu para o exterior. Começava a chover de novo. Durante alguns minutos permaneceu imóvel a observar as gotas pousarem sobre o caminho de cascalho. Pareciam todas iguais. No entanto, a formiga já não conseguia acreditar nisso. Sabia agora que cada uma estava ocupada a cumprimentar uma pedra diferente, utilizando uma linguagem tão antiga que nenhum dicionário seria capaz de a traduzir.

31 O Horizonte que Mudava de Lugar



O horizonte sempre parecera o elemento mais estável da paisagem. Permanecia ao fundo dos campos, atrás das árvores, para lá das colinas, exactamente onde todos esperavam encontrá-lo. O pássaro utilizava-o para orientar as migrações, a baleia imaginava-o quando escutava histórias do mar e a formiga raramente pensava nele, convencida de que algumas coisas existiam apenas para delimitar o mundo. Essa tranquilidade terminou numa manhã em que a borboleta, ao regressar de um voo particularmente longo, afirmou ter encontrado o horizonte num lugar completamente diferente do habitual. Ninguém lhe deu grande importância. Atribuíram a observação à luz, ao cansaço ou ao movimento das nuvens. Contudo, poucos dias depois, uma andorinha fez exactamente o mesmo comentário, seguido por um falcão e, mais tarde, por uma cegonha que regressava do sul. A notícia despertou a curiosidade da formiga, que começou imediatamente a recolher testemunhos. Descobriu

que todos descreviam o mesmo fenómeno, embora de maneiras diferentes. Uns diziam que o horizonte se afastava quando tentavam aproximar-se dele. Outros juravam que, em certos dias, parecia inesperadamente próximo, como se tivesse decidido visitar o vale. O mais curioso era que nenhuma das descrições coincidia inteiramente com as restantes. O horizonte comportava-se de forma ligeiramente diferente para cada observador. O pássaro sugeriu que isso talvez fosse inevitável. Afinal, passava grande parte da vida a voar e nunca conseguira alcançar aquele lugar onde julgava que o céu tocava a terra. A diferença era que, até então, sempre atribuira esse facto à sua própria limitação. Nunca lhe ocorrera que o horizonte também pudesse participar na experiência. Foi então que resolveram consultar a velha Guardiã do jardim. Ela ouviu atentamente todas as observações antes de conduzir os visitantes até ao ponto mais elevado do vale. Dali avistavam-se o rio, o lago da baleia, a biblioteca das migalhas impossíveis, o muro coberto de musgo e uma sucessão de bosques que desapareciam lentamente na distância. A Guardiã permaneceu algum tempo em silêncio e perguntou-lhes se conseguiam indicar exactamente onde começava o horizonte. Ninguém conseguiu responder. O pássaro apontou vagamente para uma linha azulada. A formiga escolheu outra, um pouco mais abaixo. O musgo, que também os acompanhara, limitou-se a dizer que via apenas uma lenta mistura entre luz e distância. A velha sorriu. Explicou que talvez o horizonte nunca tivesse sido um lugar. Talvez fosse um acordo temporário entre quem observa e aquilo que é observado.

A explicação acompanhou-os durante vários dias. O rio comentou que também ele possuía horizontes. Cada curva escondia uma parte da água e revelava outra, obrigando a corrente a imaginar o que existia mais adiante. A ponte acrescentou que todos os viajantes transportavam um horizonte diferente quando a atravessavam. Até a pedra viajante confessou que mudava discretamente de posição porque desejava ver o mundo sob outros horizontes, ainda que apenas alguns centímetros bastassem para transformar uma paisagem. A formiga começou então a suspeitar de que o horizonte não delimitava o mundo. Delimitava apenas aquilo que cada ser era capaz de compreender em determinado momento. Numa tarde de Outono, enquanto caminhava sozinha até ao rio, a formiga teve finalmente uma experiência que não conseguiu explicar. Ao subir uma pequena elevação olhou em frente e percebeu, por um breve instante, que o horizonte parecia aproximar-se lentamente dela. Não era uma ilusão óptica. Também não era um movimento físico. Tinha antes a impressão de que uma parte do mundo, até então distante, aceitava tornar-se compreensível. O momento durou apenas alguns segundos. Depois tudo regressou ao aspecto habitual. Ainda assim, bastou para que abandonasse definitivamente a ideia de que o horizonte existia apenas ao fundo da paisagem. Talvez existisse igualmente dentro de cada pergunta que ainda não encontrara resposta. Quando regressou à biblioteca, a formiga procurou a página onde, muito tempo antes, escrevera que algumas hipóteses precisavam de permanecer sementes antes de se transformarem em definições. Sorriu ao perceber que o ho-

rizonte se comportava de maneira semelhante. Não podia ser encerrado numa frase sem perder a sua função. Escreveu apenas uma nota breve na margem do caderno: “O horizonte não indica onde o mundo termina. Indica apenas até onde conseguimos imaginá-lo hoje.” Depois fechou cuidadosamente a enciclopédia e saiu para o exterior. O pássaro sobrevoava o vale, a baleia observava as nuvens reflectidas no lago e o vento recolhia novas perguntas entre as árvores. Ao olhar uma última vez para a distância, a formiga teve a impressão de que o horizonte lhe devolvia discretamente o olhar. Não como quem guarda um segredo, mas como quem convida alguém a continuar o caminho.

A SEMENTE QUE NÃO TINHA PRESSA 32

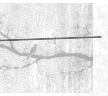
A pequena semente continuava enterrada junto da biblioteca das migalhas impossíveis. A formiga passava por ela quase todos os dias, mas resistia cuidadosamente à tentação de escavar a terra para verificar se alguma coisa acontecia. Desde a visita ao jardim da Guardiã aprendera que existem acontecimentos cuja primeira condição é não serem interrompidos pela curiosidade. Ainda assim, não conseguia deixar de pensar nela. Durante semanas o solo permanecera exactamente igual. Nem um rebento, nem uma fissura, nem um ligeiro levantamento da terra denunciavam qualquer transformação. O pássaro perguntava-lhe ocasionalmente se havia novidades. A resposta era sempre a mesma: "Ainda não." E, curiosamente, essa resposta começava a parecer-lhe cada vez menos vazia. Foi o musgo quem fez a primeira observação importante. Enquanto recolhia um silêncio particularmente delicado deixado por uma chuva nocturna, reparou que a terra em redor da semente possuía uma se-

renidade diferente da restante. Não era mais húmida nem mais fértil. Parecia simplesmente ocupada. A palavra surpreendeu a própria formiga. Nunca lhe ocorrera que a terra pudesse estar ocupada sem mostrar qualquer sinal visível de actividade. Decidiram então permanecer algum tempo junto daquele pequeno espaço, não para esperar um nascimento, mas para compreender o que significava crescer antes de aparecer. O rio, ao ouvir a conversa, comentou que também as nascentes passam muito tempo a aprender o caminho antes de oferecerem água à superfície. A baleia enviou uma mensagem através da lontra dizendo que certos peixes permanecem longos períodos imóveis antes de iniciarem a viagem mais importante das suas vidas. A notícia espalhou-se discretamente pelo vale e, nos dias seguintes, vários habitantes passaram a visitar o lugar. O caracol permanecia ali alguns minutos antes de regressar à repartição. A colher vinha depois das primeiras chuvas para observar como a água desaparecia lentamente na terra. A pedra viajante instalou-se por perto durante algumas semanas, afirmando que nunca tinha assistido ao crescimento de uma hipótese desde o princípio. Ninguém tocava na semente. Ninguém perguntava quanto tempo ainda faltava. A própria formiga começou a compreender que o interesse de todos não residia na planta futura, mas naquele estranho período em que uma possibilidade permanecia completamente invisível sem deixar, por isso, de existir. Numa manhã de nevoeiro, o pássaro perguntou à formiga se ela não receava que a semente estivesse morta. A pergunta permaneceu algum tempo entre ambos. A formiga respondeu finalmente que sim, esse pensa-

mento visitava-a de vez em quando. Contudo, acrescentou que a dúvida fazia parte da responsabilidade de quem espera. Se soubéssemos sempre o resultado de uma semente, de um livro, de uma amizade ou de uma viagem antes de começarem, talvez deixássemos de cuidar deles com a mesma atenção. O pássaro permaneceu em silêncio. Lembrou-se da estrela que chegava sempre depois das outras e da janela que todas as madrugadas se abria para um amanhã ainda inexistente. Começava a perceber que a espera não era o intervalo entre dois acontecimentos. Era, muitas vezes, o próprio acontecimento. Os dias transformaram-se em semanas e as semanas em meses. O Outono aproximava-se lentamente quando a formiga reparou numa alteração quase imperceptível. A terra não se abrira. Não havia folhas novas. Apenas uma pequena pedra junto da semente parecia ter mudado ligeiramente de posição. Chamou imediatamente a pedra viajante, que observou demoradamente o lugar antes de sorrir. Explicou que não fora ela a mover-se. Fora a terra. Tão lentamente que nenhum dos presentes conseguira notar. Todos permaneceram algum tempo a contemplar aquele deslocamento mínimo. Perceberam então que a semente trabalhara durante todo aquele tempo sem produzir qualquer espectáculo. Limitara-se a convencer o mundo à sua volta de que precisava de um pouco mais de espaço. Nessa tarde, a formiga abriu a enciclopédia, mas não escreveu nenhuma definição. Limitou-se a copiar uma frase numa página ainda em branco: “Há seres que crescem para ocupar um lugar. Outros crescem para criar um lugar onde mais tarde alguém possa crescer.” Depois fechou

cuidadosamente o livro e voltou a enterrá-lo na mochila. Ao passar junto da semente, não parou para a observar. Continuou simplesmente o caminho. Tinha finalmente compreendido que algumas histórias começam muito antes de podermos contá-las e que o trabalho mais difícil nem sempre pertence a quem floresce. Muitas vezes pertence àqueles que, escondidos debaixo da terra, aprendem pacientemente a levantar o mundo apenas alguns milímetros de cada vez.

33 O Espelho que Preferia os Dias de Vento



O espelho chegou ao vale numa carroça abandonada que ninguém reclamou. Durante algum tempo permaneceu encostado ao muro da antiga repartição, coberto por um pano grosseiro que o protegia da chuva e da poeira. Como não pertencia a ninguém, acabou por pertencer um pouco a todos. A formiga foi a primeira a aproximar-se dele. Esperava encontrar apenas o reflexo do seu pequeno corpo e das duas antenas sempre inquietas. Em vez disso, teve a estranha impressão de que o espelho demorava um instante a responder. Não era um atraso suficiente para ser medido. Era apenas uma hesitação, como se o objecto observasse primeiro quem o olhava antes de decidir que imagem lhe devolver. O pássaro interessou-se imediatamente por aquela demora. Durante vários dias realizou pequenas experiências. Aproximava-se do espelho em diferentes momentos da manhã, pousava sobre pedras distintas, mudava ligeiramente a inclinação da cabeça e observava atentamente o reflexo. Des-

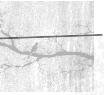
cobriu que o espelho era rigoroso nos dias de céu limpo, mas tornava-se extraordinariamente lento quando soprava vento. Nessas ocasiões, a imagem parecia misturar discretamente aquilo que estava diante dele com qualquer coisa que acabara de passar. Um ramo continuava visível durante um instante depois de já se ter movido. Uma nuvem permanecia no vidro um pouco mais do que permanecera no céu. Até o voo de um insecto parecia prolongar-se numa delicada transparência antes de desaparecer. A formiga chamou o musgo, o caracol e a baleia, que enviou as suas observações através da lontra. Nenhum deles conseguiu explicar o fenómeno. Foi o rio quem apresentou a primeira hipótese convincente. Disse que talvez o espelho não reflectisse apenas aquilo que via. Talvez necessitasse de algum tempo para se despedir das imagens. A ideia agradou ao musgo, que comentou conhecer bem esse sentimento. Também os silêncios permaneciam algum tempo nos lugares antes de partirem. O caracol acrescentou que certos caminhos continuavam a existir muito depois de deixarem de ser percorridos. A baleia, ao escutar todas essas observações, enviou uma mensagem breve: “A água faz exactamente o mesmo com as nuvens.” Resolveram então conversar directamente com o espelho. Este demorou bastante tempo a responder, não por dificuldade, mas porque parecia escolher cuidadosamente as palavras. Explicou que nunca compreendera a pressa dos outros espelhos. Achava injusto apagar uma imagem no exacto momento em que outra surgia. Cada rosto, cada folha, cada pedra ou cada pássaro trazia consigo uma pequena quantidade de tempo que merecia permane-

cer mais alguns instantes. O vento complicava ainda mais o seu trabalho, pois fazia passar demasiadas coisas ao mesmo tempo. Nesses dias esforçava-se por conservar um pouco de cada uma antes de as deixar partir. Não o fazia por nostalgia. Fazia-o por gratidão. A explicação produziu um longo silêncio entre os presentes. A formiga recordou imediatamente a Saudade, que nunca permanecia tempo suficiente para se transformar em tristeza. O pássaro pensou na estrela que chegava sempre um pouco mais tarde e no horizonte que mudava de lugar conforme quem o observava. O musgo aproximou-se do espelho e descobriu que também ele aparecia reflectido com um ligeiro atraso, como se o vidro precisasse de aprender primeiro a lentidão própria dos musgos antes de a devolver ao mundo. Pela primeira vez todos compreenderam que o espelho não era apenas um objecto destinado a mostrar imagens. Era uma superfície onde o tempo se tornava ligeiramente mais espesso. Quando a notícia chegou à biblioteca das migalhas impossíveis, a formiga resistiu à tentação de transportar o espelho para uma das prateleiras. Percebeu que ele perderia precisamente aquilo que o tornava singular. Alguns objectos necessitam de permanecer expostos ao vento para continuarem a compreender a sua própria natureza. Em vez disso, colocou apenas um pequeno banco diante dele. Pouco a pouco, os habitantes do vale começaram a sentar-se ali durante alguns minutos. Não iam para se verem. Iam para observar o breve instante em que uma imagem aprendia delicadamente a desaparecer antes de dar lugar à seguinte. Nessa noite, ao fechar a enciclopédia, a formiga escreveu uma nota numa

página ainda vazia. Não escolheu a palavra "espelho". Escreveu apenas: “Talvez a memória seja uma forma de reflexo que se recusa a desaparecer demasiado depressa.” Depois fechou o caderno e caminhou até ao rio. O vento atravessava lentamente o vale, movendo folhas, sombras e perguntas. Quando passou diante do espelho, teve a impressão de ver, durante um breve instante, todas essas coisas permanecerem juntas um pouco mais do que seria necessário. Sorriu. Começava a compreender que o mundo talvez não precisasse de durar mais tempo. Bastava aprender a despedir-se um pouco mais devagar.

O Fungo que Traduzia as Árvores

34



O primeiro a desconfiar foi o rio. Havia semanas em que certas árvores pareciam responder umas às outras antes mesmo de o vento transportar as folhas ou de qualquer pássaro levar notícias de um lado para o outro do bosque. Uma faia deixava cair frutos mais cedo e, poucos dias depois, um grupo de carvalhos situado muito longe fazia exactamente o mesmo. Um pinheiro começava a libertar resina e, quase ao mesmo tempo, outras árvores, invisíveis por detrás da colina, modificavam discretamente o seu comportamento. O rio observava aquelas coincidências desde havia muitos anos, mas nunca encontrara uma explicação satisfatória. Quando contou o assunto à formiga, esta respondeu que talvez não se tratasse de coincidências. A investigação começou com uma longa caminhada pelo bosque. A formiga, o pássaro e o musgo passaram vários dias a observar raízes, folhas, troncos e o solo coberto por uma espessa camada de matéria em decomposição. Nada parecia ligar

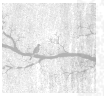
directamente árvores tão afastadas umas das outras. O pássaro insistia em procurar sinais nos ramos. A formiga examinava cuidadosamente a terra. Foi o musgo quem reparou primeiro numa delicada rede de filamentos esbranquiçados que atravessava o solo entre folhas caídas, pedras e raízes antigas. À primeira vista pareciam apenas fios frágeis destinados a desaparecer com a próxima chuva. Contudo, quanto mais os observavam, mais evidente se tornava que aqueles filamentos percorriam distâncias surpreendentes, contornando obstáculos, mergulhando debaixo das pedras e reaparecendo muito mais adiante. Foi então que encontraram o velho fungo. Crescia discretamente junto ao tronco de um castanheiro e possuía uma serenidade que lembrava a da ponte ou da pedra viajante. Quando a formiga lhe perguntou para que serviam aqueles intermináveis fios subterrâneos, o fungo sorriu, como se a pergunta lhe fosse familiar. Explicou que as árvores falavam muito mais do que quase todos imaginavam. Não utilizavam palavras, nem sons, nem gestos. Comunicavam através de substâncias, ritmos de crescimento, pequenas alterações químicas e lentíssimas mudanças de energia. O problema era que cada espécie possuía um modo próprio de se exprimir. Os carvalhos pensavam de maneira diferente dos salgueiros. Os pinheiros organizavam as suas mensagens de forma distinta das faias. Alguém precisava de traduzir essas diferenças para que o bosque permanecesse um só. A explicação deixou todos em silêncio. O fungo prosseguiu. Contou que nunca inventava mensagens nem alterava o seu significado. Limitava-se a escutar cuidadosamente uma raiz e a en-

contrar uma forma de outra raiz a compreender. Às vezes traduzia um aviso sobre uma longa seca. Outras vezes transmitia notícias acerca de insectos que se aproximavam. Havia ocasiões em que transportava apenas uma informação muito simples: a Primavera começara um pouco mais cedo naquele lado do bosque. O trabalho era lento e raramente reconhecido. As árvores agradeciamlhe através do alimento que lhe ofereciam, mas quase nenhum outro habitante do vale suspeitava da existência daquela conversa subterrânea. A formiga pediu autorização para observar uma dessas traduções. O fungo conduziu-a até uma raiz muito fina que desaparecia na direcção de um velho sobreiro. Explicou que, naquele preciso momento, a árvore enviava uma mensagem destinada a um grupo de bétulas situado para lá do rio. Não era um aviso, nem um pedido. Era apenas a descrição de um perfume novo produzido pelas primeiras flores da estação. A formiga ficou surpreendida. Sempre imaginara que uma tradução existia apenas quando havia urgência ou perigo. O fungo respondeu que os seres vivos também precisam de partilhar alegrias. Um bosque que comunica apenas para sobreviver acaba por esquecer as razões pelas quais vale a pena sobreviver. Quando regressaram ao vale, o pássaro passou a escutar as árvores de outra maneira. Já não lhes perguntava apenas pelos nomes esquecidos ou pelas mudanças do vento. Permanecia longos minutos em silêncio, imaginando as conversas invisíveis que aconteciam muito abaixo das suas patas. O musgo também alterou a sua colecção. Começou a guardar alguns silêncios subterrâneos, diferentes daqueles que encontrava sobre as pe-

dras ou junto do rio. Até a baleia, ao receber a história através da lontra, comentou que os lagos talvez possuíssem tradutores semelhantes entre as correntes profundas. Nessa noite, a formiga abriu a enciclopédia e procurou durante muito tempo uma palavra adequada. Pensou em escrever "Fungo", mas desistiu. Pensou em "Raiz", "Bosque" ou "Tradução". Nenhuma lhe parecia suficiente. Acabou por escrever apenas uma frase na margem de uma página ainda em branco: “Compreender não é pensar da mesma maneira. É encontrar um caminho para que diferenças muito antigas consigam conversar sem deixarem de ser diferentes.” Fechou depois o livro e caminhou lentamente até ao bosque. Debaixo da terra, milhões de filamentos continuavam discretamente o seu trabalho. Nenhum deles procurava protagonismo. Sabiam que as conversas mais importantes raramente acontecem à superfície.:::

O Banco que Guardava Conversas Inacabadas

35



Havia um banco de madeira junto ao rio que ninguém se lembrava de ter visto chegar. Não figurava em nenhum mapa, não aparecia nos registos da repartição do caracol e a velha Guardiã do jardim dizia apenas que, quando ali chegara pela primeira vez, ele já esperava debaixo do velho salgueiro. Era um banco simples, construído com tábuas de castanho e pernas de ferro já cobertas por uma fina camada de ferrugem. Não possuía qualquer beleza extraordinária, mas havia uma particularidade que todos acabavam por notar. Quem se sentava nele dificilmente permanecia em silêncio durante muito tempo. As palavras pareciam aproximar-se naturalmente, como se o banco conhecesse uma maneira discreta de abrir espaço entre o pensamento e a voz. Foi o pássaro quem primeiro deu importância ao fenómeno. Durante uma tarde de vento fraco, encontrou a pedra viajante pousada sobre o banco. A pedra, que raramente falava mais

do que o estritamente necessário, contou-lhe uma longa história sobre uma montanha de onde acreditava ter vindo muitos séculos antes. Não sabia se a recordação era verdadeira ou apenas imaginada pela erosão, mas isso parecia importar-lhe pouco. O pássaro escutou-a até ao fim. Quando a pedra terminou, ambos permaneceram algum tempo em silêncio. Ao levantarem-se, repararam que a conversa continuava estranhamente presente no ar, como se o banco tivesse decidido conservá-la durante mais alguns instantes. A notícia espalhou-se lentamente e, nas semanas seguintes, o banco começou a receber visitantes muito diferentes. A baleia nunca conseguiu chegar até ele, mas enviou a lontra em sua representação. Esta passou ali uma tarde inteira contando histórias do lago e, ao regressar, teve a impressão de que algumas delas permaneciam ainda sentadas no banco, aguardando quem as quisesse continuar. O caracol levou consigo um velho processo administrativo que nunca chegara a ser concluído e acabou por recordar episódios que julgava esquecidos. O musgo, que raramente utilizava palavras em excesso, limitou-se a permanecer sentado durante uma hora. Quando se levantou, comentou apenas que certos silêncios também são uma forma de conversa e que o banco parecera compreendê-lo perfeitamente. A formiga decidiu então observar cuidadosamente o lugar. Levou o caderno da enciclopédia, mas não escreveu uma única linha durante toda a tarde. Limitou-se a acompanhar os encontros que ali aconteciam. Reparou que ninguém abandonava o banco exactamente com as mesmas ideias que trouxera. Não porque alguém os convencesse de coisa alguma,

mas porque as conversas pareciam recusar qualquer conclusão precipitada. Havia sempre uma pergunta que permanecia em aberto, uma história que continuava para lá das últimas palavras ou uma recordação que encontrava fi nalmente espaço para respirar. O banco não resolvia discussões. Guardava-as apenas o tempo suficiente para que amadurecessem. Ao entardecer, quando os visitantes já tinham partido, a formiga permaneceu sozinha junto do rio. Foi então que decidiu perguntar directamente ao banco porque conservava aquelas conversas. A resposta demorou, como se a madeira precisasse de consultar os muitos anos que trazia dentro de si. Explicou que nunca gostara de despedidas demasiado rápidas. Sempre lhe parecera injusto que uma boa conversa terminasse apenas porque alguém precisava de regressar a casa. Assim, aprendera a guardar uma pequena parte de cada diálogo. Não as palavras exactas, porque essas pertenciam a quem as pronunciara, mas a disposição para continuar a escutar. Quando um novo visitante se sentava, encontrava discretamente essa disponibilidade deixada pelos anteriores. Era por isso que tantas conversas começavam ali com tanta facilidade. Não começavam verdadeiramente do princípio. Continuavam um trabalho antigo. A explicação agradou profundamente ao pássaro. Recordou-se do eco que procurava a sua primeira voz, da biblioteca onde os objectos mudavam de lugar durante a noite e do fungo que traduzia as árvores sem alterar a diferença entre elas. Começava a perceber que o vale era feito de continuidades quase invisíveis. As coisas raramente começavam onde julgávamos. Cresciam lentamente a partir de

encontros anteriores, de gestos esquecidos e de perguntas que alguém deixara inacabadas para que outro as pudesse retomar. Nessa noite, a formiga voltou a abrir a enciclopédia. Durante algum tempo pensou em escrever a entrada "Banco", mas desistiu. Havia objectos cuja verdadeira natureza não cabia no nome que lhes dávamos. Escreveu apenas uma frase numa folha ainda sem título: “Uma conversa termina quando as palavras acabam. Um diálogo termina apenas quando deixa de existir alguém disposto a continuar a escutar.” Fechou depois o caderno e caminhou até à biblioteca das migalhas impossíveis. Atrás de si, o banco permanecia vazio. Ou, pelo menos, era isso que parecia. Porque, se alguém ali se sentasse na manhã seguinte, descobriria talvez que uma parte daquela conversa ainda permanecia entre as tábuas, esperando pacientemente por uma nova voz que lhe permitisse continuar.

A Chuva que Ainda Não Tinha Caído

36

Durante vários dias, os habitantes do vale começaram a sentir a aproximação de uma chuva que nunca chegava. Não havia nuvens particularmente escuras, nem vento forte, nem o cheiro húmido que costuma anunciar as primeiras gotas. E, no entanto, todos agiam como se a chuva estivesse iminente. As árvores fechavam ligeiramente as folhas antes do anoitecer. O musgo tornava-se mais macio. A baleia permanecia durante longos períodos junto à superfície do lago, como quem escuta um ruído distante. Até o rio parecia diminuir a velocidade nas curvas mais abertas, aguardando uma água que ainda não existia. A formiga foi a primeira a reparar que não se tratava de uma expectativa comum. Era como se o próprio vale se lembrasse antecipadamente de uma chuva futura. Intrigada, começou a percorrer os lugares habituais. Visitou o banco onde as conversas permaneciam inacabadas, atravessou a ponte que ensinava as margens a imaginar-se mutuamente e passou longos minutos junto

da árvore que contava sombras. Em toda a parte encontrava os mesmos sinais discretos. Nada estava realmente diferente, mas tudo parecia preparar espaço para alguma coisa. O pássaro juntou-se-lhe nessa investigação e confessou sentir uma estranha vontade de alisar cuidadosamente as penas, como fazia antes das grandes tempestades. No entanto, o céu permanecia quase limpo. Havia apenas uma luz ligeiramente difusa que parecia vir de uma distância onde o tempo caminhava mais devagar. Resolveram então perguntar ao velho fungo que traduzia as árvores. O fungo ouviu atentamente a descrição daquele fenómeno e permaneceu muito tempo em silêncio. Por fim explicou que nem todas as chuvas começam nas nuvens. Algumas começam muito antes, quando a terra sente necessidade de voltar a conversar com o céu. As raízes enviam lentamente um desejo invisível, as folhas tornam-se mais atentas, os rios começam a imaginar um caudal diferente e os lagos recordam antigas tempestades. Só muito depois a água compreende esse convite e inicia finalmente a viagem. A chuva, concluiu o fungo, não é apenas água que cai. É também uma resposta. A explicação agradou ao musgo, que acrescentou ter encontrado, naquela manhã, um silêncio completamente novo entre duas pedras. Era um silêncio húmido, embora ainda não existisse qualquer humidade. A colher que media a chuva confirmou a observação. Havia muito que aprendera a distinguir diferentes espécies de tempestade, e podia jurar que algumas gotas já estavam presentes muito antes de se tornarem visíveis.

Não como água, mas como intenção. O rio sorriu discretamente. Desde sempre suspeitara de que as nascentes conheciam a chuva antes das nuvens.

Os dias passaram sem que caísse uma única gota. Alguns habitantes começaram a duvidar da própria percepção. A formiga resistiu à tentação de escrever imediatamente uma nova entrada na enciclopédia. Aprendera, com o jardim das hipóteses e com a semente que não tinha pressa, que certas experiências precisam primeiro de amadurecer dentro de quem as observa. Limitou-se a caminhar diariamente pelo vale, verificando se aquela estranha preparação continuava presente. Continuava. Mais subtil, mais profunda, como um pensamento que lentamente encontra as palavras de que necessita. Foi ao amanhecer do sétimo dia que aconteceu. Não houve trovões. Nem rajadas de vento. Caiu apenas uma gota. Depois outra. Depois mais uma. Durante alguns minutos pareceu que cada gota escolhia cuidadosamente o lugar onde desejava pousar. A primeira caiu sobre a pedra viajante. A segunda encontrou uma folha da árvore sem nome. A terceira desceu lentamente até ao banco junto ao rio. Outras procuraram o musgo, a ponte, a biblioteca das migalhas impossíveis, o jardim da Guardiã e o lago da baleia. Ninguém falou. Todos tinham a impressão de assistir a reencontros muito antigos. Quando a chuva terminou, o vale não parecia mais molhado do que noutras ocasiões. Parecia apenas mais completo. A formiga abriu finalmente a enciclopédia e escreveu uma única frase numa página ainda sem título: "Há acontecimentos que começam muito antes de acontecerem. O mundo inteiro

trabalha neles em silêncio, até que um dia julgamos estar apenas a assistir ao instante em que começaram." Fechou depois o livro e levantou os olhos para o céu, agora completamente limpo. Sorriu ao perceber que a chuva já tinha partido. Mas também compreendeu que, algures, outra começava lentamente a ser imaginada pela terra, muito antes de qualquer nuvem lhe conhecer o nome.

O Peixe que Coleccionava Reflexos

37



O peixe vivia na parte mais tranquila do lago, precisamente onde a baleia gostava de permanecer nas manhãs sem vento. Era um peixe pequeno, de escamas prateadas, sem qualquer característica que o distinguisse dos restantes habitantes da água. Pelo menos era isso que todos pensavam. A baleia, que aprendera a observar demoradamente antes de tirar conclusões, reparou um dia que ele passava longos períodos junto à superfície sem procurar alimento nem companhia. Limitava-se a contemplar os reflexos. À primeira vista parecia um hábito inútil. Afinal, um reflexo desaparece ao menor movimento da água. Ainda assim, o peixe regressava todos os dias ao mesmo lugar, como se encontrasse ali qualquer coisa indispensável à sua existência. A curiosidade acabou por chegar ao vale através da lontra, que conhecia suficientemente bem a baleia para distinguir uma simples observação de uma verdadeira descoberta. A formiga e o pássaro decidiram visitar o lago. Encontraram o

pequeno peixe exactamente onde lhes fora descrito, imóvel sob uma fina película de água onde se misturavam o céu, as árvores da margem e algumas nuvens em lenta transformação. O pássaro perguntou-lhe o que observava com tanto interesse. O peixe respondeu que não observava. Coleccionava. A resposta intrigou imediatamente a formiga. Nunca imaginara que fosse possível coleccionar uma coisa que desaparece assim que alguém lhe toca. O peixe explicou que não guardava os reflexos dentro de caixas nem os arquivava como a formiga fazia com as suas descobertas. Guardava-os na memória. Todos os dias escolhia apenas um. Havia reflexos de manhãs completamente imóveis, em que o céu parecia esquecer-se de respirar. Outros eram compostos por folhas que passavam lentamente sobre a água sem nunca lhe tocar. Havia ainda reflexos de aves migratórias, de estrelas que chegavam atrasadas ao anoitecer e de nuvens que mudavam de forma enquanto se olhava para elas. O peixe acreditava que cada reflexo revelava uma relação única entre o mundo e a água, uma relação que nunca voltaria a repetir-se exactamente da mesma maneira. A formiga quis saber para que servia uma colecção tão efémera. O peixe sorriu e respondeu que essa era precisamente a pergunta que todos lhe faziam. Explicou que quase todas as criaturas coleccionam aquilo que receiam perder. As árvores guardam luz. O musgo guarda silêncios. O caracol arquiva caminhos. A biblioteca conserva pequenas impossibilidades. Ele, porém, receava perder os instantes em que duas coisas diferentes aceitavam existir uma dentro da outra sem deixa-

rem de ser elas próprias. Um reflexo não era o céu nem a água. Também não era uma ilusão. Era um breve acordo entre ambos.

Enquanto conversavam, uma leve brisa atravessou o lago. O reflexo das árvores fragmentou-se em dezenas de pequenas cintilações. O peixe observou atentamente aquela transformação e disse que acabava de nascer mais um exemplar para a sua colecção. O pássaro comentou que ninguém conseguiria distingui-lo dos anteriores. O peixe respondeu que isso acontecia porque os pássaros costumam olhar para o céu e não para a água. A baleia, ouvindo a conversa, acrescentou que também a água possui memória, embora a conserve de uma maneira completamente diferente da terra. Não se lembra das formas. Lembra-se dos encontros. A notícia espalhou-se pelo vale e, durante algum tempo, muitos habitantes passaram a visitar o lago ao entardecer. Não para verem o peixe, mas para observarem os reflexos com outro cuidado. A ponte descobriu que também ela existia duas vezes por dia, uma sobre o rio e outra dentro dele. A pedra viajante ficou surpreendida ao verificar que mudava igualmente de posição no reflexo das nuvens. O espelho, ao saber da história, comentou que talvez ele e o lago fossem parentes distantes. Ambos trabalhavam com imagens que nunca pertenciam inteiramente a ninguém. Quando regressou à biblioteca das migalhas impossíveis, a formiga abriu a enciclopédia numa página em branco. Pensou durante algum tempo em escrever "Reflexo", mas desistiu. Compreendeu que a palavra era demasiado pequena para aquilo que o peixe lhe ensinara. Escreveu apenas uma fra-

se na margem: “Há encontros que não deixam marcas na matéria. Deixam apenas uma maneira diferente de olhar para aquilo que permanece.” Depois fechou cuidadosamente o livro e caminhou até ao rio. O Sol começava a desaparecer atrás das árvores e, durante um breve instante, o mundo inteiro pareceu existir duas vezes: uma sobre a terra e outra na água. A formiga sorriu. Talvez o peixe tivesse razão. Talvez fosse impossível guardar um reflexo. Mas era perfeitamente possível aprender a regressar ao lugar onde ele costumava nascer.

38 A FOLHA QUE DEMOROU UM OUTONO INTEIRO A CAIR



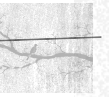
A folha nasceu na parte mais alta de um velho carvalho, numa Primavera tão discreta que quase ninguém reparou nela. Cresceu como crescem quase todas as folhas: aprendendo lentamente a conversar com a luz, a reconhecer a direcção dos ventos e a distinguir a água da chuva da água do orvalho. Não se considerava diferente das outras. Durante todo o Verão trabalhou silenciosamente ao lado das suas irmãs, transformando claridade em alimento, sombra em frescura e dias compridos em madeira invisível. Quando o Outono começou a aproximar-se, todas sabiam, sem que ninguém lhes tivesse explicado, que chegaria o momento de partir. Era um conhecimento antigo, inscrito na própria forma de serem folhas. Contudo, quando as primeiras companheiras começaram a desprender-se dos ramos, aquela folha permaneceu exactamente onde estava. Não porque tivesse medo de cair. Também não porque desejasse desafiar a árvore. Simplesmente ainda não sentia terminado o

seu trabalho. Todas as manhãs descobria um pequeno detalhe que lhe parecia digno de mais um dia de permanência. Ora era um pássaro desconhecido que pousava durante alguns minutos no ramo vizinho, ora uma aranha que modificava cuidadosamente a geometria da sua teia. Havia tardes em que o vento trazia o perfume de uma floresta distante e outras em que a luz desenhava sobre o tronco figuras que nunca mais voltavam a repetir-se. A folha começou então a desconfiar de que o mundo nunca termina verdadeiramente de acontecer e que, por isso, qualquer despedida exige sempre alguma arbitrariedade. O pássaro, durante uma das suas viagens, reparou naquela persistência. Voltou dias depois e encontrou a folha ainda presa ao ramo. Regressou uma semana mais tarde e tudo permanecia igual. Contou o caso à formiga, que decidiu observar o fenómeno com a curiosidade metódica que dedicava às coisas aparentemente insignificantes. Durante várias semanas visitou o carvalho. Verificou que a ligação entre a folha e o ramo se tornava cada vez mais ténue. Bastaria um vento um pouco mais forte para a separar da árvore. No entanto, o vento passava sempre com uma delicadeza inesperada, como se também ele respeitasse aquela demora. O musgo comentou que certos silêncios precisam de muito tempo antes de encontrarem o momento exacto para terminar. A pedra viajante acrescentou que conhecia bem esse sentimento. Algumas despedidas fazem-se caminhando apenas alguns milímetros por ano. Intrigada, a formiga perguntou directamente à folha porque permanecia ali. A resposta demorou algum tempo. A folha explicou que não esperava por uma

estação, nem por um dia especial. Esperava por uma determinada luz. Desde muito jovem observara que, uma vez por ano, existia um instante quase imperceptível em que a luz da tarde atravessava o bosque de uma maneira completamente diferente. Durava apenas alguns segundos. Durante esse breve momento conseguia ver simultaneamente a árvore que fora, a terra para onde iria e o vento que a transportaria entre ambas. Sempre acreditara que esse seria o instante certo para partir. O problema era que ninguém parecia saber exactamente quando acontecia. A notícia espalhou-se pelo vale e, sem combinar, muitos habitantes passaram a visitar o carvalho ao entardecer. A baleia recebia notícias através da lontra. O rio comentava que também certas águas aguardavam uma luz muito particular antes de entrarem no mar. A colher, depois das primeiras chuvas, afirmava reconhecer gotas que demoravam mais tempo a cair porque também elas esperavam qualquer coisa impossível de medir. Até o velho relógio da repartição pareceu atrasar discretamente os ponteiros, como se desejasse oferecer à folha alguns instantes suplementares. Foi já no fim do Outono que aconteceu. Não houve vento forte. Nem tempestade. Nem qualquer acontecimento extraordinário. Apenas uma luz muito clara atravessou lentamente o bosque, tocando sucessivamente as pedras, o musgo, o rio e o tronco do velho carvalho. A folha permaneceu completamente imóvel durante alguns segundos. Depois desprendeu-se sem ruído. Não caiu exactamente. Pareceu antes aceitar o ar. Desceu tão devagar que o pássaro conseguiu acompanhá-la durante parte do percurso. Tocou primeiro uma corrente de vento

muito leve, depois passou diante da biblioteca das migalhas impossíveis, descreveu um pequeno círculo sobre a ponte e acabou por pousar junto à entrada do jardim da Guardiã. Nenhum dos presentes falou. Todos tinham a impressão de assistir ao fim de uma espera que, afinal, não terminava ali. A formiga aproximou-se lentamente da folha já pousada sobre a terra. Não a recolheu para a biblioteca. Compreendeu que certas coisas deixam de pertencer às colecções no instante em que encontram o lugar onde sempre estiveram a dirigir-se. Limitou-se a abrir a enciclopédia e escreveu uma nota numa página ainda sem título: "A maturidade talvez não seja aprender a partir. Talvez seja descobrir o momento em que a permanência deixa de acrescentar mundo ao mundo." Fechou depois o caderno e olhou uma última vez para o ramo agora vazio. Curiosamente, não lhe pareceu vazio. Parecia apenas preparado para a Primavera seguinte, quando outra folha começasse lentamente a aprender a mesma pergunta, sem imaginar que a resposta nunca seria exactamente igual.

39 O Caminho que Gostava de Ser Descoberto Devagar



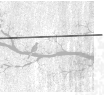
O caminho atravessava o vale desde muito antes de existirem mapas. Não ligava propriamente dois lugares. Ligava duas maneiras de caminhar. Começava junto da ponte, passava ao lado da biblioteca das migalhas impossíveis, contornava o jardim da Guardiã, mergulhava durante algum tempo no bosque e desaparecia depois entre colinas baixas onde até o horizonte parecia esquecer-se de terminar. Quase todos os habitantes o utilizavam. A formiga percorria-o nas suas investigações, o pássaro seguia-o do alto sempre que regressava das migrações e o caracol conhecia-lhe cada curva com uma intimidade construída ao longo de muitos anos. Ainda assim, ninguém podia afirmar que o conhecia completamente. Foi a pedra viajante quem levantou a primeira suspeita. Depois de passar várias semanas junto ao caminho, comentou que tinha a impressão de este mudar muito ligeiramente conforme quem o percorria. A observação pareceu absurda. Afinal, um caminho é feito de ter-

ra, cascalho, pequenas raízes e passos repetidos. Como poderia modificar-se? O pássaro decidiu verificar. Sobrevoou o vale durante vários dias e descobriu que o traçado permanecia rigorosamente igual. Contudo, quando desceu e o percorreu a pé, teve a estranha sensação de encontrar curvas que nunca antes lhe tinham chamado a atenção, pedras cuja posição lhe parecia nova e árvores que, embora antigas, surgiam agora como se acabassem de chegar. A formiga interessou-se imediatamente pelo fenómeno. Passou a caminhar pelo mesmo percurso todas as manhãs, anotando cuidadosamente aquilo que observava. No primeiro dia reparou numa pequena flor nascente entre duas pedras. No segundo descobriu uma raiz que atravessava discretamente o caminho sem o interromper. No terceiro encontrou uma pena deixada pelo pássaro junto de uma poça de água onde o céu permanecia reflectido com uma nitidez invulgar. Nenhuma dessas coisas era realmente nova. O que mudava era a sua capacidade de as encontrar. Começou então a suspeitar de que o caminho não alterava a paisagem. Alterava apenas a atenção de quem o percorria. Intrigados, decidiram perguntar ao próprio caminho. Como quase todas as entidades antigas do vale, respondeu sem pressa. Explicou que nunca gostara de ser atravessado com demasiada rapidez. Um caminho percorrido apenas para chegar ao destino acaba por tornar-se invisível. Preferia os caminhantes que se deixavam interromper por uma pedra, uma folha, um insecto ou uma pergunta. Nessas ocasiões revelava pequenas coisas que normalmente permaneciam escondidas. Não as inventava. Limitava-se a mostrar aquilo que a

pressa costumava apagar. O pássaro sorriu ao ouvir estas palavras. Recordou-se imediatamente da árvore cujo nome esquecera e percebeu que talvez tivesse sido precisamente essa perda a ensinar-lhe a caminhar de outra maneira pelo mundo. A notícia espalhou-se discretamente e muitos habitantes começaram a experimentar uma nova forma de percorrer o vale. A baleia pediu à lontra que atravessasse o caminho muito devagar, regressando depois para lhe contar tudo aquilo que descobrisse. O musgo escolheu um pequeno troço junto ao rio e permaneceu ali durante horas, recolhendo silêncios que antes lhe tinham escapado. A colher veio depois da chuva e encontrou gotas suspensas em folhas tão pequenas que nunca lhes prestara atenção. Até a velha Guardiã confessou que, apesar de cuidar do jardim havia décadas, encontrara nesse caminho uma planta que nunca antes observara. O percurso permanecia exactamente o mesmo. Era a lentidão que continuava a produzir novos lugares. Quando chegou o Outono, a formiga decidiu fazer uma experiência. Caminhou desde a ponte até à biblioteca sem olhar uma única vez para o destino. Observou apenas aquilo que surgia imediatamente diante de si. Descobriu uma pedra cuja superfície conservava ainda o calor do Sol da manhã, uma teia de aranha onde se acumulavam pequenas gotas de orvalho e uma folha que, antes de tocar o chão, parecera hesitar durante alguns segundos no ar. Ao chegar finalmente à biblioteca, percebeu que a viagem lhe parecera muito mais longa do que habitualmente. Curiosamente, também lhe parecera muito mais breve. Compreendeu então que a duração de um caminho raramente depende da

distância. Depende da quantidade de mundo que aceitamos encontrar enquanto o percorremos. Nessa noite, a formiga abriu a enciclopédia pela última página escrita. Leu demoradamente as notas sobre a folha que esperara um Outono inteiro para cair e sobre a chuva que aprendera os nomes das pedras. Depois acrescentou apenas uma frase numa margem ainda livre: “Há caminhos que conduzem a um lugar. Outros

O Relógio que Aprendeu a Escutar o Musgo 40



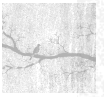
O velho relógio da repartição nunca fora particularmente exacto. Durante muitos anos isso parecera um defeito. O caracol passava horas a acertar-lhe os ponteiros, comparando-os com a posição do Sol, com a sombra da ponte ou com o momento em que a baleia costumava emergir à superfície do lago. Apesar de todos os esforços, o relógio insistia em adiantar-se alguns minutos nas manhãs de Primavera e em atrasar-se discretamente durante o Outono. A formiga chegou a construir uma pequena tabela onde registava essas diferenças, convencida de que, mais cedo ou mais tarde, descobriria a razão daquela irregularidade. Nunca encontrou qualquer padrão suficientemente convincente. Foi o musgo quem alterou completamente a investigação. Numa tarde húmida, enquanto recolhia um silêncio antigo junto ao muro da repartição, permaneceu algum tempo a observar o relógio. Reparou que os ponteiros nunca se moviam exactamente da mesma maneira. Em certos dias avançavam com

decisão. Noutros pareciam hesitar ligeiramente antes de atravessar um número. A diferença era tão pequena que dificilmente alguém a notaria. Contudo, o musgo habituara-se a observar transformações muito lentas. Aproximou-se do relógio e perguntou-lhe porque variava tanto o ritmo. O relógio respondeu, com alguma surpresa, que não era ele quem mudava. Era o tempo à sua volta. A resposta chegou rapidamente aos ouvidos da formiga, que se apressou a pedir esclarecimentos. O relógio explicou que passara quase toda a existência a tentar imitar um tempo abstracto, dividido em horas, minutos e segundos rigorosamente iguais. Com o passar dos anos começara, porém, a suspeitar de que o vale nunca vivera dessa forma. Havia manhãs que demoravam naturalmente mais tempo a nascer. Certos entardeceres pareciam prolongar-se por pura vontade das árvores. Algumas conversas no banco junto ao rio ocupavam apenas alguns minutos no mostrador, mas permaneciam dias inteiros dentro de quem as escutava. Outras atravessavam horas completas sem deixar qualquer memória. Aos poucos deixara de tentar corrigir essas diferenças. Preferira aprendê-las. O pássaro escutou aquela explicação com entusiasmo. Recordou imediatamente a estrela que chegava sempre um pouco mais tarde e a folha que esperara um Outono inteiro pela luz certa. Talvez todas essas histórias falassem da mesma coisa. A baleia enviou uma mensagem através da lontra dizendo que, nas profundezas do lago, também existiam correntes cujo tempo não coincidia com o da superfície. O rio acrescentou que uma curva nunca demorava exactamente o mesmo tempo a ser percorrida, mesmo

quando a quantidade de água parecia idêntica. O relógio ouviu todas essas observações sem interromper ninguém. Limitou-se a confirmar que nunca conseguira medir correctamente aquilo que realmente importava. Intrigada, a formiga decidiu acompanhar o relógio durante uma semana inteira. Não consultou o Sol nem utilizou qualquer outro instrumento. Observou apenas os ponteiros e aquilo que acontecia no vale. Descobriu que o relógio acelerava discretamente quando uma criança fazia uma descoberta importante, mas parecia abrandar durante as longas conversas entre o fungo e as raízes das árvores. Quase parava quando o musgo encontrava um silêncio particularmente raro e recuperava o ritmo habitual logo que o vento voltava a recolher perguntas entre as folhas. Não era um mecanismo avariado. Era um relógio que começara lentamente a escutar o lugar onde vivia. Na última tarde da experiência, a formiga perguntou-lhe se não receava deixar de ser considerado um verdadeiro relógio. O velho mecanismo demorou algum tempo a responder. Depois explicou que essa possibilidade o assustara durante muitos anos. No entanto, compreendera finalmente que um relógio não existe apenas para dividir o tempo. Existe também para recordar que o tempo possui qualidades diferentes. Algumas horas pedem velocidade. Outras necessitam de demora. Algumas manhãs exigem coragem. Certos crepúsculos pedem apenas companhia. Se medisse todas da mesma maneira, talvez fosse exacto, mas deixaria de ser fiel ao mundo. Nessa noite, a formiga abriu a enciclopédia já quase no fim do volume. Pensou em criar uma entrada para "Relógio", mas voltou a desistir. Es-

creveu apenas uma nota discreta na margem: “A exactidão é uma virtude dos instrumentos. A fidelidade pertence aos seres vivos.” Depois fechou cuidadosamente o livro e caminhou até ao muro da repartição. O musgo permanecia ali, imóvel como sempre. O relógio marcava uma hora que provavelmente não coincidia com nenhuma outra do vale. Ainda assim, pela primeira vez, ninguém teve vontade de o corrigir. Talvez porque todos começassem a suspeitar de que havia dias em que o próprio tempo precisava de alguém que o escutasse antes de o contar.

41 O Insecto que Desenhava o Vento



Ninguém sabia ao certo quando o pequeno insecto chegara ao vale. Era tão leve que o vento parecia transportá-lo sem esforço, e tão discreto que muitos julgavam nunca o ter visto antes, mesmo quando passava lentamente diante dos seus olhos. Não construía ninhos, não recolhia alimento em grandes quantidades nem permanecia muito tempo no mesmo lugar. Passava os dias a voar em trajectórias estranhas, desenhando curvas, espirais, pequenos desvios e longas aproximações que, à primeira vista, pareciam completamente aleatórias. O pássaro observava-o frequentemente durante as suas viagens e divertia-se a imaginar que aquele insecto ainda não aprendera a voar em linha recta. Foi durante uma manhã muito calma que a formiga reparou num pormenor inesperado. Estava sentada junto à entrada da biblioteca das migalhas impossíveis quando viu o insecto atravessar lentamente uma clareira. Poucos segundos depois, uma folha

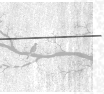
desprendeu-se de um ramo e seguiu exactamente a mesma trajectória. Mais tarde aconteceu o mesmo com uma pequena semente. Ao fim da tarde, uma pena deixada pelo pássaro percorreu no ar uma curva quase idêntica. A repetição chamou-lhe imediatamente a atenção. Talvez o insecto não estivesse a seguir o vento. Talvez estivesse a revelá-lo. A notícia espalhou-se rapidamente. O pássaro decidiu acompanhar o insecto durante vários dias. Descobriu que este nunca parecia escolher o caminho por vontade própria. Deixava-se conduzir por correntes de ar tão delicadas que nenhuma folha conseguia ainda responder-lhes. Voava como se estivesse a desenhar sobre o espaço linhas invisíveis que apenas mais tarde se tornavam perceptíveis através do movimento das árvores, das nuvens ou da chuva. Quando contou a descoberta ao rio, este sorriu discretamente. Explicou que também a água possui caminhos invisíveis muito antes de aparecerem à superfície. As correntes profundas conhecem frequentemente destinos que a corrente visível só descobrirá muitos metros depois. Intrigada, a formiga perguntou directamente ao insecto porque voava daquela maneira. O pequeno ser respondeu com simplicidade. Nunca aprendera a orientar-se pelo vento. Aprendera antes a escutá-lo. O ar, explicou, nunca é verdadeiramente imóvel. Mesmo nos dias que os habitantes do vale chamam tranquilos, existem movimentos quase imperceptíveis, pequenas intenções de deslocação, delicadas inclinações do espaço. O insecto limitava-se a confiar nelas. Não desenhava o vento. Tornava-o visível.

O musgo interessou-se imediatamente por essa ideia. Comentou que também os silêncios nunca são completamente silenciosos. Existem neles pequenas direcções, ligeiras tendências, quase imperceptíveis aproximações entre as coisas. A baleia, ao receber a história através da lontra, enviou uma observação semelhante. Debaixo da água, dizia ela, certos peixes descobrem as correntes antes de qualquer outro ser, não porque as vejam, mas porque escutam a maneira como a água começa lentamente a desejar mover-se. Durante vários dias, muitos habitantes passaram a observar o insecto. A ponte descobriu que algumas correntes de ar escolhiam sempre o mesmo arco para atravessar o rio. A folha que esperara um Outono inteiro para cair pareceu, retrospectivamente, ter conhecido desde o princípio aquele delicado desenho invisível. Até a nuvem que aprendera a descer devagar compreendeu que nunca permanecera imóvel sobre o vale. Fora conduzida por movimentos tão subtis que apenas agora começavam a revelar-se. A formiga resolveu então fazer uma experiência. Colocou sobre a relva uma pena, uma folha seca, um pequeno fragmento de casca e uma pétala trazida do jardim da Guardiã. Depois permaneceu muito tempo imóvel, observando o insecto. Este passou lentamente sobre os objectos, descrevendo uma espiral quase imperceptível. Durante alguns minutos nada aconteceu. Depois, um a um, os quatro objectos começaram a mover-se seguindo trajectórias diferentes, como se respondessem a uma escrita invisível desenhada no ar. Nesse instante, a formiga compreendeu que o vento nunca fora uma força desordenada. Era uma linguagem demasiado

delicada para os olhos habituados apenas ao que se move rapidamente. Nessa noite, ao regressar à biblioteca, abriu a enciclopédia numa página ainda sem título. Escreveu apenas: “Há seres que revelam o invisível sem o explicar. Graças a eles, o mundo não se torna mais simples. Torna-se apenas mais atento.” Depois fechou cuidadosamente o livro e saiu para o exterior. O insecto continuava a voar sobre o vale, desenhando lentamente linhas que ninguém veria completamente. Ainda assim, a formiga teve a impressão de que todas as árvores, todas as pedras, o rio, a ponte e até o horizonte começavam, muito devagar, a aprender aquela caligrafia do ar.

A Pedra que Aprendeu a Aquecer Devagar

42



Durante muitos anos, a pedra viajante acreditou que a sua maior qualidade era a paciência. Nunca tivera pressa em mudar de lugar. Bastavam-lhe alguns milímetros por estação para sentir que o mundo continuava a deslocar-se consigo. Observava o crescimento das árvores, a passagem dos pássaros, o trabalho silencioso do fungo sob a terra e o lento percurso das sombras sobre o vale. Nada lhe parecia suficientemente urgente para justificar um movimento brusco. Foi por isso que estranhou, numa manhã de Inverno, descobrir que o Sol demorava mais tempo a aquecê-la do que às outras pedras espalhadas pelo caminho. A diferença era pequena, mas repetia-se todos os dias. As pedras vizinhas começavam a libertar o frio da noite pouco depois do nascer do Sol. A pedra viajante permanecia gelada durante muito mais tempo. A formiga reparou nisso quando atravessava o caminho em direcção à biblioteca. Habitualmente gostava de fazer uma breve pausa sobre aquela pedra an-

tes de prosseguir. Nesse dia encontrou-a ainda fria, apesar de toda a clareira já estar iluminada. Voltou na manhã seguinte e aconteceu exactamente o mesmo. Intrigada, chamou o pássaro, que sobrevoou o lugar várias vezes à procura de alguma sombra escondida. Não encontrou nenhuma. A luz chegava ali da mesma maneira que chegava às restantes pedras. Resolveram então consultar o rio. O rio escutou atentamente a descrição do fenómeno e respondeu que a temperatura nunca depende apenas da luz. Também depende da memória. Contou que certas águas permanecem frias muito tempo depois de deixarem uma nascente e que outras conservam ainda algum calor quando já atravessam lugares sombrios. A pedra viajante ouviu aquela explicação com interesse, mas não a compreendeu inteiramente. Nunca lhe ocorrera que também as pedras pudessem possuir uma espécie de memória térmica. Sempre imaginara que recebiam o calor e o devolviam sem guardar nada para si. Foi o velho fungo quem ofereceu uma resposta diferente. Convidou todos a observarem cuidadosamente a terra que envolvia a pedra. Explicou que, muito abaixo da superfície, ela permanecia ainda ligada por pequenas raízes a um lugar onde existira uma árvore muito antiga. A árvore desaparecera havia muitos anos, mas o solo continuava lentamente a reorganizar-se em torno daquela ausência. A pedra aquecia mais devagar porque o terreno onde repousava ainda estava ocupado a recordar. Não era uma recordação feita de imagens ou de palavras. Era uma recordação feita de equilíbrio. A terra aprendia lentamente uma nova maneira de distribuir o calor.

A explicação espalhou-se pelo vale e despertou uma inesperada ternura entre os seus habitantes. O musgo comentou que os silêncios também aquecem devagar quando acabam de perder uma voz importante. A baleia enviou uma mensagem dizendo que, nas profundezas do lago, certas correntes conservam durante anos a memória de antigos glaciares. O relógio da repartição, que aprendera a escutar o tempo em vez de apenas contá-lo, acrescentou que algumas horas demoram mais a começar porque transportam ainda o peso discreto do dia anterior. A formiga escutava todas aquelas observações e tinha a impressão de que o vale inteiro começava lentamente a compreender uma nova espécie de lentidão. Na manhã seguinte decidiu permanecer junto da pedra desde o nascer do Sol. Não levava consigo a enciclopédia nem qualquer intenção de medir temperaturas. Queria apenas assistir ao momento em que a pedra deixava de estar fria. Sentou-se ao seu lado. O pássaro pousou num ramo próximo. O rio continuou a ler as folhas que lhe chegavam. Aos poucos, sem que nenhum deles conseguisse indicar o instante exacto, a pedra começou a aquecer. Não aconteceu de repente. O calor espalhouse lentamente pela sua superfície, como uma conversa muito antiga que reencontra finalmente as palavras de que precisava. A formiga colocou delicadamente uma das patas sobre a pedra e sorriu. Percebeu que aquela demora não era um defeito. Era a maneira que a pedra encontrara de respeitar tudo aquilo que existira antes dela ocupar aquele lugar. Ao regressar à biblioteca das migalhas impossíveis, abriu a enciclopédia numa página ainda vazia. Escreveu apenas uma frase:

“Há memórias que não se recordam com a cabeça. Recordam-se com o tempo que certas coisas levam a voltar a aquecer.” Fechou cuidadosamente o livro e voltou a colocá-lo na estante. Lá fora, o Sol continuava a subir sobre o vale. A pedra viajante permanecia imóvel junto ao caminho, agora já morna. Quem passasse por ali nesse momento dificilmente perceberia a longa história escondida sob a sua superfície. Mas a formiga sabia que, às vezes, a maior delicadeza do mundo consiste precisamente em aquecer alguém sem lhe pedir que esqueça primeiro aquilo que perdeu.

43 O Lugar Onde as Perguntas Iam Descansar



Havia, no extremo norte do vale, uma pequena clareira que quase ninguém visitava. Não porque fosse difícil de alcançar. O caminho passava muito perto dela e a ponte conduzia naturalmente nessa direcção. Simplesmente não havia ali nada que chamasse imediatamente a atenção. Não existiam árvores particularmente antigas, nem pedras de formas invulgares, nem flores raras. Apenas um círculo de erva baixa, um pequeno afloramento de rocha e um velho freixo que deixava passar a luz entre os ramos com uma delicadeza difícil de descrever. Ainda assim, quem ali permanecesse durante algum tempo acabava por sentir uma estranha serenidade, como se o lugar tivesse sido construído para acolher pensamentos cansados. Foi o pássaro quem o descobriu por acaso. Regressava de uma viagem longa e trazia consigo perguntas recolhidas em muitos lugares. Algumas pertenciam às aves migratórias. Outras tinhamlhe sido confiadas por árvores que nunca aprenderiam a deslocar-se. Ha-

via ainda perguntas vindas de rios distantes, de pedras partidas pelo gelo e de nuvens que atravessavam continentes inteiros sem encontrar resposta. Sentia a cabeça surpreendentemente pesada. Quando pousou naquela clareira, aconteceu uma coisa inesperada. As perguntas não desapareceram, mas deixaram de exigir uma resposta imediata. Permaneceram consigo, embora muito mais leves, como livros que já não precisassem de ser lidos todos no mesmo dia. Contou a experiência à formiga, que decidiu investigar. Levou consigo um pequeno caderno onde anotara dúvidas que nunca conseguira resolver. Eram perguntas simples apenas na aparência: como sabem as raízes onde termina a pedra? Porque regressam certas memórias quando começa a chover? Onde começa exactamente uma sombra? Sentou-se junto ao freixo e permaneceu em silêncio durante toda a tarde. Quando regressou à biblioteca, verificou que nenhuma dessas perguntas tinha encontrado solução. Curiosamente, deixaram de a inquietar. Pareciam ter aprendido a esperar. Pela primeira vez compreendeu que algumas perguntas adoecem não por falta de resposta, mas por excesso de impaciência. O musgo interessou-se imediatamente pela clareira. Aproximou-se dela numa manhã húmida e descobriu que os silêncios ali possuíam uma textura diferente. Não eram mais profundos nem mais longos. Eram mais hospitaleiros. Davam a impressão de acolher qualquer pensamento sem o obrigar a transformar-se logo em conclusão. O velho fungo que traduzia as árvores explicou que, muito abaixo daquele lugar, convergiam raízes de espécies diferentes. Não competiam entre si. Limitavam-se a to-

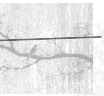
car-se discretamente antes de seguirem caminhos separados. Talvez fosse essa convivência subterrânea que ensinava também às perguntas uma forma mais paciente de existir.

Pouco a pouco, o lugar tornou-se conhecido entre os habitantes do vale. A baleia pedia à lontra que ali deixasse, de tempos a tempos, dúvidas trazidas do lago. O relógio da repartição parecia acertar naturalmente o seu ritmo sempre que alguém regressava da clareira. O banco junto ao rio reconheceu naquele espaço um parente distante. Também ele aprendera que certas conversas não terminam; apenas descansam até encontrarem quem as possa continuar. Até o vento, que durante tantos anos recolhera perguntas para as transportar de um lugar para outro, começou a deixá-las ali durante algum tempo antes de prosseguir viagem. Descobriu que uma pergunta repousada viaja melhor do que uma pergunta inquieta. Numa tarde de fim de Verão, a formiga abriu a enciclopédia precisamente na página onde, muito tempo antes, escrevera que o vento transportava perguntas para impedir que envelhecessem no mesmo lugar. Sorriu ao perceber que ainda acreditava nessa ideia. Acrescentou apenas uma frase logo por baixo: “Há perguntas que precisam de viajar. Outras precisam apenas de encontrar um lugar onde ninguém as obrigue a responder demasiado cedo.” Depois fechou cuidadosamente o livro. Não sentiu necessidade de arquivar aquela clareira como um fenómeno extraordinário. Havia lugares cuja função não consiste em acrescentar conhecimento ao mundo, mas em proteger a delicadeza daquilo que ainda não sabemos. Quando

o Sol começou a desaparecer por detrás das colinas, o pássaro voltou a pousar no velho freixo. Escutou o rio ao longe, o movimento quase invisível das árvores e o trabalho silencioso das raízes sob a terra. Não pensava em nada em particular. Também não deixara de pensar. Simplesmente aprendera que existe uma diferença subtil entre procurar respostas e oferecer descanso às perguntas. Ao levantar voo, levou consigo apenas uma delas. Todas as outras permaneceram tranquilamente na clareira, certas de que o mundo continuaria a crescer à sua volta, mesmo antes de alguém descobrir a maneira exacta de as formular.

A LUZ QUE CHEGAVA PELAS RAÍZES

44



Durante muitos anos, as árvores do vale acreditaram que a luz vinha exclusivamente do céu. Era uma conclusão razoável. Todas as manhãs, o Sol aparecia por detrás das colinas e pousava primeiro nos ramos mais altos, depois nas folhas, no musgo dos troncos e, por fim, na terra. Mesmo nos dias de chuva permanecia no ar uma claridade difusa que parecia descer sobre as coisas. Nenhuma árvore tinha motivos para suspeitar de que a luz pudesse viajar na direcção contrária.

A primeira a reparar foi uma raiz muito fina do velho freixo da clareira onde as perguntas iam descansar. Crescia por baixo de uma pedra, entre galerias de formigas e fios de um fungo que ligava várias árvores. As raízes conhecem formas de sentir que os animais raramente compreendem. Naquela noite, encontrou uma coisa para a qual ainda não existia qualquer sensação conhecida.

Não era calor nem água. A raiz sentiu uma claridade sem a ver, uma presença que se deslocava através da terra e iluminava o interior das coisas sem alterar a escuridão. Subia por filamentos de fungos, atravessava areia e contornava ossos antigos. Parecia a recordação de uma manhã conservada pela terra desde um tempo em que o vale ainda não possuía criaturas capazes de lhe atribuir um nome.

O freixo sentiu-a chegar ao tronco pouco antes do amanhecer. A claridade percorreu os anéis que guardavam os anos de seca, demorou-se nas cicatrizes deixadas pelos ramos perdidos e alcançou a parte mais alta da copa. Visto do exterior, nada se modificou. No entanto, cada folha recebeu pelo pecíolo uma luminosidade tão discreta que durante alguns momentos confundiu a noite com a possibilidade do dia.

Quando o pássaro regressou à clareira, pousou no ramo habitual e sentiu uma vibração subir pela madeira. As formas em redor pareciam ter perdido parte da sua separação. A pedra junto ao caminho já não terminava exactamente onde começava o musgo; a erva prolongava-se na humidade, e a humidade parecia pertencer ao ar. Aquela claridade subterrânea tornava visíveis relações que o dia costumava esconder. Um ramo era também a continuação de um tronco, de muitas raízes, de uma camada de água e das vidas minúsculas que transportavam alimento através do solo.

A formiga chegou pouco depois com um caderno e um instrumento construído com uma lasca de mica. Ao descer à biblioteca das migalhas impossíveis, verificou que a claridade atravessava os livros. Uma frase sobre o voo continuava noutra página dedicada às pedras; uma observação acerca da chuva encontrava resposta num volume sobre raízes. Perguntas arquivadas em prateleiras distantes revelavam pertencer ao mesmo pensamento.

Na secção mais funda, encontrou os filamentos do fungo a conduzir uma corrente pálida. O instrumento permaneceu silencioso. A luz atravessava a rede sem escolher um destino, dividindo-se em milhares de caminhos e chegando às árvores, às ervas e às sementes adormecidas. Em vez de diminuir com a distância, tornava-se mais extensa sempre que encontrava outra forma de vida.

Ao nascer do Sol, a claridade do céu encontrou a luz que subia da terra. Uma tocava a superfície das folhas; a outra chegava-lhes pelo interior. A primeira revelava cores, sombras e distâncias. A segunda mostrava continuidades. Juntas, não tornavam o mundo mais brilhante, mas faziam-no parecer menos dividido.

Ao longo desse dia, cada criatura sentiu uma alteração diferente. A baleia viu no lago os percursos da água antes de esta chegar ali. O rio percebeu que cada corrente conservava qualquer coisa das pedras. Os insectos descobriram que os seus pequenos trajectos participavam em desenhos maio-

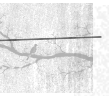
res. Nada durou o suficiente para se transformar numa certeza, mas permaneceu tempo bastante para modificar uma dúvida.

A formiga tentou registar o acontecimento. Escreveu que a luz não brilhava, não projectava sombras e permitia às coisas sentir as ligações de que eram feitas. Depois riscou a frase. Se as ligações já existiam, talvez a luz não as revelasse; talvez fosse precisamente o movimento dessas ligações a produzir claridade. Desenhou então uma raiz atravessada por linhas muito finas e, em redor, marcou pontos correspondentes ao pássaro, ao rio, ao fungo, às pedras e às árvores. O desenho parecia simultaneamente uma constelação e um sistema nervoso.

No final da tarde, a claridade recuou das folhas para os ramos, dos ramos para os troncos e dos troncos para as raízes. O vale regressou à sua aparência habitual, embora os sons parecessem diferentes. O movimento do rio continha o peso das pedras; o bater das asas transportava qualquer coisa da árvore que sustentara o pássaro; o vento atravessava o vale como se conhecesse por dentro todas as folhas que fazia estremecer.

Na clareira, as perguntas continuavam a repousar em redor do velho freixo. Sob a terra, as raízes tocavam o fungo, a água, os minerais e as raízes de outras árvores. Nada brilhava, mas a luz deixara uma abertura discreta entre as coisas. Antes de a primeira ave cantar, o vale começou a escutar o lugar de onde esse canto haveria de nascer.

45 O Dia em que o Vale Escutou o Silêncio



Ninguém soube dizer quando começou. Não houve um momento preciso, nem um acontecimento que pudesse ser apontado como origem. O vale acordou como em qualquer outra manhã. O rio prosseguia o seu caminho entre as margens, a baleia observava lentamente o céu reflectido na superfície do lago, o pássaro experimentava as primeiras correntes de ar e a formiga atravessava o caminho em direcção à biblioteca das migalhas impossíveis. Tudo parecia exactamente igual ao dia anterior. Apenas existia uma diferença quase imperceptível. Os sons não tinham desaparecido, mas pareciam nascer de um silêncio muito mais profundo do que era habitual. O pássaro foi o primeiro a reparar. Estava pousado na árvore a que aprendera a chamar "aqui" quando ouviu o canto de outra ave vindo do outro lado do bosque. Conhecia bem aquele canto. Contudo, nessa manhã, antes da primeira nota existir, pareceu-lhe escutar o espaço onde ela iria acontecer. Não era ausência de som.

Também não era expectativa. Era uma espécie de abertura, um lugar disponível onde o canto podia surgir sem perturbar nada. Intrigado, permaneceu imóvel durante largos minutos. Quanto mais atentamente escutava, mais compreendia que todos os sons do vale pareciam nascer daquele mesmo silêncio comum, como folhas pertencentes à mesma árvore invisível. A formiga teve uma experiência semelhante na biblioteca. Ao abrir a porta, ouviu o leve ranger da madeira, o deslizar de uma pequena pedra sobre uma prateleira e o discreto bater de asas de um insecto que saía por uma janela. Nada daquilo era novo. O que mudara era a maneira como cada som parecia respeitar os restantes. Nenhum procurava sobrepor-se. Nenhum parecia interromper o outro. Recordou-se imediatamente do banco que guardava conversas inacabadas, da clareira onde as perguntas iam descansar e do espelho que demorava um instante a despedir-se das imagens. Talvez também os sons tivessem aprendido a fazer companhia uns aos outros. O musgo sorriu quando ouviu estas observações. Durante muito tempo coleccionara silêncios sem conseguir explicar exactamente porque o fazia. Agora começava a suspeitar de que nunca coleccionara o silêncio em si. Coleccionara os lugares onde os sons aprendiam a nascer. Levou a formiga até junto de uma pedra coberta de líquenes e pediu-lhe apenas que permanecesse imóvel. Aos poucos, começaram a distinguir coisas que normalmente passavam despercebidas: a dilatação quase imperceptível da casca de uma árvore aquecida pelo Sol, o trabalho paciente de um insecto debaixo da terra, a água infiltrando-se lentamente entre dois grãos de areia. O vale

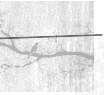
nunca estivera verdadeiramente silencioso. Era apenas muito mais delicado do que a maior parte dos seus habitantes conseguia escutar.

Ao cair da tarde, a baleia enviou uma mensagem através da lontra. Contava que, nas profundezas do lago, acontecia exactamente o mesmo. Entre dois movimentos da água existia sempre um breve intervalo onde o mundo parecia respirar sem produzir qualquer ruído. Não era um vazio. Era um lugar de encontro. O velho fungo acrescentou que as raízes também conheciam esse intervalo. Antes de cada troca de alimento, antes de cada aviso ou de cada tradução entre árvores diferentes, havia sempre um instante de completa disponibilidade. Era nesse pequeno espaço que cada mensagem encontrava a forma adequada para existir. A formiga caminhou lentamente até ao banco junto ao rio. Sentou-se sem abrir a enciclopédia. Pela primeira vez desde que começara a escrevê-la, não sentiu necessidade de acrescentar uma definição. Compreendeu que algumas descobertas se tornam menores quando são imediatamente transformadas em palavras. Permaneceu ali até o Sol desaparecer completamente. À sua volta continuavam a ouvir-se o rio, o vento, as folhas, o voo distante do pássaro e o discreto tilintar da velha colher que, em certas noites, ainda recordava a estrela de onde imaginava ter vindo. Todos esses sons permaneciam diferentes. No entanto, pareciam agora participar de uma mesma escuta. Só já de noite abriu finalmente a enciclopédia. Não escreveu uma nova entrada. Limitou-se a acrescentar uma frase no rodapé de uma página quase cheia: “Talvez o silêncio não seja

aquilo que fica quando os sons desaparecem. Talvez seja aquilo que todos os sons partilham antes de escolherem a forma como vão nascer.” Depois fechou cuidadosamente o livro. O vale permanecia desperto sob as estrelas. E, durante um breve instante, pareceu-lhe que até o próprio silêncio escutava, com infinita atenção, a lenta conversa de todas as coisas vivas.

A Árvore que Aprendeu a Sonhar com os Pássaros

46



Durante quase toda a sua vida, a árvore sonhara apenas com aquilo que conhecia. Sonhava com raízes que desciam cada vez mais fundo, com a lenta passagem da água entre as pedras, com o crescimento dos anéis escondidos no interior do tronco e com as estações que regressavam sem nunca serem exactamente iguais. Os seus sonhos tinham o ritmo da madeira. Cresciam muito devagar e permaneciam consigo durante anos, por vezes durante décadas. Nunca lhe ocorrera que pudesse sonhar com qualquer coisa que não lhe pertencesse. Foi numa madrugada de Verão que tudo mudou. O pássaro dormia num dos seus ramos mais altos quando a árvore teve um sonho invulgar. Sonhou que voava. Não como uma folha levada pelo vento nem como uma semente transportada para longe da árvore-mãe. Voava verdadeiramente, descrevendo círculos largos sobre o vale, vendo o rio transformar-se numa linha brilhante, a ponte tornar-se cada vez mais pequena e a biblioteca das migalhas

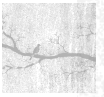
impossíveis reduzir-se a um discreto ponto entre as raízes. Ao acordar, a árvore permaneceu muito tempo em silêncio. Sabia perfeitamente que nunca deixara o lugar onde nascera. Mesmo assim, conservava uma memória muito nítida da leveza do voo. Quando o pássaro acordou, reparou imediatamente naquela estranha quietude. Perguntou à árvore se acontecera alguma coisa durante a noite. A árvore contou-lhe o sonho com algum embaraço, como quem receia parecer ridícula. O pássaro ouviu atentamente sem a interromper. Depois respondeu que também ele sonhava, por vezes, com raízes. Havia noites em que imaginava permanecer imóvel durante séculos, escutando apenas a terra, a chuva e o lento crescimento do musgo sobre a casca. Ambos permaneceram em silêncio durante alguns minutos. Nunca lhes ocorrera que os sonhos pudessem atravessar de um ser para outro. A notícia chegou rapidamente à formiga, que se mostrou fascinada pela hipótese. Consultou as notas antigas da enciclopédia, procurando algum caso semelhante. Encontrou referências ao espelho que demorava a despedir-se das imagens, ao eco que guardava vozes antigas e ao banco que conservava conversas inacabadas. Em todos esses casos existia qualquer coisa que continuava a viver depois de aparentemente terminada. Talvez os sonhos obedecessem à mesma lógica. Talvez nunca pertencessem inteiramente a quem os sonhava. Talvez circulassem lentamente pelo vale, pousando de tempos a tempos em seres diferentes. O velho fungo ouviu estas reflexões com um sorriso discreto. Explicou que as raízes transportam água, alimento e mensagens, mas ninguém sabe exactamente tudo o que

circula entre elas. Há muito suspeitava de que certas imagens também viajavam pelo subsolo, transformando-se lentamente até encontrarem alguém capaz de as sonhar. A baleia, ao receber a história através da lontra, enviou uma observação semelhante. Contava que, nas noites completamente imóveis, também ela acordava por vezes com a recordação de montanhas que nunca vira e de florestas onde jamais poderia entrar. Sempre pensara tratar-se da imaginação. Agora começava a admitir outra possibilidade. Nos dias seguintes, os habitantes do vale passaram a prestar mais atenção aos próprios sonhos. O musgo confessou ter sonhado com nuvens muito antes de conhecer o céu. A pedra viajante lembrava-se de uma estranha sensação de água correndo à sua volta, muito antes de alguma vez ter repousado junto do rio. A colher contou que, numa noite distante, sonhara voltar a ser minério escondido na montanha, mas que, curiosamente, nesse sonho havia um pássaro a cantar dentro da pedra. Quanto mais partilhavam essas recordações, mais difícil se tornava distinguir onde terminava a experiência de um e começava a imaginação do outro. Numa tarde tranquila, o pássaro voltou a pousar na árvore. Não disseram grande coisa. O vento atravessava lentamente o bosque e algumas folhas começavam já a anunciar o Outono. Antes de adormecer para uma breve sesta, o pássaro perguntou à árvore com que sonharia nessa noite. A árvore respondeu que não sabia e que talvez esse fosse o verdadeiro privilégio dos sonhos: permitirem-nos visitar mundos onde nunca viveremos sem precisarmos de abandonar aquilo que somos. O pássaro fechou os olhos. A árvore fez o mesmo à

sua maneira, mergulhando lentamente na quietude da seiva. Ao anoitecer, a formiga escreveu apenas uma frase numa margem ainda livre da enciclopédia: “Talvez a imaginação seja o lugar onde todas as formas de vida se encontram antes de regressarem às suas diferenças.” Depois fechou cuidadosamente o livro e saiu para o exterior. O pássaro continuava a dormir sobre o ramo. A árvore permanecia imóvel sob as primeiras estrelas. Ninguém saberia dizer quem sonhava quem. Talvez já não fosse essa a pergunta mais importante.

O Dia em que o Vale Respirou ao Mesmo Tempo

47



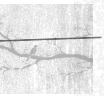
Aconteceu sem anúncio e sem motivo aparente. Ninguém acordou com a sensação de que aquele seria um dia diferente. A formiga abriu a biblioteca das migalhas impossíveis como fazia todas as manhãs, verificando se durante a noite algum objecto encontrara uma nova vizinhança. O pássaro sobrevoou o bosque para descobrir que árvores tinham recebido primeiro a luz do amanhecer. A baleia aproximou-se lentamente da superfície do lago para observar a passagem das nuvens. O musgo continuou a recolher silêncios junto ao velho muro, enquanto o fungo escutava a longa conversa subterrânea das raízes. Tudo parecia obedecer ao ritmo habitual do vale. Contudo, havia qualquer coisa de quase imperceptível que começava lentamente a aproximar todos aqueles gestos. Foi o relógio da repartição quem primeiro estranhou a situação. Não porque os ponteiros se tivessem atrasado ou adiantado, mas porque lhe parecia impossível dis-

tinguir onde terminava uma hora e começava a seguinte. O tempo corria com a serenidade de sempre, mas havia uma inesperada continuidade entre todas as coisas. Quando o pássaro levantava voo, o rio parecia acompanhar-lhe o movimento. Quando uma folha pousava sobre a terra, o lago respondia com uma pequena ondulação. Quando a formiga fechava um volume da enciclopédia, uma raiz distante modificava discretamente a sua direcção. Nenhum destes acontecimentos dependia directamente dos outros. Ainda assim, pareciam participar numa mesma respiração. Ao longo do dia, muitos habitantes começaram a reparar em pequenas coincidências. A pedra viajante sentiu o calor do Sol exactamente no momento em que a nuvem que aprendera a descer devagar abandonava a sombra do bosque. A colher recordou a estrela imaginária de onde acreditava ter vindo precisamente quando o peixe, no lago, recolhia mais um reflexo para a sua invisível colecção. O banco junto ao rio, habituado a guardar conversas inacabadas, permaneceu vazio durante toda a manhã e, curiosamente, nunca lhe parecera tão cheio. Até o vento, que durante tanto tempo transportara perguntas de um lugar para outro, atravessava agora o vale sem recolher nenhuma. Parecia satisfeito por escutar apenas aquilo que já existia. A formiga decidiu então caminhar sem destino. Não procurava uma resposta. Desejava apenas perceber se aquela estranha harmonia era real ou se nascia apenas da sua imaginação. Passou pela ponte, atravessou o jardim da Guardiã, deteve-se junto da clareira onde as perguntas iam descansar e terminou o percurso debaixo da árvore a que o pássaro aprendera a chamar

"aqui". Em todos esses lugares encontrou a mesma serenidade. Não era uma imobilidade. O vale continuava profundamente vivo. As raízes cresciam, os insectos trabalhavam, a água corria e as nuvens viajavam. O que mudara era outra coisa. Cada movimento parecia reconhecer silenciosamente a existência dos restantes, como instrumentos diferentes pertencentes à mesma música. Ao entardecer, a baleia enviou uma mensagem através da lontra. Dizia apenas que o lago respirara exactamente ao mesmo ritmo do bosque durante alguns minutos. O rio respondeu que lhe acontecera o mesmo com as margens. O fungo comentou que nunca observara uma circulação tão tranquila entre as raízes. O musgo sorriu sem acrescentar palavra alguma. Parecia reconhecer aquele instante desde muito antes de todos os outros. Talvez os silêncios que coleccionara ao longo dos anos estivessem, afinal, à espera de um dia como aquele. Quando o Sol desapareceu para lá das colinas, a formiga regressou à biblioteca. Em vez de abrir imediatamente a enciclopédia, percorreu lentamente todas as estantes. Observou a pedra colocada junto da pena, a folha repousando ao lado da gota seca de chuva, o pequeno fragmento de casca próximo da pergunta sem dono. Compreendeu que a biblioteca sempre procurara exactamente aquilo que agora acontecia em todo o vale: não reunir coisas iguais, mas permitir que diferenças muito antigas aprendessem a coexistir sem deixarem de ser diferentes. Só então abriu o livro. Não escreveu uma nova definição. Limitou-se a acrescentar uma frase muito pequena no fundo da última página preenchida: “Talvez um mundo esteja completo não quando tudo se torna

igual, mas quando cada ser consegue respirar sem impedir a respiração dos outros.” Fechou cuidadosamente a enciclopédia e apagou a luz da biblioteca. Lá fora, o vale mergulhava lentamente na noite. Nenhum dos seus habitantes sabia que, no dia seguinte, todos voltariam a encontrar-se de uma maneira que nunca antes acontecera. Mas, de algum modo, parecia que o próprio vale já o sabia.

48 Quando os Pássaros Esquecem o Nome das Árvores



Na manhã seguinte, ninguém recebeu um convite e ninguém marcou uma hora. Ainda assim, pouco a pouco, os habitantes do vale começaram a dirigir-se para a clareira onde o velho freixo acolhia as perguntas cansadas. A formiga chegou primeiro, trazendo a enciclopédia debaixo do braço, não porque tencionasse escrever, mas porque já lhe parecia estranho caminhar sem ela. O pássaro pousou discretamente num ramo próximo. A baleia permaneceu no lago, demasiado distante para abandonar a água, mas a sua presença chegava através da lontra, que transportava notícias com a mesma naturalidade com que transportava o brilho das margens. O musgo ocupava silenciosamente uma pedra aquecida pelo Sol. A pedra viajante encontrava-se alguns centímetros mais adiante do que na estação anterior. O fungo continuava invisível sob a terra, embora todos soubessem que escutava. A ponte recebia os últimos caminhantes. O banco permanecia vazio, como se também ele de-

sejasse assistir àquele encontro. Durante muito tempo ninguém falou. Não era um silêncio de expectativa. Também não era um silêncio cerimonial. Era simplesmente o modo mais natural de estarem juntos. O rio continuava a ler as folhas que lhe chegavam. O vento atravessava lentamente o bosque sem necessidade de recolher perguntas. O relógio da repartição marcava uma hora que certamente não coincidia com a de nenhum outro lugar do mundo, mas que parecia suficiente para todos os presentes. A luz descia pelas copas das árvores enquanto outra claridade, mais discreta, subia lentamente pelas raízes. A formiga teve então a impressão de que aquele instante não pertencia apenas aos seres reunidos na clareira. Pertencia igualmente a tudo aquilo que, ao longo dos meses, aprendera silenciosamente a existir em comum. Foi o pássaro quem interrompeu primeiro aquele sossego. Não através de um discurso, mas de uma pergunta. Voltou-se para a árvore onde tantas vezes dormira e perguntou-lhe, quase a sorrir, se ela continuava a lembrar-se do próprio nome. A árvore demorou a responder, como sempre fizera. As folhas moveram-se levemente. Uma delas desprendeu-se do ramo e desceu até junto da formiga. O pássaro observou-a pousar sobre a terra e, pela primeira vez desde aquela manhã distante em que acordara sem memória, percebeu que já não precisava da resposta. Sorriu com uma serenidade que só a idade ou a amizade costumam oferecer. Chamou-lhe simplesmente “aqui”, como fizera no princípio. A árvore não pareceu ofendida. Pelo contrário, as suas folhas estremeceram como se reconhecessem naquele pequeno gesto uma forma muito antiga de grati-

dão. A formiga abriu lentamente a enciclopédia. Percorreu as primeiras páginas, onde ainda se viam as notas hesitantes dos primeiros dias. Passou depois pelas histórias da colher, do musgo, da biblioteca, da ponte, da chuva, do espelho, do banco, do peixe, da folha, do relógio, da luz, dos sonhos e de tantos outros encontros. Ao chegar à última página escrita, permaneceu algum tempo imóvel. O pássaro aproximou-se para espreitar por cima do seu ombro. Esperava talvez uma definição fi nal, uma explicação capaz de reunir todas as anteriores. Em vez disso, a formiga fechou cuidadosamente o livro. O pássaro perguntou-lhe se a enciclopédia estava finalmente terminada. A formiga respondeu que não. Explicou que, no início, acreditava que uma enciclopédia servia para organizar o mundo. Mais tarde julgara que servia para o compreender. Agora suspeitava de uma terceira possibilidade. Talvez uma verdadeira enciclopédia exista apenas para ensinar quem a escreve a prestar atenção. O livro nunca conseguira conter o vale. Fora o vale que, lentamente, aprendera a escrever-se dentro dela. Enquanto pronunciava estas palavras, pousou a mão sobre a capa já gasta do volume e compreendeu que nenhum conhecimento permanece vivo se deixar de escutar aquilo que ainda não conhece. Nesse instante, aconteceu uma coisa tão discreta que quase passou despercebida. Um pássaro muito jovem, vindo de um bosque distante, pousou num ramo do freixo e perguntou, com a naturalidade de quem faz a primeira pergunta importante da vida, como se chamava aquela árvore. O velho pássaro olhou para a formiga. A formiga olhou para a árvore. A árvore permaneceu em si-

lêncio. Depois, quase ao mesmo tempo, todos sorriram. Ninguém respondeu. O pequeno pássaro inclinou a cabeça, observou demoradamente o tronco, a sombra, as raízes, as folhas, o vento que passava entre os ramos e a luz que começava a atravessar o bosque. Ficou assim durante bastante tempo. Depois acomodou as penas, fechou os olhos por um instante e murmurou apenas: — Aqui. A palavra espalhou-se pelo vale sem precisar de eco. O rio continuou o seu caminho. A baleia mergulhou lentamente. O fungo prosseguiu a tradução invisível das árvores. O relógio esqueceu-se, por alguns segundos, de contar o tempo. O musgo recolheu mais um silêncio. A biblioteca permaneceu aberta, preparada para acolher aquilo que ainda viesse a acontecer.

E, enquanto o dia prosseguia com a tranquilidade de todos os dias verdadeiros, parecia impossível saber onde terminava o mundo e onde começava a imaginação. Talvez porque nunca tivesse existido uma fronteira entre ambos. Talvez porque, desde o princípio, os pássaros nunca tivessem esquecido verdadeiramente o nome das árvores. Tinham apenas descoberto que há nomes que não cabem numa palavra, mas numa forma inteira de habitar o mundo.

Quando os Pássaros Esquecem o Nome das Árvores
Vítor Rua

© 2026 Vítor Rua. Todos os direitos reservados.
Edição: Asoka Miau Records · Lisboa.

Este livro foi composto onde a tinta encontra a raiz e cada página aprende, por instantes, a escutar o bosque.